

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA



CLÍTICOS PRONOMINAIS EM PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

Ermelinda Lúcia Atanásio Mapasse

MESTRADO EM LINGUÍSTICA
(Linguística Portuguesa)

Dissertação feita sob a orientação da Professora Doutora Inês Duarte
e a co-orientação da Professora Doutora Isabel Leiria.

2005

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA



CLÍTICOS PRONOMINAIS EM PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

Ermelinda Lúcia Atanásio Mapasse

**MESTRADO EM LINGUÍSTICA
(Linguística Portuguesa)**

Dissertação feita sob a orientação da Professora Doutora Inês Duarte
e a co-orientação da Professora Doutora Isabel Leiria.

2005

Declaro que esta dissertação de Mestrado nunca foi apresentada, na essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicados no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

DEDICATÓRIA

*Esta tese dedico aos que
Supliquei deles o invisível sacrifício
Itinerante que a esperança dada:*

*Me tornaram as duras lágrimas nostálgicas
Em suaves as inquietantes saudades.*

*Me Tornaram a tristeza em dócil malícia
E as espinhosas vozes em silêncio prudente
E as incertezas aguçadas em pacifista esperança.*

*Me tornaram as carências em recebimento encorajante
E, acima de tudo, a compreensão familiar voluntariosa
Perante privações do afecto e calor caseiro
Serviu de hipermotivação para a realização do meu,
Vosso e nosso sonho.*

*Assim, para vós: Wanda, Sílvio e Rafael dos Santos
Irradio a minha imensa gratidão!*

e

*Aos meus pais: Lúcia da Cruz e Atanásio Mapasse que não puderam viver tempo suficiente para
viver este sonho da filhinha deles, Lindane.*

Lindane

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar expresso o meu agradecimento a todos aqueles que em diferentes tempos e lugares, e de diferentes maneiras, contribuíram para a concretização deste trabalho.

Às Professoras Inês Duarte e Isabel Leiria, minhas orientadoras de tese, um reconhecimento profundo e uma dívida intelectual imensa. Aceitaram dirigir esta dissertação, tendo acompanhado de perto as diferentes etapas da sua realização, com críticas e sugestões. A elas devo o incentivo constante para prosseguir o meu trabalho, uma imensa disponibilidade, o tempo e quase todo o saber. Sem a sua confiança repetidamente manifestada este trabalho não existiria.

Às Professoras Inês Duarte, Isabel Leiria, Anabela Gonçalves, Maria João Freitas, Perpétua Gonçalves, Ana Isabel Mata e Amália Mendes, cujo ensino foi fundamental para a minha formação como linguista. A sua confiança, indispensável no caminho da investigação.

A todas as pessoas que, em Moçambique e em Lisboa, de uma forma ou de outra me ajudaram: concedendo-me o privilégio de com eles dialogar sobre aspectos deste estudo, fazendo críticas e dando sugestões, estimulando-me com a confiança que em mim depositaram, albergando-me, financiando as minhas passagens aéreas. E houve aqueles que não fizeram apenas uma destas coisas. Apesar do risco de omissão, não posso deixar de registar alguns nomes: Otília Frangoules, Elisa Rajamo, Isabel Miranda, Afonso, Geninho, Alice Magalhães e Maria Gomes.

Um agradecimento redobrado vai para os meus amigos e colegas Anabela Fidalgo Mendes, José Rafael Mause, José dos Santos Baptista, Orbai, Judite Mapoissa. Deles recebi sugestões, críticas, confiança, estímulo e, sobretudo, muita amizade.

Aos meus alunos, interlocutores pacientes e perspicazes, que ao longo da minha vida profissional têm sido um constante estímulo e aos meus inquiridos que, gentilmente, aceitaram colaborar na produção de materiais para que este trabalho fosse possível.

Ao Instituto Camões, por me ter concedido a bolsa para a frequência do curso de Mestrado em Linguística Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Ao Governo da cidade de Nampula.

Ao Director Provincial de Educação, Doutor Mário Viegas.

Aos meus irmãos, meus cunhados e meus sogros, pela amizade.

De todos os erros sou a única responsável.

Sumário

A presente dissertação tem como objectivo contribuir para uma melhor compreensão do uso dos clíticos pronominais em Moçambique, que parece distanciar-se da norma padrão do PE, por falantes com diferentes níveis de escolaridade: básico, médio e superior; por profissionais de informação que em princípio fazem uso da norma e por falantes de diversas camadas sociais, com diferentes níveis de competência linguística. Analisaremos comparativamente os resultados sobre a selecção e colocação dos clíticos pronominais obtidos em quatro tipos de materiais: redacções escolares, editoriais, cartas de leitores e um teste de comportamento linguístico provocado.

Em Moçambique, a variável escolaridade é relevante para o acesso à norma padrão do PE. Esta investigação sobre os clíticos pronominais com dados organizados por níveis de escolaridade, para além de permitir observar o tipo de mudanças operadas nos padrões de colocação dos clíticos pronominais no Português de Moçambique, pode ser um bom indicador da influência da variável escolaridade na variação e mudança linguística.

A dissertação compreende uma introdução e quatro capítulos. Na **introdução**, faz-se a apresentação do tema, os objectivos, as hipóteses e a metodologia. No **primeiro capítulo**, apresentam-se os vários tipos de clíticos, assim como o seu comportamento sintáctico. Apresentam-se ainda alguns estudos realizados sobre os clíticos pronominais em PE, PB e PM. No **segundo capítulo**, informa-se sobre as características da população e da amostra que constitui o *corpus*, e sobre os métodos de análise utilizados no tratamento dos dados. No **terceiro capítulo**, mostram-se e comentam-se os resultados do estudo realizado e discutem-se estes na base das hipóteses formuladas. Finalmente, no **quarto capítulo**, resumem-se as principais conclusões do trabalho e fazem-se algumas sugestões para investigações futuras e para o ensino de Português no contexto moçambicano.

Abstract

The present dissertation aims to contribute to a better understanding of the use of pronominal clitics in Mozambique, which seems to deviate from the European Portuguese pattern when used by speakers of different schooling levels (lower, secondary and higher education), by professionals of the media (who, in principle, follow the norm) and by speakers belonging to different social strata and having different levels of linguistic competence. We will compare results the selection and the concerning word order patterns of the pronominal clitics in four kinds of documents: student compositions, editorials, readers' letters and na elicitation test.

In Mozambique, the schooling factor is relevant for the access to the European Portuguese norm. This research about pronominal clitics, with data organized by schooling levels, besides, it helps to make clear the type of changes currently being produces on clitic selection and clitic placement in Mozambique Portuguese, may be a good indicator of the influence of the schooling variable on linguistic variation.

This dissertation includes an introduction and four chapters. The **introduction** presents the theme, the goals, the hypotheses and the methodology. **First chapter** presents the various types of clitics as well as their syntactic behaviour. Some studies of the pronominal clitics in the European Portuguese, Brazilian Portuguese and the Portuguese from Mozambique are also presented in this chapter. **Second chapter** concerns population characteristics, *corpus* and methods used on data analysis. The results of the study are presented and discussed on the **third chapter** with reference to the initial hypotheses. Finally, the **fourth chapter** summarises the main conclusions of the thesis, with suggestions for further research and for the teaching of Portuguese in Mozambique.

Résumé

La présente dissertation a l'objectif de contribuer à une meilleure compréhension de l'utilisation des clitiques pronominaux au Mozambique, qui semblent se distancier de la norme standard du PE, par des locuteurs de différents niveaux de scolarité (basique, moyen et supérieur) ; par des professionnels de l'information qui utilisent en principe la norme; et par des locuteurs de diverses couches sociales, à différents niveaux de compétence linguistique. Nous analyserons comparativement les résultats relatifs à la sélection et au placement des clitiques pronominaux obtenus à partir de quatre types de sources : des rédactions scolaires, éditoriales, des lettres de lecteurs et un test de comportement linguistique provoqué.

Au Mozambique, le paramètre de la scolarité influence l'accès à la norme standard du PE. Cette recherche sur les clitiques pronominaux, avec des données organisées par niveaux de scolarité, permet non seulement d'observer le type de changements opérés dans les normes de placement des clitiques pronominaux en portugais du Mozambique, mais aussi de mettre en évidence l'influence du paramètre de la scolarité dans la variation linguistique.

La dissertation comprend une introduction et quatre chapitres. Dans l'**introduction** sont présentés le thème, les objectifs, les hypothèses et la méthodologie. Dans le **premier chapitre** sont présentés les différents types de clitiques, ainsi que leur comportement syntaxique. Nous y présentons également quelques études réalisées sur les clitiques pronominaux en PE, PB et PM. Dans le **deuxième chapitre**, nous présentons les caractéristiques de la population et de l'échantillon qui constitue le *corpus*, ainsi que les méthodes d'analyse utilisées dans le traitement des données. Dans le **troisième chapitre**, nous montrons et commentons les résultats de l'étude réalisée et nous les confrontons aux hypothèses formulées. Enfin, dans le **quatrième chapitre**, nous résumons les conclusions principales du travail et suggérons quelques idées que nous jugeons pertinentes pour la recherche et pour l'enseignement du portugais dans le contexte mozambicain.

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Introdução | 1 |
| Capítulo 1 | |
| Clíticos Pronominais: Tipos e Sintaxe | |
| 1.1 . Definição de clíticos pronominais | 7 |
| 1.2 . Tipos de clíticos pronominais | 8 |
| 1.2.1 . Clíticos com conteúdo argumental | 8 |
| 1.2.1.1. Clíticos argumentais de referência definida | 8 |
| 1.2.1.2. Clíticos argumentais de referência arbitrária | 9 |
| 1.2.2. Clítico argumental proposicional: Clítico demonstrativo | 9 |
| 1.2.3. Clíticos quase-argumentais | 10 |
| 1.2.3.1. Clíticos com estatuto argumental e funcional | 10 |
| 1.2.3.2. Clíticos referenciais não-associados à grelha argumental | 10 |
| 1.2.4. Clítico com comportamento de afixo derivacional | 11 |
| 1.2.5. Clítico sem conteúdo semântico ou morfo-sintático | 11 |
| 1.3. Distribuição dos clíticos pronominais | 11 |
| 1.4. Padrões de colocação dos clíticos pronominais | 12 |
| 1.4.1. Posição enclítica | 13 |
| 1.4.2. Posição mesoclítica | 15 |
| 1.4.3. Posição proclítica | 16 |
| 1.5. Estudos realizados sobre os clíticos pronominais | 20 |
| 1.5.1. No Português europeu | 20 |
| 1.5.2. No Português brasileiro | 23 |
| 1.5.3. No Português moçambicano | 25 |
| Cápitulo 2 | |
| Metodologia de Investigação | |
| 2.1. Introdução | 27 |
| 2.2. População | 28 |
| 2.2.1. Os inquiridos | 28 |
| 2.2.2. Os informantes | 35 |
| 2.3. Materiais | 36 |

| | |
|---|----|
| 2.3.1. Redacções escolares | 36 |
| 2.3.2. Editoriais e cartas de leitores | 37 |
| 2.3.3. Teste de comportamento linguístico provocado | 38 |
| 2.4. Metodologia de tratamento dos dados | 41 |
| 2.4.1. Transcrição | 41 |
| 2.4.2. Organização | 42 |
| 2.4.3. Codificação | 43 |
| 2.5. Construção da base de dados | 44 |
| 2.5.1. Para a identificação da tipologia de desvios | 45 |
| 2.6. Critérios de análise dos dados | 48 |
| | |
| Capítulo 3 | |
| Análise dos dados | |
| 3.1. Introdução | 49 |
| 3.2. Distribuição dos dados no <i>corpus</i> | 49 |
| 3.3. Distribuição de entradas correctas e desviantes na base de dados | 52 |
| 3.4. Entradas correctas | 54 |
| 3.4.1. Colocação enclítica e proclítica em FVS e SeqVerbal | 55 |
| 3.4.1.1 Colocação enclítica em FVS e SeqVerbal | 56 |
| 3.4.1.2. Colocação proclítica em FVS e SeqVerbal | 57 |
| 3.5. Entradas desviantes | 59 |
| 3.5.1. Desvios quanto à selecção | 59 |
| 3.5.2. Desvios quanto à colocação | 63 |
| 3.5.3. Análise dos contextos desviantes | 65 |
| 3.5.3.1. Próclise em vez de ênclise | 66 |
| 3.5.3.2. Ênclise em vez de próclise | 68 |
| 3.5.3.3. Ênclise ao 1º verbo ou próclise ao 2º verbo da SeqVerbal? | 72 |
| 3.6. Teste de comportamento linguístico provocado | 76 |
| 3.6.1. Resultados da tarefa de selecção | 77 |
| 3.6.1.1. Selecção do acusativo | 77 |
| 3.6.1.1.1. Selecções correctas do acusativo | 78 |
| 3.6.1.1.2. Selecções desviantes do acusativo | 78 |
| 3.6.1.2. Selecção do dativo | 81 |
| 3.6.1.2.1. Selecções correctas do dativo | 82 |

| | |
|---|---|
| 3.6.1.2.2. Selecções desviantes do dativo | 82 |
| 3.6.2. Resultados na tarefa de juízos de gramaticalidade | 85 |
| 3.6.2.1. Juízos de gramaticalidade do acusativo | 85 |
| 3.6.2.2. Juízos de gramaticalidade do dativo | 88 |
| 3.6.2.3. Juízos de gramaticalidade de colocação enclítica | 90 |
| 3.6.3. Resultados na tarefa de colocação | 90 |
| 3.6.3.1. Colocação proclítica | 90 |
| 3.6.3.2. Colocação enclítica | 95 |
| 3.7. Conclusões | 100 |
| | |
| Capítulo 4 | |
| Conclusões | |
| 4.1. Conclusões gerais | 103 |
| 4.2. Recomendações | 105 |
| | |
| Bibliografia | 107 |
| | |
| Anexos | |
| | |
| Anexos 1 | Idade e línguas declaradas - Nível básico Idade e línguas declaradas - Nível médio Idade e línguas declaradas - Nível superior |
| Anexo 2 | Distribuição dos temas e subtemas por níveis de escolaridade |
| Anexo 3 | Teste de comportamento linguístico provocado |
| Anexo 4 | Fotocópia do documento T86 2a RE B16 |
| Anexo 5 | Transcrição do documento T86 2a RE B16 |
| Anexos 6 | Características de cada documento – Nível básico Características de cada documento – Nível médio Características de cada documento – Nível superior Características de cada documento – Editoriais Características de cada documento – Cartas de leitores |
| Anexo 7 | Excerto da base de dados |
| Anexos 8 | TCLP: Resultados da tarefa de selecção – Nível básico TCLP: Resultados da tarefa de selecção – Nível médio |

| | |
|-----------|--|
| | TCLP: Resultados da tarefa de selecção – Nível superior |
| Anexos 9 | TCLP: Resultados da tarefa de juízos de gramaticalidade – Nível básico |
| | TCLP: Resultados da tarefa de juízos de gramaticalidade – Nível médio |
| | TCLP: Resultados da tarefa de juízos de gramaticalidade – Nível superior |
| Anexos 10 | TCLP: Resultados da tarefa de colocação – Nível básico |
| | TCLP: Resultados da tarefa de colocação – Nível médio |
| | TCLP: Resultados da tarefa de colocação – Nível superior |

Introdução

O Português em Moçambique (PM) está sofrendo um grande número de alterações devido à situação de contacto em que se encontra e também, fundamentalmente, à falta de exposição ao modelo da língua ex-colonial, o Português Europeu¹ (PE).

A história da educação em Moçambique mostra que o Português desempenhou sempre um papel significativo na instrução para a concretização do sonho português de “aportuguesamento” dos nativos. Tal sonho conduziu à aspiração da divulgação do Português através da instrução, como é evidente em algumas leis que regulavam a instrução escolar na colónia. O principal objectivo desta educação era preparar os nativos para o trabalho árduo, como agricultores e artesãos e era da inteira responsabilidade da igreja católica.

No entanto, o domínio do padrão europeu continua restringido a uma elite reduzida de falantes, pelo que, mesmo que o discurso oficial o declare como modelo-alvo das instituições escolares ou dos meios de comunicação social, tal medida, política, não impede que muitas das suas regras sejam violadas pela maior parte dos falantes de Português.

Esta situação cria embaraços para a educação em Moçambique, nomeadamente a necessidade prática de ensinar em e através de uma norma linguística que dificilmente se encontra no uso geral, tanto fora como dentro das instituições escolares. Os resultados desta prática são que os aprendentes têm poucas oportunidades de contactar com manifestações da norma num vasto leque de contextos.

Em situações sociolinguísticas do tipo moçambicano, a questão da norma linguística é muito complicada.

¹ “A mudança do estatuto político de Moçambique operada em 1975 não implicou alterações à normatividade linguística já em vigor, apesar das novas configurações que a realidade moçambicana assume, isto é, apesar do novo contexto em que o Português passa a ser usado: a actividade linguística continuou a reger-se pela norma-padrão usada em Portugal.” Firmino (1987:11)

Segundo Trudgill (1983:17), citado por Stroud 1997:25, uma norma padrão é a variedade de uma língua:

“que é habitualmente impressa, e que é normalmente ensinada em escolas e a falantes não-nativos quando aprendem uma língua. É também a variedade que é normalmente falada por pessoas instruídas e usada na emissão radiofónica de notícias e outras situações similares.”

Moçambique tem, desde 1983, um Sistema Nacional de Educação (SNE) que surgiu como uma estratégia destinada a “criar condições para a formação de uma rede escolar mais adequada e eficaz” (Mazula1995:171). No entanto, não chega a atingir estes objectivos pois, apesar de estar bem estruturado, as condições de aprendizagem em contexto escolar estão longe de proporcionar aos aprendentes uma competência comunicativa satisfatória, devido ao fraco alcance das instituições educacionais, tanto no passado como no presente.

A má preparação dos professores, eles próprios falantes não-nativos do Português na grande maioria dos casos, faz com que forneçam modelos linguísticos inconsistentes em relação à norma que dizem ensinar, mas que não dominam, afectando negativamente a progressão dos alunos ao longo dos outros níveis subsequentes. A manifestação mais evidente deste estado de coisas foi a introdução do semestre “zero” em algumas universidades do país.

Segundo Gonçalves (2004), contrariamente aos “anseios e expectativas das elites”, a apropriação do Português como L2, por falantes de línguas bantu, debate-se com dificuldades próprias do contexto em que é aprendido. Adianta ainda que as propriedades da gramática não são um projecto comum consciente da construção desta variedade nacional mas da aquisição do português num contexto não nativo; ou seja, a sociedade não controla a deriva linguística. Perante este cenário, é evidente que o processo de normalização mostra-se complexo. Devido à instabilidade da sua gramática, no discurso de um mesmo falante ocorrem formas convergentes e desviantes em relação à norma do PE. Os falantes não partilham todas as mesmas regras gramaticais; sendo assim, os desvios à norma europeia não são sistemáticos. Além disso, há falta de coerência entre as produções

linguísticas espontâneas dos falantes e os juízos de gramaticalidade que emitem sobre enunciados por eles produzidos anteriormente. Mas esta falta de coerência permite determinar as estruturas que são aceites e que se conservam como parte do património ou são rejeitadas e abandonadas. Por isso mesmo, no seio dos investigadores moçambicanos há a consciência de que com o estabelecimento da norma moçambicana do português o conflito entre a norma moçambicana proposta pela escola e outras normas populares manter-se-á. Dito de outro modo: o facto de se estabelecer uma norma culta não significa que outras normas não continuem a coexistir.

O uso, colocação e flexão dos pronomes pessoais clíticos parece ser um dos tópicos sintácticos que apresenta um certo distanciamento em relação ao português europeu. Daí que, no quadro das investigações disponíveis sobre o PM, já tenham sido realizados vários trabalhos sobre os clíticos pronominais. De destacar a dissertação de doutoramento de Gonçalves (1990), com incidência mais abrangente, e outros estudos mais parcelares de Gonçalves (1985), (1993) e (1997), Firmino (1987), Semedo (1997) e a dissertação de licenciatura de Machava (1994).

Gonçalves (1997: 58-59) constatou que, nos casos de perífrases verbais, a tendência dominante é para a colocação do clítico em ênclise ao verbo auxiliar. E adianta que “ Só uma investigação posterior pode revelar se é correcto analisar, do ponto de vista acentual, o pronome como sendo enclítico ao verbo auxiliar, ou proclítico ao verbo principal.” É assim que neste trabalho se pretende retomar o estudo dos *clíticos pronominais em português de Moçambique*, para procurar caracterizar as condições que determinam certo padrão de ordem do clítico pronominal, questão que ficou em aberto nos estudos já realizados sobre o Português de Moçambique.

“A normalização do PM é a questão que se coloca actualmente em Moçambique com alguma frequência, face à emergência desta variedade nacional, cada vez mais afastada da norma europeia, a norma (ainda) adoptada oficialmente.” (Gonçalves 2001). E parece haver algum consenso entre os investigadores / planificadores educacionais de que um primeiro passo a dar, tendo em vista a solução desta contradição entre a norma ideal e a norma “real”, é o estabelecimento de um padrão moçambicano para a língua portuguesa.

Tal como tem sido feito noutros países, esta norma seria muito provavelmente estabelecida com base no discurso de pessoas instruídas².

É assim que se contribui com este trabalho de investigação na área da sintaxe, na qual, entre outros fenómenos, se observa que a colocação dos clíticos pronominais parece caracterizar-se por um certo distanciamento em relação ao português europeu. Uma vez identificadas as regras de colocação dos clíticos pronominais, este estudo será uma contribuição para a fixação da futura norma do PM e conseqüentemente, terá, como se espera, impacto didáctico-pedagógico.

O estudo pretende assim identificar os padrões de colocação dos clíticos pronominais em Português de Moçambique e tem como objectivos centrais:

- (i) Avaliar se, no domínio da colocação dos clíticos pronominais, todos os desvios à norma do Português Europeu são transitórios ou se alguns persistem na produção de falantes adultos cultos;
- (ii) Descrever a distribuição dos padrões da ênclise e da próclise;
- (iii) Identificar as condições que determinam cada padrão de colocação dos clíticos pronominais.

Para isso foi constituído um *corpus* que, pretendendo ser representativo, inclui composições escritas produzidas por estudantes dos níveis básico, médio e superior, e editoriais e cartas de leitores extraídas da revista “Tempo”, publicada em Moçambique.

Além disso, foi aplicado um *teste de comportamento linguístico provocado* (TCLP) com o objectivo de obter dados que permitam identificar claramente a posição em que ocorre o clítico pronominal nos casos em que o *corpus* escrito não permitia fazê-lo.

Os temas propostos aos inquiridos apoiaram-se em Leiria 2001 visto que os temas seleccionados para esse trabalho eram suficientemente diversificados e abrangentes. Tendo em conta a realidade moçambicana, alguns dos temas sofreram pequenas adaptações por

² Sobre este assunto veja-se Gonçalves (2001).

forma a que fossem atractivos e acessíveis a todos os inquiridos. Optou-se pela recolha de um *corpus* escrito não só porque é mais fácil de recolher e de tratar mas também porque é mais propiciador do uso de clíticos pronominais do que o oral.

Com base nos dados recolhidos, pretendo identificar os padrões de colocação dos clíticos pronominais em Português de Moçambique, e avaliar as seguintes hipóteses gerais:

O maior ou menor grau de afastamento em relação ao PE está relacionado com:

- (i) O nível de escolaridade (ou a idade), ou seja, o tempo de exposição em contexto formal de aprendizagem é um factor a ter em consideração;
- (ii) A língua materna dos falantes e as hipóteses que estes colocam sobre o funcionamento de L2.

Mas, tendo em consideração que o objectivo final da investigação consiste em identificar e explicar as regras que determinam cada padrão de colocação dos clíticos pronominais no português em Moçambique, parece importante acrescentar hipóteses específicas, relativamente à sintaxe dos clíticos:

No PM, verifica-se uma sobregeneralização da ênclise porque:

- a) A classe dos atractores de próclise foi restringida;
- b) Considerações de peso fonológico relevantes para a colocação proclítica no PE não afectam a sintaxe dos clíticos pronominais no PM;
- c) Os clíticos, devido às propriedades das línguas bantu, foram reanalisados como extensões verbais.

Esta dissertação apresenta-se organizada em quatro capítulos: Como acabámos de ver, nesta *Introdução*, faz-se a apresentação do tema, inserindo-o na questão a tratar, a delimitação da abordagem escolhida e as razões da escolha do tema. Descrevem-se os critérios que dirigiram a escolha bem como os objectivos, as hipóteses e a metodologia. No **capítulo 1**, *Clíticos Pronominais: Tipos e Sintaxe*, dá-se uma panorâmica breve sobre os estudos dos clíticos pronominais em Português. No **capítulo 2**, *Metodologia de Investigação*, informa-se sobre as características da população e da amostra que constitui o

corpus, e sobre a transcrição, organização, etiquetagem e tratamento informático dos documentos que conduziram à criação da base de dados. No **capítulo 3**, *Análise dos dados*, identificam-se e comentam-se certos padrões de colocação dos clíticos pronominais. No **capítulo 4**, *Conclusões gerais*, apresentam-se os resultados finais, fazem-se algumas sugestões para a investigação e para o sistema educativo moçambicano. O trabalho encerra com a *Bibliografia*.

Capítulo 1

Clíticos Pronominais: Tipos e Sintaxe

O presente capítulo faz uma breve descrição sobre a definição, as propriedades dos clíticos pronominais, os diferentes tipos de clíticos em português, assim como os padrões de colocação destes. O capítulo termina com a apresentação de alguns estudos realizados sobre os clíticos pronominais no português europeu - PE, brasileiro - PB e no Português de Moçambique.

1.1. Definição de clíticos pronominais

Os clíticos têm sido caracterizados como formas semelhantes a palavras, mas que dependem estruturalmente de uma palavra vizinha numa dada construção. O Português é uma língua com pronomes clíticos de 1^a, 2^a e 3^a pessoas (*me, te, se, lhe, nos*), que conservam a flexão casual e que, consoante os contextos sintácticos, ocorrem em posição proclítica, mesoclítica ou enclítica.

Duarte (1983:159) define o clítico pronominal como sendo um constituinte da frase que é fonologicamente e sintacticamente dependente de um verbo, adjacente a esse verbo, e que é interpretado como sujeito, objecto directo ou indirecto do mesmo.

Cunha e Cintra (1999:78) definem o clítico pronominal como sendo o elemento que se combina fonologicamente com palavras com que não forma construções morfológicas, ficando a depender do acento dessas palavras e podendo ser enclítico, proclítico e mesoclítico.

Ainda Matos (2003: 286-287) afirma que os clíticos pronominais são também designados pronomes átonos ou clíticos especiais e que correspondem prototipicamente às formas átonas do pronome pessoal que ocorrem associadas à posição dos complementos dos verbos. Consoante a pessoa gramatical e a forma casual a que correspondem, os clíticos pronominais podem ser não-reflexos e reflexos. Em relação à função sintáctica que os clíticos desempenham, esta não se limita a denotar a pessoa gramatical, podendo, também, exibir uma função predicativa, ou revestir-se de propriedades morfo-sintácticas características de alguns sufixos derivacionais.

Estas definições têm em comum o facto de os autores considerarem o clítico como um ponto de convergência de três áreas: fonologia, morfologia e sintaxe, divergindo apenas no grau de ênfase atribuída a cada um desses aspectos.

1.2. Tipos de clíticos pronominais

Matos (2003:835) aponta cinco critérios para a distinção dos tipos de clíticos, no português como em outras línguas românicas: (i) o seu potencial referencial ou predicativo; (ii) a possibilidade de receberem um papel temático; (iii) a sua referência específica ou arbitrária; (iv) a capacidade de ocorrerem em construções de redobro de clítico e de extracção simultânea de clítico; (v) e a faculdade de funcionarem como um afixo capaz de alterar a estrutura argumental de um predicado. Assim, os tipos de clíticos são:

1.2.1. Clíticos com conteúdo argumental

Os clíticos argumentais repartem-se em dois subtipos: (i) de referência definida e (ii) de referência arbitrária. Dentro dos clíticos de referência definida encontram-se os pronominais (acusativos, dativos) e as anáforas ou anafóricos (reflexos, recíprocos).

1.2.1.1. Clíticos argumentais de referência definida

Os clíticos pronominais e anafóricos são caracterizados como argumentos dos verbos transitivos ou ditransitivos porque ocorrem associados às posições de objecto directo ou indirecto, como por exemplo:

- | | |
|--|--------------------------|
| (1) (a) Convidaram- <i>na</i> para jantar. | (argumental acusativo) |
| (b) A Wanda pediu- <i>lhe</i> um doce. | (argumental dativo) |
| (c) Encontraram- <i>se</i> na APL. | (argumental recíproco) |
| (d) Ela lava- <i>se</i> sozinha. | (argumental reflexo) |

Admitem construções de redobro em que o constituinte redobrado assinala a posição argumental a que o clítico está associado, como por exemplo

- (2) (a) O Sílvio mandou-*a a ela* levantar a mesa.
 (b) Encontraram-*se um com o outro* em Nampula quando estavam de férias.
 (c) O Santos deixou-*lhes* ver o filme *a eles* mas não a elas.

Finalmente, em frases com extracção simultânea de clítico, é possível recuperar o argumento não realizado, sem que a frase seja sentida como um caso de objecto nulo.

- (3) (a) A Ana mandou-o [-] comprar os bilhetes e [-] marcar o restaurante.
 (b) Acho que eles se conhecem [-] e encontram [-] regularmente na Faculdade.

1.2.1.2. Clíticos argumentais de referência arbitrária

Cunha e Cintra (1984) e Bechara (1999) designam-no por clítico sujeito indeterminado e outros linguistas por *se-nominativo*. O *se-nominativo*, serve para assinalar um sujeito frásico que denota uma entidade arbitrária. É parafraseável por expressões nominais como *alguém*.

- (4) (a) Diz-*se* que o governo vai perder as eleições.
 (b) A grande questão está naquilo em que *se* acredita.
 (c) A grande questão está naquilo em que *alguém/ uma pessoa* acredita.

Como consequência desta natureza semântica, o *se-nominativo* não aceita a construção de redobro de clítico.

- (5) (a)* *Alguém* aluga-*se* casas.

1.2.2. Clítico argumental proposicional: clítico demonstrativo

O pronome invariável *o*, correlato do demonstrativo *isso*, está entre os clíticos pronominais e denota situações e estados de coisas. Ocorre com verbos que seleccionam frases por objecto directo.

- (6) (a) A Joana disse que [que ia à festa] e a Amélia também *o* disse.

Surge, também, em estruturas copulativas como predicado nominal, desempenhando o papel de núcleo das orações pequenas seleccionadas pelo verbo, como por exemplo na frase (7 a):

- (7) (a) A Joana está [alegre] e a Amélia também *o* está.

1.2.3. Clíticos quase - argumentais:

1.2.3.1. Clítico com estatuto argumental e funcional

O *se-passivo* tem por referente uma entidade arbitrária identificada com o chamado “agente da passiva”. Tal como o *se-nominativo*, não admite as construções de redobro. No entanto admite interpretações de extracção simultânea de clíticos³.

- (8) (a) Venderam-*se* hoje muitos livros na feira do livro.
 (b)* Venderam-*se* hoje muitos livros por alguém na feira do livro.
 (c) Já hoje *se* venderam e compraram muitos livros na feira do livro.

1.2.3.2. Clíticos referenciais não-associados à grelha argumental

Neste sub-tipo enquadram-se o dativo ético e o dativo de posse. Há outros autores que rejeitam o estatuto argumental dos dativos éticos e de posse. É o caso de Sportiche (1988) que, adoptando uma proposta de Kayne, sugere que eles podem ser tratados como clíticos associados a constituintes nominais sem conteúdo referencial. *O dativo ético* designa o locutor, manifestando o seu interesse na realização da situação expressa pela frase. Ocorre em frases exortativas, envolve a forma do clítico na primeira pessoa do singular e, marginalmente, na primeira do plural.

- (9) (a) Acaba-*me* depressa os trabalhos de casa!
 (b) ?Arranja-*nos* lá um emprego para o rapaz!

O dativo de posse difere do dativo ético pelo facto de, embora não esteja correlacionado com uma posição argumental do predicador verbal, estar associado a uma posição de argumento ou de adjunto de um complemento deste predicador. É parafraseável por um possessivo. Essa posição torna-se visível na construção de redobro de clítico.

- (10) (a) Dói-*me* a perna.
 (b) Dói-*me* a perna *a mim*.

³ Designa-se Extracção Simultânea de Clíticos os casos em que, em frases coordenadas, é possível, em certas circunstâncias, que uma única instância do clítico recupere os argumentos a que está associado em cada um dos termos coordenados.

1.2.4. Clítico com comportamento de afixo derivacional

Este clítico exibe uma forma idêntica à dos pronomes anafóricos reflexos. É também designado de ergativo ou anticausativo. Esta designação deve-se ao facto de a sua ocorrência inibir a presença do argumento externo do verbo a que se associa, argumento externo esse que deteria normalmente as relações temáticas de causador ou de agente. A sua função é fundamentalmente a de descausativar o verbo principal a que se associa, comportando-se deste modo como um sufixo derivacional incausativo.

- (11) (a) O barco virou-*se*. (cf. a tempestade virou o barco.)
 (b) Enervei-*me* com a situação. (cf. aquela situação enervou-nos.)

1.2.5. Clítico sem conteúdo semântico ou morfo-sintático

Designam-se como casos de clítico inerente as formas do pronome reflexo que não estão associadas a qualquer posição argumental ou de adjunto e em que o clítico não pode ser interpretado como uma partícula de transitividade.

- (12) (a) A Mãezinha foi-*se* embora para Beira.
 (b) Rio-*me* às gargalhadas das graças desse cómico.

1.3. Distribuição dos clíticos pronominais

O quadro⁴ 1.1 mostra o paradigma dos clíticos não-reflexos e reflexos, de acordo com a pessoa gramatical e a forma casual a que correspondem:

Quadro 1.1

| Formas átonas do pronome pessoal | | | |
|----------------------------------|-----------------------|--------|--------------------|
| Pessoas gramaticais | Clíticos não-reflexos | | Reflexos |
| | Acusativo | Dativo | Acusativo / Dativo |
| 1. ^a singular | me | me | me |
| 2. ^a singular | te | te | te |
| 3. ^a singular | o/a | lhe | se |
| 1. ^a plural | nos | nos | nos |
| 2. ^a plural | vos | vos | vos |
| 3. ^a plural | os/as | lhes | se |

⁴ O Quadro 1 foi retirado de Matos (2003:837).

Os clíticos pronominais correspondem prototipicamente às formas átonas do pronome pessoal que ocorrem associadas à posição dos complementos dos verbos.

1.4. Padrões de colocação dos clíticos pronominais

“Colocação ou ordem é a maneira de dispor os termos da oração e os grupos de palavras que formam esses termos. A colocação habitual não se explica satisfatoriamente pela sequência lógica das ideias, porque, sendo esta a mesma por toda a parte, varia entretanto a colocação de um idioma para outro.” Said Ali (1965:198)

Ainda segundo Said Ali, a língua portuguesa faz parte das línguas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se enuncia primeiro o termo menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte.

Apesar da diversidade tipológica acima referida, os clíticos pronominais têm um comportamento uniforme quanto aos padrões de colocação: todos eles exigem um *hospedeiro verbal*, o que se traduz num requisito de adjacência entre o clítico pronominal e uma forma verbal, finita ou não-finita, contrariamente ao que acontecia no português antigo e mesmo no português clássico, onde os casos de interpolação (cf. Martins, 1994:273, 275) de constituintes eram frequentes. Vejam-se os exemplos (13), de Barbosa (1996), com os juízos de gramaticalidade do PE padrão à direita:

- (13) (a) O Carlos pediu para *o nós* irmos buscar. (* PE padrão)
 (b) Quantas vezes *te eu* disse para estares calado? (*PE padrão)

A interpolação com *não* permanece como uma opção na gramática de alguns falantes e não existe na gramática de outros (cf. Martins, 1994:275).

- (14) (a) ?A Lúcia prometeu que *lhe não* daria nada.
 (b) A Lúcia disse que *não lhe* daria nada.

No português moderno, os clíticos pronominais ocorrem numa posição adjacente à esquerda ou à direita a um hospedeiro verbal. Estas posições são denominadas, respectivamente, enclítica e proclítica. Existe ainda um padrão em regressão, a mesóclise.

Posição enclítica, com o clítico em posição pré-verbal (...V+CL...)

(15) (a) A Daniela viu-*a* no espectáculo.

(b) Ela emprestou-*me* o carro.

Posição mesoclítica, com o verbo em posição intraverbal

(16) (a) A Olívia ter-*lhe*-ia falado ontem.

(b) Nós tê-*la*-íamos visto se ela estivesse lá.

Posição proclítica, com o clítico em posição pré-verbal (...CL+V...)

(17) (a) Não *lhe* dei o rebuçado.

(b) Nunca *o* ouvi a dizer mal.

Contudo, estas posições não se encontram em variação livre, são, na maioria dos contextos, impostas pela realização de determinadas condições.

(18) (a) **Me* liga, por favor!

(b) **Lhe* canta uma música!

As frases do exemplo (18a,b) são agramaticais na norma padrão do PE, mas no PB são gramaticais. No PE são agramaticais porque esta variedade respeita uma generalização sobre a colocação de clíticos pronominais designada por *Lei de Tobler-Moussafia*, que é formulada do seguinte modo:

Lei de Tobler-Moussafia

As formas clíticas não podem ocupar a posição inicial absoluta de frase⁵.

1.4.1. Posição enclítica (...V+CL...)

A posição V+CL é considerada a posição básica no PE, padrão não marcado nas frases finitas e não finitas⁶. Pode ocorrer adjacente a uma forma verbal simples ou a uma forma verbal complexa.

⁵ Esta generalização não é válida para outras línguas românicas, nem para o português brasileiro.

⁶ cf. Epiphanyo (1918), Said Ali (1927), Duarte & Matos (1995), (2000).

Forma verbal simples

Ocorre, obrigatoriamente, em contextos de frases-raiz, em frases coordenadas e em frases subordinadas que não apresentem atractores de próclise que c-comandem e precedam o clítico no mesmo sintagma entoacional. Vejamos os seguintes exemplos:

- (19) O Mauro viu-*a* no mercado.
 (20) A Daniela zangou-se com o Keven [*e* deu-*lhe* com o chinelo na cabeça].
 (21) O Laércio prometeu ao Russel [levá-*lo* a Nampula].

Sequências verbais

Tal como as restantes línguas românicas de sujeito nulo, o PE admite *Subida do Clítico*, que consiste na selecção para hospedeiro verbal de um verbo do qual o clítico pronominal não é dependente. Em sequências verbais, na ausência de um elemento proclisador, a *Subida do Clítico* é obrigatória com padrão enclítico:

- (i) Nos tempos compostos e nas passivas de *ser*.
- (22) (a) O Olívio tem-*na* maltratado muito.
 (b) *O Olívio tem maltratado-*a* muito.
- (23) (a) O convite foi-*lhe* finalmente enviado. (Duarte:857-858)
 (b) *O convite foi finalmente enviado-*lhe*. (Duarte:857-858)
- (ii) Com auxiliares que seleccionam formas gerundivas.
- (24) (a) Ele ia-*lhe* dizendo.
 (b) *Ele ia dizendo-*lhe*.
- (iii) Em construções de reestruturação, com verbos de controlo e com semi-auxiliares modais/ temporais/aspectuais.
- (25) (a) *Tencionam-se usar todos os recursos disponíveis* neste projecto.
 (b) *Querem-se saber os resultados dos testes* ainda esta semana.
- (26) (a) Os alunos devem-*lhe* entregar os trabalhos amanhã.
-

(b) Os organizadores podem-*nas* convidar para o congresso.

(27) (a) O Bilinho vai-*lhe* escrever amanhã.

(b) O Bilinho está-*lhe* a escrever uma carta.

Quando o verbo principal da sequência verbal está no infinitivo e a frase apresenta um elemento tipo operador em posição pré-verbal, o clítico pronominal pode preceder o verbo modal / aspectual ou ocorrer à direita da forma infinitiva, conforme a reestruturação tenha ou não operado.

(28) (a) O Luís não *a* deve ver tão já.

(b) O Luís não deve vê-*la* tão já.

Em sequências verbais encabeçadas por verbos semi-auxiliares aspectuais que seleccionem uma preposição distinta de *a*, *Subida de Clítico* ou não pode operar ou produz resultados marginais

(29) (a) Estava para consertá-*lo* / para *o* consertar.

(b) *Estava-*o* para conservar.

(c) Acabei de consertá-*lo*.

(d) ?/* Acabei-*o* de consertar.

A natureza opaca do PE nesta área impossibilita o estabelecimento de princípios que permitam articular, de forma mais regulada, o léxico com as representações sintáticas. Assim, por exemplo, se o infinitivo não flexionado for introduzido pela preposição *a*, o padrão de colocação com próclise ao infinitivo (cf. (29a)) é agramatical (cf. a frase (30b)).

(30) (a) O Bababa começou a ensinar-*lhe* Xichangana.

(b) *O Bababa começou a *lhe* ensinar Xichangana.

1.4.2. Posição mesoclítica

A posição mesoclítica ocorre nas formas verbais do Futuro e do Condicional, nas condições que não aconselham a posição enclítica do pronome.

Duarte (2003:865) define a mesóclise como um dos traços de sobrevivência de uma gramática antiga, que consiste na colocação alternativa à ênclise nas formas de futuro e condicional exigida no português padrão.

- (31) (a) Ele dir-*lhe*-á se tenho ou não razão.
 (b) O Simão dir-*lhes*-ia, se quisesse.

A mesóclise deve-se à origem das formas do futuro e do condicional. Estas formas eram analíticas, constituídas pela justaposição do infinitivo do verbo principal e das formas reduzidas do presente e do imperfeito do indicativo do verbo haver (*amar-te-ei* procede de *amar te hei*; *mandar-me-ás* de *mandar me há*s, etc.). A mesóclise é um padrão em regressão que, por não corresponder a opções da Gramática de PE moderno, precisa de ser aprendida, pelo que está a ser substituída pela ênclise nas novas gerações e em falantes com pouco nível de escolarização. Vejam-se as frases (32), retiradas de Duarte & Matos (2000).

- (32) (a) Telefonarei-*te* mais vezes. (12 anos, 6º ano de escolaridade)
 (b) Na conjuntura sócio-económica, poderá-*se* verificar um saldo bastante positivo.
 (Exame escrito de acesso à universidade, depois de 12 anos de escolaridade)

1.4.3. Posição proclítica

Nas análises que adoptam uma perspectiva sintáctico-semântica, como as de Epiphanyo (1918), Duarte (1983), Martins (1994), Duarte & Matos (1995), (2000), considera-se que posição proclítica só pode ocorrer quando o padrão enclítico for proibido por condições gerais tais como depois de advérbios e de frases introduzidas por alguns pronomes ou seja, pela presença dos *atractores de próclise* ou *proclisadores*. Os atractores da próclise em português moderno distribuem-se por diferentes classes sintáctico-semânticas

Frota e Vigário 1996 (citado por Duarte 2003:853) caracterizaram os atractores de próclise como palavras funcionais pesadas e sugeriram que os enclíticos passam a proclíticos na presença de palavras funcionais pesadas que c-comandem e precedam o clítico no mesmo sintagma entoacional (SEnt).

- (33) (a) Acho que [ao João, a Maria ofereceu-*lhe* um livro. (Duarte:2003:853)
 (b) Acho [que ao João, a Maria *lhe* ofereceu um livro. (Duarte:853)

Consideremos agora as condições que determinam a posição CL+V, nas formas verbais simples e nas sequências verbais:

Forma verbal simples

- (i) Operadores de negação frásicos, sintagmas negativos.

- (34) (a) A Amélia não *lhe* comprou o livro.
 (b) Ninguém *me* telefonou.

- (ii) Um subconjunto de NPs quantificados em posição de sujeito. Mas os sintagmas quantificados (QPs) na posição de sujeito não se comportam homogeneamente como atratores ou gatilhos da próclise. Assim:

- Quantificadores distributivos e grupais: *todos*, *ambos* e *qualquer* – induzem próclise. *Cada* – admite mas não exige.

- (35) (a) Todos os imprevistos *a* põem doente.
 (b) *Todos os imprevistos põem-*na* doente.
 (c) Cada colega *lhe* ofereceu uma flor.
 (d) Cada colega ofereceu-*lhe* uma flor.

- Quantificadores numerais, partitivos e de contagem não são proclisadores.

- (36) (a) Três alunos ofereceram-*lhe* flores.
 (b) *Três alunos *lhe* ofereceram flores.

- Quantificadores indefinidos e existenciais: *alguém* e *algo* – induzem próclise; *um* e *algum* – não induzem próclise.

- (37) (a) Alguém *te* enganou.
 (b) *Alguns colegas *o* detestam.

- Quantificadores generalizados: *bastante* e *poucos* – induzem a próclise; *muitos* – admite-a mas não a exige.
- (38) (a) Poucas pessoas se importam com isso.
 (b) Muitas pessoas *se* importam/ importam-*se* com isso.
- (iii) Sintagmas-Q interrogativos, relativos e exclamativos exigem próclise.
- (39) (a) Quem *te* disse que eu ontem almocei fora?
 (b) Que belo estalo (que) *lhe* deste!
- (iv) Complementadores simples e complexos seleccionados por uma preposição ou um advérbio ou que resultam de reanálise exigem de uma forma geral próclise; contudo, a ênclise já é aceite com complementadores como *porque*:
- (40) (a) Sei que o Simão *a* viu no espectáculo ontem.
 (b) Avisa a Maria logo que *a* vejas.
 (c) Visto que *se* despachou tarde, o Simão não passou por cá.
 (d)(?) A Joana está a chorar porque magoou-*se* na perna.
- (v) Advérbios de focalização, de referência predicativa, confirmativos, de atitude proposicional e aspectuais exigem próclise:
- (41) (a) Só / apenas o Cláudio *as* felicitou
 (b) *Só / apenas o Cláudio felicitou-*as*.
 (c) O Dinho sempre *te* convidou para o lanche.
 (d) *O Dinho sempre convidou-*te* para o lanche.
 (e) O Stélio já *se* lembra da tia.
 (f) *O Stélio já lembra-*se* da tia.
- (vi) Um subconjunto de conjunções coordenativas (conjunções correlativas com um elemento de polaridade negativa : *não só...mas* / *como também, nem...nem*; e de

conjunções correlativas disjuntivas: *ou...ou, ora...ora, quer...quer, seja....seja*) induzem próclise.

- (42) (a) Não só a Lúcia *o* insultou como (também) o Atanásio *lhe* bateu.
 (b) Quer *te* agrade, quer não *te* agrade, vou de férias.
- (vii) Construções apresentativas iniciadas por um constituinte ligado discursivamente em que o sujeito tem o estatuto de foco informacional.
- (43) Aqui *se* assinou o acordo de paz.

Sequências verbais

O PE exige *Subida de Clítico* com próclise nos contextos que se seguem:

- (i) Nos tempos compostos e nas passivas de *ser*, os clíticos pronominais ocorrem obrigatoriamente à esquerda do auxiliar, se existir um elemento proclisador.
- (44) (a) O Núrio não *a* tem acarinhado.
 (b) Até o David *a* tem procurado.
- (45) (a) Quando *lhe* foi entregue o livro?
 (b) Nunca *me* foi entregue o livro.
- (ii) Com auxiliares que seleccionam formas gerundivas, se existir um elemento proclisador.
- (46) (a) O João não *o* ia vendo.
 (b) *O João não ia vendo-*o*.
- (iii) Em construções de reestruturação, com verbos de controlo, semi-auxiliares modais/temporais/aspectuais, na presença de um proclisador que anteceda o verbo mais alto, o clítico ocorre proclítico a esse verbo.

- (47) O Luís não *a* deve ver tão já.
 (48) O Tique não *lhe* deve falar hoje.
 (49) A Jene não *a* estava a ver.

Em sequências verbais com verbos semi-auxiliares aspectuais que seleccionem complementos infinitivos introduzidos por preposições distintas de *a* e *de*, que não admitem reestruturação, na presença de um proclisador no domínio superior, não pode ocorrer *Subida de Clítico*, ocorrendo o clítico em próclise à forma infinitiva.

- (50) O João não *lhe* está a ensinar russo.
 (51) (a) ?O João não *lhe* deixou de falar.
 (b) O João não deixou de *lhe* falar.
 (52) (a) *O João não *se* acabou por esquecer da festa.
 (b) O João não acabou por *se* esquecer da festa.

1.5. Estudos realizados sobre os clíticos pronominais

1.5.1. No português europeu

Os clíticos pronominais têm sido objecto de estudo de muitos linguistas, tanto na perspectiva diacrónica quanto sincrónica, desde Said Ali (1908) e Epiphany da Silva Dias (1918). Duarte, Matos e Faria (1994) defendem que a ênclise é o padrão não marcado no PE e mostram que a diferença entre o PE e as restantes línguas românicas baseia-se no princípio de economia. Ainda neste estudo, afirmam que os dados sobre a aquisição dos clíticos pronominais indicam que os clíticos argumentais são adquiridos antes dos clíticos não-argumentais. Apontam como razões o facto de os não-argumentais terem de ser aprendidos com cada item verbal. Quanto à colocação dos clíticos pronominais, constataram que o padrão enclítico é o que ocorre com maior frequência, mesmo nos contextos que requerem a posição proclítica nas frases produzidas por crianças até cerca de 4 anos e mesmo em alguns estudantes universitários (cf. as frases (53), (54), (55) retiradas de Duarte, I. et alli 1994:140-142):

- (53) Não chama-*se* nada
 (M., 20 meses)
 (54) ...foi alguém que meteu-*me* nesta fotografia
 (J.G., 39 meses)

(55) ...correspondem à classe onde “só” combina-*se* com SN.

(estudante universitário, discurso escrito)

Com base em argumentos de natureza histórica, Martins (1994) mostra que entre o século XIII e o século XVI, o português tinha uma preferência mais acentuada pela próclise em orações não-dependentes (simples, principais e coordenadas não disjuntivas), tal como se verificava nas outras línguas românicas. Nas frases subordinadas, os clíticos eram como, no português actual, obrigatoriamente pré-verbais, mas podiam ocorrer separados do verbo por toda a espécie de constituintes interpolados, enquanto no português actual são obrigatoriamente adjacentes ao verbo.

(56) (a) “e se *lhas* não davam” (NO: 1406, apud Martins, 1994:165)

(b) “*poys* que *ele* *ysto* ouve dito” (Ogando (1980:281, apud Martins, 1994:174)

Ainda segundo a mesma autora, a partir do século XVII, dá-se uma mudança. A próclise em orações não-dependentes é trocada pela ênclise.

Martins (1994) considera que esta mudança brusca de padrão proclítico para enclítico, ocorrida nos meados do século XVII, pode ser atribuída à perda de movimento dos clíticos para o nó funcional Sigma (Σ), movimento que, no português antigo, dava início a uma construção enfática. Mas este tipo de construção enfática fez com que os falantes perdessem a possibilidade de fazer o contraste entre as construções marcada (enfática) e “neutra”, o que levou a que a construção marcada fosse interpretada como “neutra”. Assim, a evidência de que existem duas construções diferentes associadas a diferentes colocações dos clíticos ficou enfraquecida, e estavam criadas condições para que ocorresse um processo de reanálise dando lugar ao aparecimento de uma nova gramática.

Duarte e Matos (2000) afirmam que as características formais dos clíticos decorrem de movimento e princípios de economia. Estas linguistas tentaram mostrar que os diferentes padrões de colocação dos pronomes clíticos em PE e Espanhol, Italiano e Francês derivam directamente da interacção das condições sobre verificação de traços que exige adjacência estrita entre o núcleo verificador e o núcleo visado para a verificação de traços fortes, contrariamente ao que acontece com a verificação de traços fracos. Com base em evidências de aquisição diacrónica das línguas românicas, reivindicam que os pronomes

clíticos no PE, embora distintos de verdadeiros afixos, no estado actual da Gramática da língua, estão mais avançados neste ciclo do que os das restantes línguas românicas, ou seja estão perante um processo de reanálise como afixos, que faz com que a ênclise seja o padrão de colocação mais económico no PE e, conseqüentemente, o básico.

Ao mesmo tempo, reclamam a mesóclise, no PE, como sendo uma sobrevivência de um período mais antigo onde o antigo auxiliar de futuro e condicional (*h*)*aver* entrou num processo diacrónico que conduziu à sua reanálise como uma espécie de afixo gerado debaixo de T. Assim, a mesóclise é um subcaso de ênclise onde o T-núcleo designado do complexo V-CL domina o afixo. Por fim, defendem que a próclise no PE padrão é derivada da ênclise e, por conseguinte, é motivada pelo peso fonológico de palavras funcionais, ou seja a próclise deve ser o resultado de uma operação de movimento entre *Spell Out* e nível de representação fonética. Esta ideia recebe apoio empírico do facto de a próclise ser sistemática só em fases posteriores de desenvolvimento da língua e por estar em regressão em gerações mais jovens.

Barbosa (2000) discute os diferentes padrões de colocação em construções do tipo SV no PE. Assume que a posição pré-verbal no PE não é o alvo para o movimento-A do sujeito e defende ainda que a *posição-A real* para o sujeito no PE é à direita do verbo elevado.

(57) $[_{IP} [_{I'} V_i [_{VP} \text{subject } t_i]]]$ (Barbosa 2000)



As construções SV podem ser derivadas de dois modos. A partir do deslocamento do clítico para a esquerda (cf.(58)) ou do movimento A' do sujeito (cf. (59)).

(58) $[_{IP} DP_i [_{IP} V... \textit{pro subject}_i \dots]]$ (Barbosa 2000)

(59) $[_{FP} \text{subject}_i [_{F'} V \dots t_i]]$ (Barbosa 2000)



Barbosa apresenta ainda a posição de vários outros linguistas em relação a esta questão. É o caso de Chomsky (1977). Segundo este a adjunção do DP, na frase (63), é autorizada por regras de predicação. O IP contém uma posição “aberta” (a favor de uma categoria

pronominal sem referência independente) satisfeita pela entidade referida no tópico. Segundo Vallduví (1992) a frase (63) é reservada a expressões que não podem servir de ligações de discurso. Mas foi na linha de Rigau (1991), Vallduví (1991) entre outros que Barbara (2000) sugere que esta teoria de posição do sujeito é uma característica de línguas de sujeito nulo. Esta característica responde por uma gama extensiva de fenómenos nas línguas românicas de sujeito nulo, inclusivamente a distribuição de sujeitos pré-verbais em infinitivos flexionados no PE; as restrições na distribuição de complementadores do conjuntivo no Romeno (Dobrovie-Sorin 1994); as posições relativas de tópicos perante operadores quantificacionais em Catalão (Vallduví 1992; Solà 1992); as restrições na interpretação de sujeitos pré-verbais; e certas assimetrias na cliticização de *en/ne* em Francês e Italiano. Esta teoria da posição do sujeito nas línguas de sujeito nulo tem a grande vantagem de dar conta de duas outras propriedades destas línguas: “ inversão livre” e o facto de a extracção de sujeito ser feita a partir da posição pós-verbal.

1.5.2. No português brasileiro

Os clíticos pronominais têm sido objecto de estudo de muitos linguistas brasileiros, tanto na perspectiva diacrónica quanto sincrónica. Desde Mattoso Câmara, em 1957, os clíticos pronominais vêm merecendo atenção dos linguistas que apontam a variação nesse sistema pronominal.

O português falado considerado culto vem sendo objecto de estudo através do levantamento das formas dos clíticos utilizados nesse padrão, trabalho realizado por Castilho e Basílio (1996) ou descrevendo a colocação como fez Lobo (1992). De acordo com Monteiro (1991), a ordem funciona como um divisor das variantes do português brasileiro e do português europeu. Assim, Pagotto (1992) conclui que, com verbos simples, o PB tem sempre o clítico anteposto ao verbo, enquanto em PE temos a próclise ou a ênclise segundo regras bem definidas.

Outras pesquisas parecem mostrar que, relativamente ao subsistema dos clíticos, a mudança no PB abrange dois aspectos: a sua posição mudou (Cyrino, 1983; Pagotto, 1992), e houve uma queda drástica na sua frequência de ocorrência (Tarallo, 1983; Cyrino 1990).

Neste ponto, apresentaremos apenas factos relacionados com a mudança de posição. Cyrino (1990), a partir dum *corpus* de 200 dados para cada metade dos séculos XVII, XIX e XX, observou a distribuição dos clíticos pronominais em PB quanto à sua colocação e chegou às seguintes conclusões:

- (i) Quanto à próclise, o clítico pronominal, no século XVIII, podia ocorrer enclítico ao verbo principal, proclítico ou enclítico ao verbo auxiliar ou seja o clítico era móvel. No século XX, encontra-se sempre proclítico ao verbo principal em formas verbais complexas.
- (ii) Quanto à ênclise, o clítico pronominal, no século XVIII, ocorria com o imperativo afirmativo, infinitivo impessoal e com o gerúndio. No século XX, encontra-se restrita ao pronome *o, a* quando há um infinitivo.
- (iii) De uma forma geral, nota-se um aumento no uso da posição proclítica, mesmo nos contextos julgados agramaticais para o PE, ou seja, no imperativo afirmativo e na posição inicial absoluta de frase.

Pagotto (1996:186), no estudo “Clíticos, Mudança e Selecção”, afirma que uma das grandes diferenças entre as duas variedades é o facto de, no PE, a próclise só ocorrer em presença de complementadores, negação, quantificadores, alguns advérbios. A ênclise, no PB, é própria de contextos formais e a próclise é tida como a forma consagrada.

Este autor considera que a “grande inovação do PB” consiste na ocorrência da próclise ao verbo principal em formas verbais complexas, o que no PE não é aceitável, como se pode ver na frase (60).

(60) A Maria pode *me* encontrar hoje. (PB) (* PE) (Pagotto: 1996:186)

No Brasil, portanto, a próclise é a posição consagrada e é a que domina nos registos mais espontâneos da linguagem oral. Mas a ênclise continua a ser praticada, sobretudo na linguagem escrita.

Apesar de as gramáticas faladas da cada variedade estarem a tomar rumos diferentes, a rigidez da língua escrita padrão tem mantido as duas variedades muito próximas.

1.5.3. No português moçambicano

O carácter relativamente recente da implementação do Português em Moçambique tem como consequência, a nível da investigação, que os estudos sobre esta “variedade” têm igualmente uma história recente. Não obstante, alguns estudos na área da Linguística Descritiva fornecem descrições do comportamento dos clíticos pronominais. De um modo geral, estes trabalhos tomam como base empírica o discurso oral ou escrito – produzido em situação de entrevista ou publicados nos meios de informação – de adultos escolarizados, de ambos os sexos, que têm tipicamente o Português como L2 (ver, por exemplo, Gonçalves 1998, 2001).

Assim, em Gonçalves (1985) apontam-se alguns “desvios” à norma padrão do PE que poderiam ser encarados como características da variante em formação do Português de Moçambique de entre as quais consta o uso do pronome pessoal. A este respeito, os dados compilados para o estudo mostraram a Gonçalves (1985) que há modificações relacionadas com os contextos de utilização, com a flexão e com a posição do pronomes pessoais, conforme se pode observar nas frases (61) retiradas de Gonçalves.

- (61) (a) A rapariga simpatizou-se com o Fernando. (PE= simpatizou com)
 (b) O padre educou-lhe muito bem. (PE=educou-o)
 (c) Estou feliz porque os acordos trouxeram-nos a paz. (PE=os acordos nos trouxeram...)

Firmino (1987:20) refere que “ os clíticos constituem uma área problemática para muitos falantes” e isto deve-se, a seu ver, ao facto de mesmo na norma padrão do PE existirem colocações diferentes consoante os contextos de ocorrência do clítico pronominal. As dificuldades referidas levam à construção de frases anómalas como:

- (62) Quando encontrei-te estavas com a Wanda.

Gonçalves (1993) observa uma tendência sistemática para uma colocação em posição pós-verbal nas orações subordinadas, ainda que se verifique certa instabilidade no fenómeno, conforme refere a própria autora.

Machava (1994) refere que a tendência que se apresenta como mais regular ao padrão de ordem dos clíticos é para a sua colocação em posição pós-verbal em orações subordinadas: quer se trate de formas simples ou complexas, o clítico aloja-se frequentemente à direita da forma flexionada.

(63) Há pessoas que opõem-*se* à religião (PE= que *se* opõem).

(64) Eu penso que ia *me* sentir muito perdida (PE= que *me* ia).

Semedo (1997) aponta a ênclise como sendo a posição que tende a generalizar-se na colocação dos pronomes pessoais clíticos em Maputo. Em relação à próclise, afirma que é usada de forma esporádica e provavelmente de forma arbitrária ou seja “por mera intuição”.

A descrição do quadro teórico sobre os clíticos pronominais permite-nos concluir que é um tópico muito “duro” na área da linguística. Mas no português moderno, os padrões de colocação são uma das propriedades em que se distinguem as variantes mais normalizadas do português: a europeia e a brasileira. No que se refere em particular ao Português de Moçambique, trata-se duma área instável e é preciso saber:

- (i) Que tipo de desvios são característicos dos falantes cultos?
- (ii) Como se deve analisar a colocação dos pronomes clíticos em formas verbais complexas?
- (iii) Perante uma situação de dúvida, na utilização dos pronomes clíticos, que estratégias são adoptadas pelos falantes?

Para tentar responder a estas questões a respeito dos clíticos pronominais no PM, recolhi um *corpus* escrito, no sentido de descrever a sua colocação em redacções escolares produzidas por estudantes de três níveis de escolaridade diferentes, na cidade de Nampula, editoriais e cartas de leitores publicados na revista “Tempo”, relacionando essa questão sintáctica com o factor nível de escolaridade.

Capítulo 2

Metodologia de investigação

2.1.Introdução

Stroud e Gonçalves (1997:1) definem um *corpus* linguístico como “uma amostra de uma língua autêntica escrita ou falada, recolhida para um fim específico, e orientada por princípios teóricos da linguística e/ou da sociolinguística.”

A principal diferença entre o oral e o escrito é apresentada por Nascimento (1986:7-8) ao referir que “no oral a produção e a recepção dos enunciados é simultânea, cada palavra dita foi ouvida e não pode ser apagada, enquanto na escrita existe todo um tempo entre a produção e a recepção que permite ao seu autor suprimir aquilo que prefere não comunicar e aperfeiçoar as suas frases de acordo com as leis do código que utiliza”.

A atenção dedicada ao oral vem crescendo ultimamente. É frequente até dizer-se que o oral está na moda. No que se refere, de uma forma particular, à língua portuguesa, verifica-se que se têm desenvolvido importantes estudos linguísticos realizados em diversos quadros teóricos e que, abandonando a anterior perspectiva de privilegiar o texto escrito como objecto de estudo, não recusam a importância dos dados da língua falada. Este facto parece resultar de uma convicção generalizada de que os dados orais oferecem uma base material sólida para a análise linguística.

Concordo com Carvalho (1987:1) quando afirma que “a via do oral é a mais indicada para surpreender as particularidades da actualização no Português”, tendo em conta que, em Moçambique menos de 5 % da população tem o Português como língua materna numa situação de multiplicidade de línguas nacionais. No entanto, e como é sabido, a recolha e tratamento de dados do oral requerem condições mais vantajosas e mais disponibilidade de tempo do que aquelas que a elaboração de uma dissertação de mestrado proporcionam. Assim, neste estudo, optou-se pela recolha de um *corpus* escrito, considerando, além das razões invocadas anteriormente, a distância que, no momento da recolha, nos separava da população-alvo.

A investigação pode cingir-se à análise de um *corpus* ou a testes, ou ainda combinar ambos, tomando um como complemento do outro. Dentre estas possibilidades tomámos

como base de trabalho a última alternativa, isto é, combinámos um *corpus* escrito com um teste de comportamento linguístico provocado.

2.2. População

Para a obtenção de materiais a partir dos quais fosse possível chegar à constituição de um *corpus*, optei por trabalhar com dois grupos de sujeitos: *inquiridos* e *informantes*. Designo por *inquiridos* os sujeitos que produziram materiais por minha solicitação: redacções e teste de comportamento linguístico provocado. E uso *informantes* para designar os autores dos editoriais e cartas de leitores retiradas da revista “Tempo”.

2.2.1. Os inquiridos

Os *inquiridos* são estudantes a frequentar três níveis de escolaridade diferentes, com idades variando entre os 17 e os 48 anos (anexo 1). No quadro 2.1, encontra-se a idade dos inquiridos por nível de escolaridade. Na altura da recolha dos materiais, a maior parte deles (85,3 %) tinha menos de 30 anos de idade. A idade dos falantes tem sido relevante, em muitos estudos sociolinguísticos, na variação e mudança de língua (Labov, 1996). Assim, no estudo que Labov fez sobre a realização do /r/ pós-vocálico, verificou que os falantes mais velhos privilegiavam a norma enquanto os mais novos não. O factor idade, nesta investigação, foi utilizado para reforçar algumas conclusões de estudos anteriores sobre o papel da língua portuguesa e das línguas bantu em Moçambique.

Quadro 2.1

| | Idade dos inquiridos | | | |
|----------------|----------------------|-------|-------|-------|
| | 16-19 | 20-29 | 30-39 | 40-48 |
| Nível Básico | 20 | 5 | - | - |
| Nível Médio | 13 | 12 | - | - |
| Nível Superior | - | 14 | 4 | 7 |

Os três níveis constituem os anos terminais do Ensino Técnico-Profissional (3.º ano – nível básico), do Ensino Geral (12ª classe – nível médio) e do Ensino Superior (Bacharelato – nível superior). O interesse por estes níveis advém do facto de estarem expostos à aprendizagem sistemática do Português ao longo do percurso escolar e de, no final de cada nível, serem sempre submetidos a um exame escrito. Pressupõe-se assim que os sujeitos em análise coloquem os pronomes clíticos segundo a norma padrão do PE.

Como critério principal para a escolha dos inquiridos, estabeleci a variável *escolarização* porque apesar de outros contextos, como o social, o cultural e o linguístico, contribuírem para a formação de variedades, em Moçambique é consensual que “o nível de escolarização é um factor relevante para o acesso ao uso do português padrão” (Moreno e Tuzine 1997:71).

Foi assim que optei por inquiridos com um mínimo de 9 anos de escolaridade, entre finalistas do nível básico (Escola Industrial e Comercial), médio (Escola Secundária de Nampula) e do superior (Universidade Pedagógica – Nampula), por considerar que estes não só estão expostos às formas padrão da norma europeia através da aprendizagem sistemática do português ao longo de 15 ou mais anos de escolaridade (primário – superior), como também já devem ter mais estabilizado este subsistema na sua gramática interiorizada.

É de referir que a maior parte dos inquiridos do nível superior são também professores do ensino primário e secundário na cidade de Nampula.

Moçambique tem dez províncias agrupadas em três zonas: Norte (Cabo Delgado (CD), Niassa (NS), Nampula (NP)); Centro (Zambézia (ZB), Tete (TT), Manica (MN), Sofala (SF)); e Sul (Inhambane (IN), Gaza (GZ), Maputo (MP)). Nampula, a cidade onde foi feita a recolha, é chamada de “Capital do Norte”.

A tabela 2.1 dá conta da naturalidade dos inquiridos para se perceber que, apesar de esta recolha ter sido feita na cidade de Nampula, ela abrange falantes naturais de outras províncias de Moçambique e, assim sendo, os dados permitir-nos-ão ter uma “fotografia linguística” mais abrangente das estruturas em estudo.

De acordo com os dados, o maior número dos inquiridos dos níveis básico e médio são oriundos da província de Nampula. Esta situação inverte-se no nível superior, no qual os inquiridos são oriundos de outras províncias do país. Isto deve-se ao facto de, no país, não haver universidades em todas as províncias, o que obriga a que os estudantes se desloquem das suas províncias de origem para aquelas em que existem universidades. Segundo a revista “Os 25 Anos de Educação em Moçambique – 1975 - 2000” publicada em 2000 pelo

Ministério de Educação (MINED) “O Ensino Superior conta com seis instituições, metade das quais são privadas e entraram em funcionamento depois de 1994.”

Tabela 2.1

| Nível | Naturalidade dos inquiridos - % | | | | | | | | | |
|----------|---------------------------------|----|-----|----|-----|-----|------|------|-----|-----|
| | MP | GZ | IN | MN | TT | SF | ZB | NP | NS | CD |
| Básico | 1 | - | 1 | - | - | 1 | 3 | 19 | - | - |
| Médio | 1 | - | - | - | - | - | 1 | 22 | - | 1 |
| Superior | - | - | 4 | - | 2 | 1 | 8 | 8 | 1 | 1 |
| | | | | | | | | | | |
| Básico | 4 % | - | 4 % | - | - | 4 % | 12 % | 76 % | - | - |
| Médio | 4 % | - | - | - | - | - | 4 % | 88 % | - | 4 % |
| Superior | - | - | 4 % | - | 8 % | 4 % | 32 % | 32 % | 4 % | 4 % |

O Ensino Privado foi criado através do Decreto n.º 11/90 de 1 de Junho, com o objectivo de criar uma capacidade adicional que se traduzisse na ampliação das oportunidades de todos os níveis e subsistemas. Mas os custos são tão elevados que só “os que podem” é que as frequentam e os que “não podem” continuam a ter que esperar/ procurar lugar nas universidades do Estado que continuam sendo apenas duas na capital do país: Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e a Universidade Pedagógica (UP). Estas universidades têm já criadas delegações em algumas das províncias. Em Nampula há uma delegação da UP e duas universidades privadas: uma católica e outra islâmica.

No que diz respeito à diversidade linguística, Firmino (2000:16-17; 103-104) afirma que, tal como no censo de 1980 (98,8 %), os dados do censo de 1997 (93,0 %) confirmam que a maioria dos moçambicanos têm, como língua materna, uma das várias línguas faladas em Moçambique. O Português como língua materna também registou um crescimento: 1,2 % em 1980 e 6,0 % em 1997. Quanto ao conhecimento da língua portuguesa, entre um e outro censo, também houve uma expansão do grupo dos que declararam ter conhecimento: 39,0 % em 1997 contra 24,4 % em 1980.

Quanto às línguas faladas com mais frequência, o Português tende a registar uma subida dos seus valores percentuais, contrariamente às outras línguas, o que parece evidenciar três aspectos: (i) as línguas maternas ou Português são as mais faladas pela maioria dos cidadãos; (ii) em cada zona linguística, para além das línguas bantu tipificantes, o Português assume um papel importante na comunicação diária; (iii) a mudança linguística

traduz-se, em muitos casos, na aquisição e uso mais frequente do Português, em detrimento das línguas bantu.

De acordo com os dados do censo de 1997, as principais línguas bantu identificadas como línguas maternas foram apresentadas da mais predominante (27.7 %) à menos predominante (1.6 %), nomeadamente: Emakhuwa, Xichangana, Cisena, Elomwe, Shona, Xitshwa, Echuwabo, Xironga, Marendje, Cinyanja, Txitxopi, Cinyungwe, Shimakonde, Gitonga, Ciyao e outras⁷.

Portanto, com base nestes dados, pode afirmar-se que Moçambique é caracterizado por um cenário linguístico muito heterogéneo, o que, de alguma maneira, também caracteriza a nossa amostra de trabalho. Assim, o perfil linguístico dos inquiridos é descrito a partir dos dados disponibilizados no inquérito (parte I do Teste de Comportamento Linguístico Provocado - anexo 3), nomeadamente, a informação solicitada através de questões referentes ao ponto 2 do inquérito (*Meio Linguístico*).

Em 2.1. [“Línguas moçambicanas que fala e /ou percebe”], o objectivo era identificar as línguas moçambicanas, que o inquirido percebe e fala; aquelas que só percebe mas não fala; e as línguas que fala em casa, independentemente de falar ou não outras línguas na escola.

Em 2.2. [“Em que situações usa normalmente as línguas”], procurou saber-se onde e com quem é que o inquirido usa a língua portuguesa e as línguas moçambicanas declaradas na pergunta 2.1..

Em 2.3. [“Onde, quando e com quem aprendeu a língua portuguesa”], o objectivo era saber se o inquirido teve contacto com a língua portuguesa pela primeira vez na escola ou em casa.

Em 2.4. [“Foi difícil começar a falar Português”], independentemente de ter sido difícil ou não, era solicitado ao inquirido que justificasse a sua resposta.

⁷ Swahili, Kimwani, Ngulu, Koti, Kunda, Nsenga, Zulu, Swazi e Phimbi.

A partir dos dados obtidos (anexo 1), em que se relacionava a idade com as línguas que os inquiridos declararam falar ou perceber, parece possível pôr como hipótese que as línguas moçambicanas são faladas pela maior parte dos moçambicanos já que, dos 75 inquiridos, 69 (92 %) declararam falar uma ou mais línguas bantu e apenas 6 (8 %) fala exclusivamente Português. Entre os 69 (92 %) inquiridos, falantes das línguas bantu, 40 (53,3 %) indicaram o Português como sua língua materna, com maior incidência nos níveis básico e médio do que no superior. Os restantes 29 (38,6 %) indicaram ter uma língua bantu como materna, apesar de terem aprendido Português antes de entrarem para a escola. Contudo, a maioria dos que indicaram uma língua bantu como materna são os que se situam na faixa etária mais alta nos três níveis. Na tabela 2.2 está a distribuição das línguas maternas dos inquiridos.

Tabela 2.2

| Línguas maternas | | | |
|-------------------------|--------|-----------|--------|
| Língua Bantu | | Português | |
| 29 | 38,6 % | 46 | 61,3 % |

A língua bantu mais falada em Nampula é Emakhuwa. Mas, como já foi referido, apesar de a recolha ter sido feita na cidade de Nampula, os inquiridos são oriundos de várias províncias do país, o que equivale a dizer que são falantes de diferentes línguas bantu. Em geral, os dados do ponto 2.1 do inquérito revelam que, para além da língua materna (Português/ Bantu), a maior parte (92 %) fala uma ou mais línguas que, em geral, coincide com a língua do local de origem ou de residência. Por exemplo, alguns inquiridos naturais de Nampula, para além do Português e Emakhuwa, declararam falar Elomwe, Echuwabo e outras desta região; os naturais de Inhambane a viver em Nampula assumem falar Xitswa e Xichangana. Estas duas línguas são faladas na região sul, em Inhambane e em Maputo, local de origem dos inquiridos. Mas declaram falar também Emakhuwa, língua dominante no local onde actualmente residem.

A tabela 2.3 mostra a frequência de cada uma das línguas declaradas como maternas, por níveis de escolaridade. No nível básico, médio e superior 72 %, 72 % e 40 %, respectivamente, declararam ter o Português como sua língua materna. Esta descida

percentual no nível superior, parece indiciar que as línguas bantu como maternas pertencem maioritariamente às gerações mais velhas.

Tabela 2.3

| Língua Materna (L1) dos inquiridos - Frequência % | | | | | | | | |
|---|--------|--------|-------|--------|----------|--------|-------|--------|
| Línguas declaradas | Básico | | Médio | | Superior | | Total | |
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % |
| Português | 18 | 72,0 % | 18 | 72,0 % | 10 | 40,0 % | 46 | 61,3 % |
| Emakhuwa | 5 | 20,0 % | 6 | 24,0 % | 5 | 20,0 % | 16 | 21,3 % |
| Xichangana | 1 | 4,0 % | 1 | 4,0 % | 1 | 4,0 % | 3 | 5,3 % |
| Elomwe | 1 | 4,0 % | - | - | 2 | 8,0 % | 3 | 4,0 % |
| Echuwabo | - | - | - | - | 4 | 16,0 % | 4 | 5,3 % |
| Cisena | - | - | - | - | 1 | 4,0 % | 1 | 1,3 % |
| Cinyanja | - | - | - | - | 1 | 4,0 % | 1 | 1,3 % |
| Gitonga | - | - | - | - | 1 | 4,0 % | 1 | 1,3 % |

O Português apresenta a percentagem mais alta como língua materna dos inquiridos. As percentagens de frequência das línguas maternas (L1), nos três níveis, vêm confirmar o que Gonçalves (2001:979) afirma “... o Português, declarado “língua oficial” e “língua de unidade nacional”, tornou-se verdadeiramente uma língua de prestígio: as novas gerações das classes mais favorecidas dos centros urbanos já não aprendem línguas bantu, podendo considerar-se que existe uma comunidade de locutores que não só se comunicam exclusivamente em Português (mesmo que não seja a sua L1), como escolhem esta língua como a única a transmitir às novas gerações.”

Os dados do ponto 2.2 do inquérito revelam que os inquiridos falam a língua portuguesa em contexto escolar com colegas, professores e em casa com familiares, enquanto que as línguas moçambicanas estão reservadas para o ambiente familiar. Nota-se aqui uma espécie de bilinguismo funcional ou seja, dependendo das necessidades da situação social em causa usam qualquer uma das línguas declaradas. Por exemplo, a língua materna (Bantu) é usada com os membros da família ou parentes, dentro ou fora de casa. A língua bantu da região é usada em conversas informais com amigos e estranhos.

Em Moçambique, algumas línguas bantu são também usadas em situações que requerem um uso formal, como é o caso de actividades religiosas, transmissões radiofónicas, campanhas de alfabetização ou de mobilização política. Segundo Firmino (2002:109) “As línguas autóctones estão a abrir caminho para outros domínios altos como o ensino formal

e a mobilização política de massas.” Sob a supervisão do INDE, o Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação, estão em curso alguns projectos educacionais experimentais com línguas bantu como meio de ensino. O Xichangana, na província de Gaza, Cisena e Cindau, na província de Sofala. Em Nampula, há três anos que está sendo implementado um projecto-piloto em duas escolas primárias: uma em Nametil e outra na Ilha de Moçambique. Na 1ª e 2ª classes, a língua de ensino é Emakhuwa e o Português aparece como uma das disciplinas curriculares. A partir da 3ª classe, o cenário inverte-se, a língua de ensino passa a ser o Português e Emakhuwa passa a ser uma das disciplinas curriculares.

No ponto 2.3 do inquérito, os resultados dividem os inquiridos em dois grupos: um grupo afirma ter aprendido Português na escola, confirmando assim a história da institucionalização da língua no país. Outro grupo declara ter tido contacto com o Português antes de entrar na escola e, de facto, também declararam ter a língua portuguesa como sua língua materna.

Em relação ao ponto 2.4 do inquérito, os que tiveram contacto com a língua portuguesa pela primeira vez na escola afirmam ter sido difícil por se tratar de uma língua estranha. Assim, por exemplo, o inquirido B8, natural de Nampula, com 19 anos, afirmou que foi difícil *“porque como-se tratava dumas palavras a perceber pela primeira vez, dificultava isto é trocava, falava contrário aquilo que eu dizia.”*; o inquirido M28, natural de Nampula, 22 anos, afirmou que foi difícil porque *“já estava habituado (com) a falar o dialeto da minha província “Macua”*”; o inquirido S59 natural da Zambézia, 34 anos, afirmou que foi difícil porque *“Sendo pela primeira vez a aprender a língua não é fácil integrar-se num meio daqueles que já vem falando há bastante tempo”*; o inquirido S63, natural do Niassa, 45 anos, afirmou que foi difícil porque *“tinha que traduzir para a minha L1 as palavras em português para melhor compreensão.”*

Os que afirmaram ter sido fácil a aprendizagem de Português indicaram como razões o facto de ser a língua que eles mais usavam no seu dia-a-dia, ou porque era a língua falada em casa pelos pais desde sempre ou “para obter um estatuto maior” como foi o caso do inquirido S68 natural de Nampula, 47 anos, *“Gostava muito da língua para obter um estatuto maior”*; o inquirido S64, natural de Nampula, afirmou que foi fácil porque *“É a língua mais falada em casa e na sociedade onde me encontro, assim como na escola”*; o

inquirido M40, natural de Nampula, com 19 anos, afirmou ter sido fácil “*Porque quando nasce vivia com os meus pais e eles são falantes da língua portuguesa e quando pequeno me era proibido falar macua*”; o inquirido B5, natural de Nampula, 18 anos, afirmou ter sido fácil “*Pois cresci num lugar onde a língua portuguesa era mais usual e foi com ela que começaram ensinar a falar.*”

As informações fornecidas sobre o meio linguístico dos inquiridos revelam que os índices mais altos da língua portuguesa como materna verificam-se nos níveis básico e médio. No nível superior, a maioria dos inquiridos indicou que a sua língua materna é uma língua bantu. As informações prestadas deixam perceber que o Português é a língua mais prestigiada e a mais desejada, devido às compensações sociais e económicas a ela associadas.

2.2.2. Os informantes

Para além das composições produzidas pelos inquiridos, optei, também, por cartas de leitores e editoriais da revista “Tempo”, uma revista de informação geral publicada em regime mensal na cidade de Maputo e cuja distribuição é feita em Moçambique e também em alguns países estrangeiros. Aos autores das cartas de leitores e dos editoriais chamei de *informantes*.

Das cartas, no geral, pôde recolher-se indicações sobre a procedência, a idade e a ocupação dos seus autores. Todos os 22 informantes indicaram a sua procedência, pelo que apresento os dados relativos a este item no quadro 2.2. Contudo, nem sempre é mencionada a idade e a ocupação, de modo que não podemos fornecer informação relevante a este respeito. Ainda assim, achamos oportuno apresentar mesmo parcialmente a informação ao nosso alcance, de forma a que se possa ter uma ideia do universo a que pertencem os informantes. Tais dados foram retirados de certas passagens contidas nas próprias cartas de leitores.

A procedência das cartas aparece sempre no final. Como se pode ver no quadro 2.2, as cartas provêm de 7 das 10 províncias de Moçambique e uma da África do Sul. Em relação à idade, apenas os informantes 87, 91 e 93 indicaram a idade, (37, 20 e 17 respectivamente) o que não nos permite tirar grandes conclusões a este respeito.

Quadro 2.2

| Procedência das Cartas de Leitores | | |
|------------------------------------|----------------------------|-----------------------------------|
| Província | Número do informante | Número do texto |
| Cabo- Delgado | 82 | 378 |
| Nampula | 83, 100 | 380, 397 |
| Niassa | 98, 101 | 395, 398 |
| Manica | 99 | 396 |
| Inhambane | 85, 86, 95, 96, 97, 102 | 382, 383, 392, 393, 394, 399 |
| Gaza | 87, 93 | 384, 390 |
| Maputo | 84, 88, 89, 90, 91, 92, 94 | 381, 385, 386, 387, 388, 389, 391 |
| RSA – África do Sul | 103 | 400 |

Em termos de ocupação, só temos dados dos informantes 83, 87, 88, 89, e 91, que deixaram expresso ser funcionário dos Caminhos de Ferro de Moçambique, técnico de máquinas agrícolas, secretário, ministro da saúde e estudante do Instituto Comercial de Maputo; podemos, portanto, colocar como hipótese que os informantes fazem parte de um grupo que compreende estudantes de diversos níveis de ensino, e também escriturários e funcionários públicos.

2.3. Materiais

Os materiais são de quatro tipos: redacções escolares, editoriais, cartas de leitores e um teste de comportamento linguístico provocado. Vou apresentar primeiro as redacções escolares, seguindo-se os editoriais e as cartas de leitores e por último o teste.

2.3.1. Redacções escolares

Contactei três instituições escolares na cidade de Nampula, Escola Secundária de Nampula, Escola Industrial e Comercial “3 de Fevereiro” e a Universidade Pedagógica – Delegação de Nampula. Em cada uma das instituições, foi-me disponibilizado um grupo de trabalho constituído por 25 estudantes e 1 professor de Português que serviria de intermediário entre mim e os inquiridos.

À semelhança de Leiria 2001, os documentos foram organizados em cinco grandes áreas temáticas subdivididas em sub-áreas: *vida pessoal*, *vida profissional*, *vida cultural e lazer*, *problemas económicos e sociais* e *o meio ambiente*. Os temas propostos parecem suficientemente gerais e, por isso mesmo, acessíveis a todos os inquiridos independentemente do seu nível académico.

De seguida, enviámos para cada professor um conjunto de cinco temas (anexo 2), previamente determinados. Para cada tema, eram sugeridos ao inquirido vários tópicos possíveis de serem desenvolvidos, de entre os quais ele deveria escolher apenas um. Veja-se, a título de exemplo, o tema 1 – “Vida pessoal” - no anexo 2. “Vida pessoal” compreendia três tópicos: a) características e comportamentos; b) experiências e recordações; c) relações com o próximo. Portanto, cada inquirido deveria fazer um total de cinco redacções. Das trezentas e setenta e cinco redacções que deveríamos ter recebido, apenas recebemos trezentas e setenta e duas, pois, por razões desconhecidas, quatro dos inquiridos entregaram apenas um total de quatro redacções cada um; em contrapartida, um outro entregou um total de seis redacções escolares.

Apesar das preferências por determinadas sub-áreas, o número de textos dentro de cada tema é igual. Cada um dos documentos vem precedido de informação sobre o inquirido (número, nível académico, naturalidade, idade, sexo, línguas que fala em casa, na escola e a respectiva língua materna) e sobre o documento (número, tipologia textual, área temática e respectiva sub-área, local da recolha, total de linhas e número de palavras do documento).

É importante referir que tanto o professor como os inquiridos não sabiam que as redacções visavam a observação dos clíticos pronominais. A participação das três instituições foi positiva.

2.3.2. Editoriais e Cartas de leitores

A opção pelas cartas de leitores da revista “Tempo” foi ditada pelo facto de ser um dos órgãos de informação escrita de grande e fácil circulação entre os falantes do PM, para além de que este recurso pareceu-me igualmente válido para observar o uso e colocação dos clíticos pronominais do PM, uma vez que as cartas, vindas de diferentes zonas do país, são escritas por falantes de diversas camadas sociais, com diferentes níveis de competência linguística. Este facto faz-me pensar que poderemos ter um conjunto de diferentes “sub-variedades” representativas das diversas zonas de Moçambique e, sendo os temas tratados nas cartas, na maioria das vezes, muito pessoais, isso permite aos seus autores uma escrita mais espontânea.

Os editoriais são escritos por profissionais de informação da revista “Tempo”. Em meu entender, dada a natureza do seu trabalho, os profissionais da informação sentem frequentemente a necessidade de verificar em livros, como gramáticas e prontuários, as regras de funcionamento da língua, pois tentam fazer uso da norma padrão. Sabemos, no entanto, que, apesar disso, haverá usos espontâneos que serão bons indicadores de “desvios” ao PE já estabilizados em Português de Moçambique.

Consultámos 6 números da revista “Tempo”, sendo dois de 1998 (Nº. 1387 e Nº.1406), três de 1999 (Nº.1451, Nº.1452 e Nº.1455) e um de 2000 (Nº.1466). Seleccionámos estes anos por acharmos que, à medida que nos afastamos da data da independência, o Português vai tomando características próprias e, ao mesmo tempo, vai aumentando em número de falantes (ainda que com níveis de domínio diversificado); outra razão por que escolhemos estes anos relaciona-se com o facto de serem de datas mais próximas dos nossos outros materiais.

É de referir que os editoriais e as cartas dos leitores não foram transcritos e não foram incluídos na versão em suporte informático pois, tratando-se de materiais publicados só foi possível fazer fotocópias e incluí-las no volume *Anexo-Corpus* da tese, onde poderão ser consultados.

2.3.3. Teste de comportamento linguístico provocado

O Teste de Comportamento Linguístico Provocado (TCLP) é constituído por duas partes: a primeira, como vimos no ponto 2.2.1, um inquérito para a recolha de dados sociolinguísticos dos inquiridos, e a segunda, o teste de comportamento linguístico provocado propriamente dito, sobre a selecção e colocação dos clíticos pronominais no Português de Moçambique.

Recorremos ao TCLP por este apresentar mais hipóteses de obtenção de dados relevantes do que as redacções, os editoriais e as cartas de leitores que poderiam não apresentar dados relevantes, por desconhecimento ou por fuga às estruturas em estudo.

O TCLP surge assim como uma estratégia suplementar de obtenção de dados que garantam que a descrição da selecção e dos padrões de colocação dos clíticos pronominais seja efectuada a partir de dados que dêem conta das regras aplicadas pelos falantes ao

produzirem os seus enunciados em Português. Pretende-se avaliar o domínio e conhecer os juízos de gramaticalidade dos locutores sobre o uso e colocação dos clíticos pronominais; ou seja, pretende-se que nos conduzam a uma explicação sistemática das diferenças gramaticais entre a variedade europeia e a variedade moçambicana em formação.

O TCLP (parte II do anexo 3) é constituído por duas partes: testes de produção provocada; e testes de juízos de gramaticalidade. Nos testes de produção provocada temos dois tipos de tarefa: selecção do acusativo e do dativo; e colocação enclítica e proclítica. Na tarefa de juízos de gramaticalidade, temos juízos sobre selecção e colocação enclítica. De uma forma geral, estes aspectos encontram-se alternados ao longo do teste que se subdivide em três secções: A, B e C. Para minimizar eventuais distorções de que este tipo de dados poderá enfermar, optámos por:

- (i) Elaborar um teste longo;
- (ii) Escolher uma amostra grande.

A secção A é constituída por dois grupos de questões. Com o primeiro grupo pretendíamos verificar o comportamento dos inquiridos quanto a selecção dos clíticos pronominais do tipo acusativo (alíneas a, b, c, d, e, do número 1) e dativo (alíneas f, g, h, do número 1). Para evitarmos alguma dispersão, no início do número apresentámos, numa caixa, os clíticos pronominais em observação; como se pode ver nas frases (1) e (2), as expressões a serem substituídas foram sublinhadas e os espaços a preencher deixados em branco.

(1) A Joana chegou ontem.

O meu irmão viu ____ no bazar.

(2) A Ana deu o livro ao Zito.

A Ana deu ____ o livro.

Com o segundo grupo, fornecemos quatro frases (alíneas a, b, c, d, do número 2). Tendo em conta os “desvios” quanto à selecção dos clíticos pronominais do tipo acusativo e dativo, identificados no *corpus*, cada uma das quatro frases foi reproduzida em três dessas realizações desviantes e uma seguindo a norma do PE, veja-se o exemplo:

(3) Chegou a nova professora.

Ainda não **lhe** vi. ()

Ainda não **a** vi. ()

Ainda não vi **a ela**. ()

Ainda não vi **ela**. ()

Neste grupo, queríamos que os inquiridos emitissem juízos de gramaticalidade sobre estruturas desviantes por eles produzidas o que nos permitiria saber se eles as aceitam como correctas. Os inquiridos tinham que assinalar com uma cruz somente a opção correcta.

A secção B é constituída por três grupos de questões. No primeiro grupo tínhamos mais um exercício de selecção do dativo. Os inquiridos tinham de reescrever as frases (alíneas a, b, c, d, e, do número 1) utilizando um dos pronomes apresentados entre parênteses no meio de cada uma delas. O objectivo é verificar se a opção será o dativo *lhe* ou as formas do pronome forte preposicionadas: *a ele, para ele*:

(4) O José entregou (**lhe/ a ele/ para ele**) as chaves do carro.

_____.

O segundo grupo tem cinco frases (alíneas a, b, c, d, e, do número 2) com o clítico pronominal na posição correcta. Cada uma das frases é reproduzida, mas com o clítico pronominal em posição inicial absoluta da frase. Os inquiridos deviam emitir juízos de gramaticalidade, assinalando a alternativa correcta. O objectivo é verificar a tendência dos inquiridos em relação à *Lei Tobler-Moussafia*.

(5) **Dá-me** esse livro, por favor! ()

Me dá esse livro, por favor! ()

O terceiro grupo é um pequeno trecho com espaços para serem preenchidos usando clítico e a forma verbal fornecidos entre parênteses no final de cada espaço. Com este número pretendíamos identificar o padrão que produziriam em presença de elementos proclisadores (*que e quando*).

A secção C destina-se a observar os padrões de colocação proclítica e enclítica em seqüências verbais. É constituída por vinte frases, tendo cada uma delas o pronome entre parênteses no final, como se pode ver na frase (6).

(6) Ele ____ deve ____ ____ defender ____ . (se)

Os inquiridos tinham de colocar o pronome no espaço adequado na frase; ou seja, os inquiridos eram postos numa situação em que lhes são apresentados todas as possibilidades de posicionamento do clítico pronominal e eles deviam colocar o clítico na posição que julgam correcta. Os padrões em observação são ênclise ao verbo superior/ auxiliar ou ao encaixado/ infinitivo, ênclise ao verbo encaixado/ infinitivo, ênclise ao verbo superior/ auxiliar e próclise ao verbo auxiliar, em presença de elemento atractor.

2.4. Metodologia de tratamento dos dados

2.4.1. Transcrição

Como vimos os materiais eram de quatro tipos: redacções escolares, editoriais, cartas de leitores e TCLP. As redacções escolares, sendo manuscritas (ver anexo 4⁸), obrigaram-nos, para que os dados fossem fiáveis, a ter como principal preocupação transcrevê-los com o máximo de rigor. Para atingir esse objectivo, foram adoptados os símbolos e procedimentos usados em Leiria (2001:184) que se transcrevem a seguir:

| |
|--|
| <p>< xxx > segmentos riscados < (.....) > segmentos riscados ilegíveis / xxx / segmentos acrescentados / * xxx / leituras conjecturadas</p> |
|--|

O anexo 5 é a transcrição do documento manuscrito reproduzido no anexo 4. Assim, a transcrição não dá conta exclusivamente do problema em estudo, mas sim de todas as hesitações que os falantes experimentaram no processo de escrita; por exemplo, na

⁸ Tal como os editoriais e as cartas de leitores este anexo não foi incluído na versão suporte informático da tese.

selecção de um item lexical, ou na selecção de um determinado grafema para representar um determinado fonema. Veja-se alguns exemplos de desvios mais frequentes:

| | |
|--|----------------------|
| As pessoas / se / expressam através do corpo, ... | (T34 L17 1 a RE M34) |
| ... o Homem < abita > habita em sua sociedade... | (T8 L23 5c RE B8) |
| ...concluir que o ensino é <gratuido > gratuito, ... | (T6 L21 2 a RE B6) |
| ... indisposto < a > em realizar uma actividade... | (T309 L17 1c RE S63) |

Para minimizar o carácter subjectivo de processo de transcrição, foram realizadas sessões de trabalho conjunto, com vista a resolver dúvidas surgidas e a aferir critérios de transcrição. Nessas sessões⁹, procedeu-se à revisão dos textos transcritos, de forma a verificar se os critérios usados estavam correctos. Esta revisão incidiu quer em passagens assinaladas com dúvidas quer em passagens em que não havia surgido qualquer hesitação.

Na transcrição dos nomes das línguas bantu declaradas no inquérito, mantivemos os nomes tal como foram escritos por cada inquirido, apesar dos problemas que essa ortografia possa levantar. Assim por exemplo, encontramos *Macua/Makua/Emakhuwa*. Mas, segundo a terminologia adoptada pelos bantuístas, a ortografia inclui o prefixo referente à denominação de uma língua bantu, portanto, *Emakhuwa* é a grafia “correcta”.

2.4.2. Organização

Nos anexos 6, encontram-se organizados, por etiquetas (ver 2.5.1), os tipos de ocorrências que caracterizam cada documento por *subcorpus*. Os dados recolhidos das redacções escolares, dos editoriais e das cartas de leitores foram organizados por *subcorpus* e introduzidos na base de dados. Entenda-se por *subcorpus* o conjunto de materiais produzidos por cada nível de escolaridade e os recolhidos nos editoriais e cartas de leitores.

Tendo como referência a norma padrão do PE, as ocorrências foram classificadas em correctas e desviantes. As correctas estão organizadas de acordo com o padrão ocorrido: ênclise, mesóclise e próclise. As desviantes estão organizadas de acordo com o tipo de

⁹ Nestas sessões de trabalho, contei com a colaboração da Professora Isabel Leiria.

desvio: selecção e colocação. Os resultados do TCLP estão organizados de acordo com a tarefa em causa: selecção, juízos de gramaticalidade e colocação.

2.4.3. Codificação

Cada um dos 400 documentos tem um número de identificação: os números 1 a 124 correspondem às redacções escolares do nível básico, os números 125 a 249 às do médio, os números 250 a 372 às do superior, os números 373 a 378 aos editoriais e, finalmente, os números 379 a 400 às cartas de leitores. Cada documento encontra-se identificado no *corpus* por um código que contempla:

| | |
|------------------------------------|---|
| 1. n.º do documento | T1-124; T125-249; T250-372; T373-377; T378-400 |
| 2. n.º da linha onde ocorre o alvo | L(1,5,10,15, 20,...) |
| 3. o tema/subtema da composição | 1(a,b,c); 2(a,b); 3(a,b,c); 4(a,b,c,d); 5(a,b,c) |
| 4. tipologia textual | REdacção escolar; Editorial; CL(cartas de leitor) |
| 5. nível académico | Básico; Médio; Superior |
| 6. n.º do inquirido/ informante | B1-25; M26-50; S51-75; Ed76-81; CL82-103 |

Os editoriais e as cartas de leitores não apresentam o código referente ao número três. Portanto, todos os exemplos que forem retirados do *corpus* serão identificados pelo respectivo código; assim, por exemplo:

1. “Eu posso me aperceber do meu bom ou mau comportamento pela reacção dos amigos, colegas, familiares face as minhas atitudes”. (T322 L12 1b RE S65)
2. “ gostaríamos de elogiá-los pelas excelentes reportagens. (T385 L2 CL I88)

Significa que a frase 1 foi retirada do *texto* número 322, na *linha* número 12, o tema é o número 1, vida pessoal, o subtema *b*, experiências e recordações, a tipologia textual é *redacção escolar*, o nível académico é o *superior* e o inquirido é o número 65. A frase 2 foi retirada do *texto* número 385 na *linha* número 2, a tipologia textual é *carta de leitor* e o *informante* é o número 88. Algumas vezes o código da frase poderá apresentar apenas o

número do texto e o da linha de onde foi retirada. Por exemplo, a frase 1 poderia vir identificada apenas com o código seguinte: (T322 L12).

2.5. Construção da base de dados

No caso da investigação em L2, em geral, é fundamental obter informação que permita descrever e caracterizar um ou vários aspectos de um certo estágio de interlíngua. Neste estudo, o fundamental era construir uma base de dados que forneça informação quanto à tipologia dos desvios na colocação dos clíticos pronominais em Moçambique. Assim, foi criada uma base de dados (ver excerto da base de dados no anexo 7), em que estão arquivadas todas as frases retiradas das redacções, editoriais e cartas de leitores em que ocorre a estrutura-alvo.

Inspirada em (Leiria 2001:175-206), construí a base de dados no *Microsoft Excel*. É um programa simples que permite a contagem de frequências e a busca de palavras e permite ir acrescentando campos à medida que a análise a isso obriga. Este programa permite o acesso rápido à informação, independentemente do lugar em que ela estiver arquivada, é flexível e permite várias combinações.

A construção da base de dados seguiu as seguintes etapas: (i) definição dos objectivos; (ii) organização da informação por campos; (iii) determinação dos códigos; (iv) ajustes da base de dados. Cada frase introduzida na base de dados constitui uma entrada. Cada entrada fornece as seguintes informações sobre a ocorrência:

1. Identificação:
 - 1.1. da ocorrência (n.º do documento e da linha onde ela ocorre),
 - 1.2. do inquirido/ informante (idade, língua materna e nível de escolaridade)
 - 1.3. do tipo de documento (redacção escolar/ tema e subtema, editorial, carta de leitor).
2. Caracterização da ocorrência (correcta ou desviante; tipo de desvio)
3. Transcrição da ocorrência (com a estrutura-alvo precedida e seguida de quatro itens lexicais).

A base de dados foi corrigida depois da introdução de alguns dados a título experimental. Em seguida procedeu-se à introdução dos dados.

3.5.1. Para a identificação da tipologia de desvios

Foram introduzidas, na *base de dados*, todas as frases que apresentavam a ocorrência da estrutura-alvo, independentemente de estar ou não de acordo com a norma padrão do PE. Foram também introduzidas aquelas em que não ocorre a estrutura-alvo mas em que, segundo a norma do português europeu, deveria ocorrer. As frases produzidas pelos inquiridos/ informantes em relação às diferentes formas de selecção e colocação dos clíticos pronominais foram avaliadas em função do seu grau de gramaticalidade, tendo-se em conta a norma padrão do PE.

Mas, no âmbito das teorias sobre aquisição/aprendizagem de línguas, a adopção do termo “erro” constitui basicamente um princípio de aferição não só de estratégias de aprendizagem da língua-alvo, como da proficiência linguística alcançada pelos aprendentes. No decurso da aquisição/aprendizagem de uma L2, alguns desses “erros” têm tendência a conservar-se, ou a fossilizar-se”, passando a fazer parte do seu sistema de conhecimento da língua-alvo. Gonçalves (1997:4).

No presente estudo, adoptar-se-á o termo “erro” apresentado por Gonçalves 1997 como indicador das construções não padrão identificadas no *corpus*.

“O desvio deve ser avaliado segundo quatro categorias: gramaticalidade, aceitabilidade, correcção, e estranheza e impropriedade. Gramaticalidade é um pré-requisito para a aceitabilidade; no entanto, enquanto que é o conhecedor de uma língua quem decide se um enunciado é gramatical, é aquele que a usa quem decide se esse enunciado é aceitável. E, para decidir da sua aceitabilidade, não tem em consideração regras mas contextos. Por vezes, uma frase ou um enunciado pode ser inaceitável por apresentar um certo grau de estranheza, que é uma forma de impropriedade, e não de agramaticalidade. Do mesmo modo que uma frase ou um enunciado pode ser espontaneamente aceite, mas, quando filtrada por conhecimento metalinguístico (ou explícito), pode ser rejeitada por não responder ao critério de correcção¹⁰.”

Na análise do grau de gramaticalidade, têm-se em conta três aspectos: a forma verbal, o tipo de frase e o contexto da frase. Na forma verbal, distinguimos a forma verbal simples

¹⁰ Introduzido por Leiria 2001, seguindo James (1990:66-67).

(FVS) da sequência verbal (SeqVerbal). O termo sequência verbal é utilizado de uma forma neutra, para designar:

- a) Duas ou mais formas verbais em adjacência, em que a primeira das formas correspondente a um verbo principal, e a segunda ocorre no infinitivo, como acontece em construções completivas com complementos infinitivos não defectivos.

(7) ... problemas familiares tentam resolve-*las* até (T2 L27)

Neste caso, foi utilizada a abreviatura Vsup+Venc.

- b) Predicados complexos formados por reestruturação ou por união de orações, em que o verbo mais alto é um verbo de controlo de sujeito, um verbo perceptivo ou um verbo causativo como ilustrado em:

(8) ... e mandam-*lhes* trazer o parceiro (T388 L63)

Neste caso, foi utilizada a abreviatura PredCompl.

- c) Sequências cuja primeira forma verbal é um “semi-auxiliar”, i.e; um predicado de elevação que admite a formação de predicadores complexos por reestruturação.

(9) Em suma, deve-*se* abraçar os problemas (T157 L8)

Neste caso, utilizaram-se as abreviaturas AuxTemp, AuxAsp e AuxMod.

- d) Sequências cuja primeira forma verbal é um auxiliar, que selecciona um complemento participial.

(10) Viajar de comboio tem-*me* fascinado (T260 L33)

Neste caso, foram usadas as abreviaturas AuxTComp e AuxPassiv

Considerámos fundamental estabelecer estas distinções, pois elas permitir-nos-ão a identificação dos padrões de colocação do clítico pronominal de forma mais rigorosa; assim, na variedade europeia, os verbos auxiliares atraem obrigatoriamente os pronomes clíticos, enquanto os semi-auxiliares não os atraem obrigatoriamente; os predicados complexos nas construções de reestruturação e de união de orações exigem *Subida de Clítico*.

Estando já definidos os aspectos a ter em conta na análise dos dados, punha-se uma questão: encontrar um sistema de identificação e marcação eficiente e económico que desse resposta aos diferentes tipos de ocorrências: A partir de Leiria (2001:192) estabeleci um sistema de marcação de ocorrências correctas e de ocorrências desviantes. O conjunto de treze etiquetas permitiu na fase de análise uma reinterpretação ou afinação do seu significado.

| Marcação de ocorrências correctas | |
|---|--|
| X1 | O inquirido/ informante usou correctamente a ênclise (e) |
| X2 | O inquirido usou correctamente a próclise (p) |
| X11 | O inquirido/ informante usou correctamente a mesóclise (m) |
| X12 | O inquirido/ informante usou correctamente a ênclise em vez de mesóclise (epm) |
| Marcação de ocorrências desviantes | |
| X3 | O inquirido/informante trocou a próclise por ênclise (ppe) |
| X4 | O inquirido/informante trocou a ênclise por próclise (epp) |
| X5 | “Casos duvidosos” – não foi possível pôr nenhuma hipótese quanto ao padrão de colocação (??) |
| X6 | O falante do PE teria usado outro clítico pronominal |
| X7 | O inquirido/informante não usou o clítico pronominal; o falante do PE tê-lo-ia usado |
| X8 | O inquirido/informante usou o clítico pronominal; o falante do PE não o teria usado |
| X9 | O inquirido/informante não observou a concordância quanto ao género e número |
| X10 | O inquirido/informante usou dois clíticos pronominais; o falante do PE teria usado um |
| X13 | O inquirido/informante usou formas do pronome pessoal forte |

2.6. Critérios de análise dos dados

O grau de significância dos resultados do TCLP foi obtido através de critérios percentuais para a definição de etapas no processo de aquisição. Os critérios percentuais usados nesta dissertação para definir as diferentes fases da aquisição foram adaptados a partir do trabalho de Hernandorena (1990), *apud* Teresa Costa (2003:29)

- (i) Menos de 50 % de correspondência selecção/colocação-alvo: padrão *não adquirido* no contexto em causa;
- (ii) Entre 51% e 75 % de correspondência selecção/colocação-alvo: padrão *em aquisição* no contexto em causa;
- (iii) Entre 76 % e 85 % de correspondência selecção/colocação-alvo: padrão *adquirido* mas não estabilizado/dominado no contexto em causa;
- (iv) Entre 86 % e 100 % de correspondência selecção/colocação-alvo: padrão *estabilizado*/dominado no contexto em causa.

A todos os dados relativos à selecção e à colocação dos clíticos pronominais recolhidos no *corpus* foi atribuída uma classificação. Assim, a partir desta classificação e os critérios de análise dos dados, no capítulo III, faz-se a análise e o comentário de cada uma das ocorrências e os resultados do TCLP.

Capítulo 3

Análise dos dados

3.1. Introdução

Neste capítulo, faz-se a análise dos dados recolhidos do *corpus* e dos resultados obtidos no teste de comportamento linguístico provocado. Designo por *corpus* o conjunto total de materiais formado por redacções escolares, editoriais e cartas de leitores e de *subcorpus* cada um dos subconjuntos que o constituem: básico, médio, superior, os editoriais e cartas de leitores.

Antes de proceder à análise dos dados, apresento em 3.2 a sua distribuição nos materiais. Distingo, em seguida, em 3.3, as entradas correctas das desviantes, tanto no que respeita à selecção como à colocação e apresento a distribuição e frequência dos clíticos pronominais por *subcorpus*. Em 3.4, analiso todos os casos de entradas correctas: distribuição dos padrões enclítico e proclítico tendo como critério a forma verbal simples vs a sequência verbal, e a frequência das categorias que induziram a posição proclítica. Em 3.5, analiso todos os casos de entradas desviantes no que diz respeito à selecção e à colocação. Em 3.6, analiso os resultados do teste de comportamento linguístico provocado. Em 3.7, apresento as conclusões sobre a análise dos dados.

3.2. Distribuição dos dados no *corpus*

Como foi referido antes, a partir de um conjunto de cinco temas subdivididos em subtemas, cada um dos 75 inquiridos devia fazer um total de cinco redacções, totalizando 375 redacções escolares, sendo 125 por nível de escolaridade.

Como disse antes, das 375 redacções escolares que tinha previsto recolher, apenas consegui 372 porque os inquiridos B6, M33, S53 e S71 entregaram um total de quatro redacções escolares, em vez das cinco previamente estabelecidas. O inquirido M34 fez um total de seis redacções escolares, o que fez com que o nível médio completasse o total de 125, apesar de o inquirido M33 ter feito apenas 4 redacções. Cada uma das redacções escolares tem um número de identificação: os números 1 a 124 correspondem às redacções produzidas pelos inquiridos do nível básico, os números 125 a 249 às do nível médio e, finalmente, os números 250 a 372 às do nível superior.

No quadro 3.1, encontra-se a distribuição do total das redacções por temas, subtemas e nível de escolaridade. As letras a, b, c, d referem-se aos diferentes subtemas sugeridos em cada tema (ver anexo 2).

Quadro 3.1

| Total de redacções por temas, subtemas e nível de escolaridade | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--|-----------------|----|----|----------------------|----|--------------------------|---|----|-----------------------------------|----|----|----|--------------------|----|---|-----|
| | 1. Vida pessoal | | | 2. Vida profissional | | 3. Vida cultural e lazer | | | 4. Problemas económicos e sociais | | | | 5. O meio ambiente | | | T |
| | a | b | c | a | b | a | b | c | a | b | c | d | a | b | c | |
| B | 7 | 11 | 7 | 12 | 14 | 8 | 3 | 13 | 4 | 8 | 5 | 8 | 15 | 5 | 4 | 124 |
| M | 12 | 2 | 9 | 13 | 11 | 12 | 3 | 10 | 3 | 12 | 4 | 9 | 22 | 2 | 1 | 125 |
| S | 6 | 2 | 17 | 12 | 13 | 12 | 1 | 11 | 8 | 15 | 1 | 1 | 19 | 5 | - | 123 |
| SubT | 25 | 15 | 33 | 37 | 38 | 32 | 7 | 34 | 15 | 35 | 10 | 18 | 56 | 12 | 5 | |
| T | 73 | | | 75 | | 73 | | | 78 | | | | 73 | | | 372 |

Do total das redacções recolhidas nem todas apresentavam frases com a ocorrência da estrutura-alvo. Como se pode ver no quadro 3.2, apenas 308 das 372 redacções escolares apresentavam frases com a estrutura-alvo, ou seja, tinham frases com ocorrência de clíticos pronominais ou tê-la-iam caso fossem conformes à da norma padrão do PE.

Quadro 3.2

| Total de redacções com a estrutura-alvo por temas, subtemas e nível de escolaridade | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|-----------------|----|----|----------------------|----|--------------------------|---|----|-----------------------------------|----|---|----|--------------------|----|---|-----|
| | 1. Vida pessoal | | | 2. Vida profissional | | 3. Vida cultural e lazer | | | 4. Problemas económicos e sociais | | | | 5. O meio ambiente | | | T |
| | a | b | c | a | b | a | b | c | a | b | c | d | a | b | c | |
| B | 5 | 11 | 7 | 10 | 13 | 7 | 3 | 12 | 3 | 7 | 5 | 8 | 15 | 3 | 4 | 113 |
| M | 5 | 2 | 7 | 6 | 9 | 7 | 2 | 6 | 1 | 7 | 2 | 8 | 16 | 2 | - | 80 |
| S | 5 | 2 | 16 | 10 | 13 | 11 | 1 | 9 | 8 | 15 | 1 | 1 | 18 | 5 | - | 115 |
| SubT | 15 | 15 | 30 | 26 | 35 | 25 | 6 | 27 | 12 | 29 | 8 | 17 | 49 | 10 | 4 | 308 |
| T | 60 | | | 61 | | 58 | | | 66 | | | | 63 | | | |

Apesar das preferências por determinados subtemas, o número de textos dentro de cada tema é aproximado. As restantes 64 redacções escolares que não apresentam frases com ocorrência da estrutura-alvo foram integralmente transcritas e incluídas no *corpus*. No quadro 3.3 encontra-se a distribuição das redacções que não foram introduzidas na base de dados por nelas não ocorrer a estrutura-alvo, organizadas por temas, subtemas e nível de escolaridade. Os resultados indicam que o nível médio é o que apresenta maior número de redacções escolares sem a ocorrência de clíticos pronominais.

Quadro 3.3

| Total das redacções sem a estrutura-alvo por temas, subtemas e nível de escolaridade | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--|-----------------|---|---|----------------------|---|--------------------------|---|---|-----------------------------------|---|---|---|--------------------|---|---|----|
| | 1. Vida pessoal | | | 2. Vida profissional | | 3. Vida cultural e lazer | | | 4. Problemas económicos e sociais | | | | 5. O meio ambiente | | | T |
| | a | b | c | a | b | a | b | c | a | b | c | d | a | b | c | |
| B | 2 | - | - | 2 | 1 | 1 | - | 1 | 1 | 1 | - | - | - | 2 | - | 11 |
| M | 7 | - | 2 | 7 | 2 | 5 | 1 | 4 | 2 | 5 | 2 | 1 | 6 | 1 | - | 45 |
| S | 1 | - | 1 | 2 | - | 1 | - | 2 | - | - | - | - | 1 | - | - | 8 |
| SubT | 10 | - | 3 | 11 | 3 | 7 | 1 | 7 | 3 | 6 | 2 | 1 | 7 | 3 | - | |
| T | 13 | | | 14 | | 15 | | | 12 | | | | 10 | | | 64 |

Os números das redacções escolares que não apresentam a estrutura-alvo são os seguintes: 38, 58, 59, 71, 80, 86, 87, 99, 103, 119, 120, 125, 131, 133, 135, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 152, 158, 161, 162, 163, 168, 170, 171, 173, 175, 176, 177, 179, 181, 182, 193, 205, 212, 215, 216, 217, 219, 226, 227, 229, 231, 232, 233, 236, 237, 240, 244, 252, 286, 304, 305, 306, 363, 364 e 367.

Na tabela 3.1 encontra-se a distribuição do total absoluto de palavras gráficas ocorridas em cada nível de escolaridade e o total aproximado das ocorridas nos editoriais e cartas de leitores. É, portanto, em relação a estes totais que as percentagens de estruturas em observação serão consideradas e comentadas. Como se pode observar, dos três níveis de escolaridade, o nível médio é o que apresenta a percentagem mais baixa (23,3 %) de palavras gráficas, apesar de ter totalizado as 125 redacções escolares definidas por nível de escolaridade. As baixas percentagens dos editoriais e das cartas de leitores devem-se ao reduzido número de textos recolhidos, 6 editoriais e 22 cartas de leitores.

Tabela 3.1

| Distribuição do total de palavras ocorridas no <i>corpus</i> | | | | | |
|--|--------|----------|------------|-----------|-------|
| Básico | Médio | Superior | Editoriais | CLeitores | Total |
| 22611 | 16832 | 22864 | 2085 | 7368 | 71760 |
| 31,5 % | 23,4 % | 32,0 % | 2,9 % | 10,2 % | 100 % |

Na tabela 3.2, encontra-se o total de ocorrências com a estrutura-alvo em cada *subcorpus* e as percentagens correspondentes. Os resultados revelam que, do total de 71760 palavras gráficas ocorridas no *corpus*, apenas 1220 (1,7 %) ocorrências correspondem à estrutura em observação.

Tabela 3.2

| Total de entradas introduzidas na base de dados | | | | | | |
|---|--------|-------|----------|------------|-----------|-------|
| | Básico | Médio | Superior | Editoriais | CLeitores | Total |
| Total de palavras | 22611 | 16832 | 22864 | 2085 | 7368 | 71760 |
| Total entradas | 434 | 216 | 407 | 27 | 136 | 1220 |
| % total de entradas | 1,9 % | 1,3 % | 1,8 % | 1,3 % | 1,8 % | 1,7 % |

Considerando a variável nível de escolaridade, o nível básico é aquele que mais usou os clíticos pronominais, com 1,9 % do total de palavras, seguindo-se o nível superior com 1,8% e, por último, o nível médio com 1,3 %. A percentagem de clíticos pronominais nas cartas de leitores e nos editoriais é, respectivamente, 1,8 % e 1,3 %. Os resultados percentuais são, portanto, bastante aproximados, permitindo concluir que os inquiridos começam a usar clíticos pronominais relativamente cedo. Veremos a seguir o grau de correcção da sua utilização.

3.3. Distribuição de entradas correctas e desviantes na base de dados

A referência que norteia este estudo é a norma padrão do PE, pelo que se entende por entradas correctas aquelas em que a selecção e o padrão de colocação seguem a norma padrão do PE e por entradas desviantes aquelas em que a selecção e o padrão de colocação violam a norma padrão do PE. A tabela 3.3 dá conta de todos os casos de entradas correctas e desviantes no *corpus*, sem distinguir selecção de colocação.

Tabela 3.3

| Colocação e selecção: entradas na base de dados | | |
|---|------------|-------|
| Correctas | Desviantes | Total |
| 960 | 260 | 1220 |
| 78,7 % | 21,3 % | 100 % |

Quanto ao domínio dos clíticos pronominais, os inquiridos e os informantes seguem a norma padrão do PE em 78,7 % (960 ocorrências sobre as 1220 entradas da base de dados) e o total de entradas desviantes é pouco mais de 20,0 %.

Na tabela 3.4, encontra-se a distinção entre as entradas correctas e as entradas desviantes, organizadas por *subcorpus*. Os resultados revelam que, do total de 1220 entradas ocorridas

no *corpus*, 960 (78,7 %) ocorrências correspondem às entradas correctas e 260 (21,3 %) às entradas desviantes.

Tabela 3.4

| Total de entradas correctas e desviantes na base de dados | | | | | | |
|---|--------|--------|----------|------------|-----------|--------|
| | Básico | Médio | Superior | Editoriais | CLeitores | Total |
| Total entradas | 434 | 216 | 407 | 27 | 136 | 1220 |
| Entradas correctas | 316 | 159 | 349 | 24 | 112 | 960 |
| Entradas desviantes | 118 | 57 | 58 | 3 | 24 | 260 |
| % entradas correctas | 72,8 % | 73,6 % | 85,7 % | 88,9 % | 82,4 % | 78,7 % |
| % entradas desviantes | 27,2 % | 26,4 % | 14,3 % | 11,1 % | 17,6 % | 21,3 % |

Quanto ao grau de correcção, apesar de a maior percentagem de usos do clítico pronominal pertencer ao nível básico, os editoriais apresentam maior percentagem de entradas correctas, com 88,9 %, seguindo-se o nível superior com 85,7 %, as cartas de leitores com 82,4 %, o nível médio com 73,6 % e, por último, o nível básico com 72,8 %. Como vimos, os resultados percentuais das entradas correctas são bastante aproximados; no entanto, e tal como seria de esperar, é no básico que os resultados são mais desviantes, sendo menos desviantes nos editoriais. O que se pode concluir é que os inquiridos do nível básico, apesar de usarem muito os clíticos pronominais, não os dominam tanto no que respeita à selecção como à colocação.

Das 1220 entradas relativas à estrutura em observação, 1202 apresentam o clítico pronominal, 5 apresentam formas do pronome pessoal forte - *ele* (3), *eles* (1) e *a eles* (1)- e em 13 houve omissão em casos em que, segundo a norma padrão do PE, o clítico pronominal seria usado. Estes casos de omissão do clítico pronominal registaram-se apenas no nível básico. Registaram-se também fenómenos de assimilação entre os clíticos (acusativo de 3ª pessoa: *o*, *a*, *os*, *as*) e as formas verbais¹¹.

O quadro 3.5 dá conta da distribuição dos 1202 clíticos pronominais ocorridos em cada *subcorpus*. Da observação da frequência de cada um dos clíticos pronominais, ressalta que o pronome reflexo da 3ª pessoa do singular *se* foi o mais usado em todos os *subcorpus* com

¹¹ Segundo Cunha e Cintra (1999), estes fenómenos ocorrem quando o clítico está enclítico ao verbo e este termina em -r, -s, ou -z, e em ditongo nasal.

um total de 692 ocorrências. A seguir a *se*, encontram-se *me* e *nos*. O clítico pronominal menos usado foi o pronome reflexo e não-reflexo da 2ª pessoa do plural *vos*.

Quadro 3.5

| Frequência dos clíticos pronominais por <i>subcorpus</i> | | | | | | |
|--|---------|--------|------------|------------|------------|-------|
| Clíticos | Básicos | Médios | Superiores | Editoriais | C Leitores | Total |
| se | 250 | 157 | 212 | 21 | 52 | 692 |
| me | 75 | 14 | 134 | - | 31 | 254 |
| nos | 36 | 20 | 16 | 1 | 16 | 89 |
| lhe | 11 | 7 | 5 | - | 16 | 39 |
| lhes | 20 | 7 | 2 | 1 | 5 | 35 |
| o | 3 | 3 | 8 | - | 5 | 19 |
| lo | 4 | 3 | 7 | 1 | 1 | 16 |
| los | 1 | 1 | 5 | - | 3 | 10 |
| as | 4 | 1 | 3 | 1 | - | 9 |
| os | - | 1 | 4 | - | 3 | 8 |
| la | 3 | - | 4 | 1 | - | 8 |
| las | 3 | 3 | 2 | - | - | 8 |
| a | 3 | - | 3 | 1 | 1 | 8 |
| te | 3 | - | - | - | 1 | 4 |
| vos | 1 | - | 1 | - | 1 | 3 |
| Total | 417 | 217 | 406 | 27 | 135 | 1202 |

Os totais neste quadro contemplam todas as entradas correctas e desviantes. A partir destes totais, no ponto das entradas desviantes, iremos distinguir desvios relativos à selecção e à colocação dos clíticos pronominais. O nível básico teve um total de 434 entradas na base de dados (cf. tabela 3.2), mas os dados do quadro indicam apenas uma ocorrência total de 417 clíticos pronominais. Esta diferença deve-se ao facto de ter sido neste nível que se registaram os casos de omissão e a ocorrência de formas do pronome pessoal forte.

3.4. Entradas correctas

Como se pode observar na tabela 3.4, apesar de os inquiridos do nível básico terem apresentado maior percentagem de uso dos clíticos pronominais, foram os informantes dos editoriais e os inquiridos do nível superior que apresentaram maior percentagem de entradas correctas.

Os padrões de colocação ocorridos nas entradas correctas são a ênclise, a próclise e a mesóclise. Registámos como “padrão de colocação” independente da ênclise todas as

frases em que a mesóclise foi trocada pela ênclise¹² (epm). Os resultados da tabela 3.5 revelam que as construções proclíticas apresentam a maior percentagem de entradas correctas - 52,8 % contra 65,6 % para as construções enclíticas, 0,5 % para as construções mesoclíticas e 0,1 % de substituição de mesóclise por ênclise.

Tabela 3.5

| % de entradas correctas por <i>subcorpus</i> e por padrão de colocação | | | | | | |
|--|--------|--------|----------|------------|-----------|--------|
| | Básico | Médio | Superior | Editoriais | CLeitores | Total |
| Entradas correctas | 316 | 159 | 349 | 24 | 112 | 960 |
| ênclise | 156 | 83 | 140 | 10 | 58 | 447 |
| próclise | 160 | 76 | 206 | 14 | 51 | 507 |
| mesóclise | - | - | 2 | - | 3 | 5 |
| epm | - | - | 1 | - | - | 1 |
| % ênclise | 49,4 % | 52,2 % | 40,1 % | 41,7 % | 51,9 % | 46,6 % |
| % próclise | 50,6 % | 47,8 % | 59,0 % | 58,3 % | 45,5 % | 52,8 % |
| % mesóclise | - | - | 0,6 % | - | 2,6 % | 0,5 % |
| % epm | - | - | 0,3 % | - | - | 0,1 % |

A posição mesoclítica detém a percentagem mais baixa de entradas correctas, com 0,5 %, 5 ocorrências. O facto de a mesóclise só ter ocorrido no nível superior (0,6 %) e nas cartas de leitores (3,0 %) confirma, de algum modo, a afirmação de Duarte & Matos (1994) de que a mesóclise está a perder-se por não corresponder a opções da Gramática do PE moderno, pelo que precisa de ser aprendida em contextos formais. Estas linguistas adiantam ainda que, nas novas gerações e em falantes com pouco nível de escolarização, a mesóclise está sendo substituída pela ênclise. Os dados corroboram esta afirmação, uma vez que se verificou, como se pode ver na frase (1), apenas 1 ocorrência (0,1 %) de ênclise em vez de mesóclise (epm) no nível superior.

(1) Este factor levará-me a conclusão... (T334 L31 1c RE S68)

3.4.1. Colocação enclítica e proclítica em FVS e SeqVerbal

Do total absoluto de 960 ocorrências correctas, apenas 6 se referem à mesóclise e as restantes 954 subdividem-se em 447 para a posição enclítica e 507 para a posição proclítica. Na análise dos dados, um dos contextos em observação foi a forma verbal:

¹² Assumindo que a mesóclise não pode ser o resultado do processo natural de aquisição e que só a escolarização poderá levar a integrar este padrão na gramática dos falantes, considero-o correcto.

forma verbal simples (FVS) e sequência verbal (SeqVerbal). Na sequência verbal, tomámos o auxiliar como base. Assim, temos sequências verbais com o auxiliar aspectual, modal, temporal e dos tempos compostos; sequências com verbo superior + verbo encaixado, verbo superior + auxiliar temporal + verbo encaixado, verbo superior perceptivo, ir + gerúndio, gerúndio nominalizado e predicado complexo.

3.4.1.1. Colocação enclítica na FVS/ SeqVerbal

Na posição enclítica, os resultados foram os que se seguem na tabela 3.6. Como se pode observar, a ocorrência de clíticos pronominais em SeqVerbais é muito baixa: 19,2 % contra 80,8 % nas FVS. O nível superior é o que apresenta a percentagem mais alta de uso de clíticos pronominais em SeqVerbais (27,1 %).

Tabela 3.6

| % de ênclise em FVS e SeqVerbal | | | | | | |
|---------------------------------|--------|--------|----------|------------|-----------|--------|
| | Básico | Médio | Superior | Editoriais | CLeitores | Total |
| Total Ocor | 156 | 83 | 140 | 10 | 58 | 447 |
| FVS | 132 | 71 | 102 | 8 | 48 | 361 |
| SeqVerbal | 24 | 12 | 38 | 2 | 10 | 86 |
| | | | | | | |
| % FVS | 84,6 % | 85,5 % | 72,9 % | 80,0 % | 82,8 % | 80,8 % |
| % SeqVerbal | 15,4 % | 14,5 % | 27,1 % | 20,0 % | 17,2 % | 19,2 % |

Estes resultados mostram que os inquiridos do nível básico e médio e os informantes não fazem muito uso de clíticos pronominais com sequências verbais. Provavelmente porque ainda não aprenderam as propriedades de construção destes verbos ou porque nunca as ouvem da boca de falantes mais proficientes.

Nas SeqVerbais, como esperado, a colocação enclítica é sensível à natureza do verbo mais alto e à construção sintáctica. Na tabela 3.7, encontra-se a distribuição percentual de cada sequência verbal sobre o total absoluto de 86 ocorrências e os respectivos exemplos. No final de cada exemplo está indicado o número do texto e da linha de onde foi retirado. Os resultados indicam que a ênclise ocorre em, pelo menos, oito tipos de sequências verbais.

Destas, a maior percentagem vai para a sequência verbal: Verbo superior + Verbo encaixado¹³ com 45,3 %.

Tabela 3.7

| Combinações na SeqVerbal | | | |
|--------------------------|----|------|--|
| | T | % | Exemplos |
| Vsup + Venc | 39 | 45,3 | problemas familiares tentam resolve- <i>las</i> até...(T2 L27) |
| PredCompl | 1 | 1,2 | e mandam- <i>lhes</i> trazer o parceiro ... (T388 L63) |
| AuxMod | 21 | 24,4 | Em suma deve- <i>se</i> abraçar os problemas (T157 L8) |
| AuxTComp | 12 | 14,0 | Viajar de comboio tem- <i>me</i> fascinado. (T260 L33) |
| AuxTemp | 7 | 8,0 | a viagem vai- <i>me</i> garantir o desenvolvimento (T370 L17) |
| AuxAsp+Ger | 4 | 4,7 | E assim foi- <i>se</i> constantando motivos vários... (T5 L13) |
| AuxPassiv | 1 | 1,2 | lá são- <i>lhes</i> contadas estórias ... (T393 L56) |
| AuxAsp+P+Inf | 1 | 1,2 | O sr Blaise pós- <i>se</i> a beber (T1 L14) |

Assim, o clítico ocorre enclítico ao verbo superior ou ao verbo encaixado quando a construção, respectivamente, não envolve ou envolve formação de predicados complexos (cf. linha 1 vs. linha 2 da tabela 3.7).

Quando o verbo mais alto é um auxiliar ou semi-auxiliar que selecciona um SV não preposicionado, só ocorre ênclise ao verbo mais alto (cf. linhas 2-6 da tabela 3.7).

Finalmente com semi-auxiliares aspectuais que seleccionam SVs preposicionados, tanto ocorre ênclise ao verbo mais alto como ênclise ao verbo encaixado (cf. linhas 8-9 da tabela 3.7). As preposições utilizadas foram *a* e *em*. A preposição *a* teve um maior número de ocorrências, 13 casos contra 4 da preposição *em* 2 da preposição *de*.

3.4.1.2. Colocação proclítica na FVS / SeqVerbal

Na posição proclítica, os resultados parecem revelar a pertinência do factor escolaridade no desenvolvimento linguístico em relação aos clíticos pronominais com FVS: os clíticos pronominais com SeqVerbais aparecem com percentagens baixas. Conforme os dados na tabela 3.8, os editoriais, que, em princípio, são redigidos por profissionais de informação, apresentam a percentagem mais alta de ocorrências de clíticos pronominais com SeqVerbais, com 21,4 %, seguindo-se os inquiridos do nível médio com 17,1 %.

¹³ Neste tipo de sequência verbal registámos, no nível superior, um caso de adjectivação do verbo encaixado:

*Muitas pessoas deixam-*se* marginalizadas (PE: deixam-*se* marginalizar).

Tabela 3.8

| Contextos | % de próclise em FVS / SeqVerbal | | | | | |
|-------------|----------------------------------|--------|----------|------------|-----------|--------|
| | Básico | Médio | Superior | Editoriais | CLeitores | Total |
| Total Ocor | 160 | 76 | 206 | 14 | 51 | 507 |
| FVS | 144 | 63 | 173 | 11 | 43 | 434 |
| SeqVerbal | 16 | 13 | 33 | 3 | 8 | 73 |
| | | | | | | |
| % FVS | 90,0 % | 82,9 % | 84,0 % | 78,6 % | 84,3 % | 85,6 % |
| % SeqVerbal | 10,0 % | 17,1 % | 16,0 % | 21,4 % | 15,7 % | 14,4 % |

Nas SeqVerbais, a colocação proclítica ocorre em todas as sequências cujo verbo mais alto é um auxiliar ou semi-auxiliar, quer o seu complemento seja ou não introduzido por uma preposição. Registaram-se nestes contextos as preposições *a* (12 ocorrências), *em* (3 ocorrências) e *de* (1 ocorrência).

Na tabela 3.9, encontra-se a distribuição percentual das 73 ocorrências e os respectivos exemplos. No final de cada exemplo está indicado o número do texto e da linha de onde foi retirado.

Tabela 3.9

| Combinações na SeqVerbal | | | |
|--------------------------|----|------|---|
| | T | % | Exemplos |
| AuxModal | 24 | 32,9 | ... das dificuldades que <i>se</i> possa enfrentar (T300 L14) |
| PredComplexo | 24 | 32,9 | e não <i>nos</i> deixemos seduzir pelas aparências (T390 L12) |
| AuxTCompostos | 12 | 16,4 | O que <i>se</i> tem verificado ultimamente (T284 L23) |
| AuxPassivo | 6 | 8,2 | O despacho que <i>me</i> foi dado (T277 L15) |
| AuxAspectual | 5 | 6,8 | ... um estudante que <i>se</i> está a formar (T279 L17) |
| AuxTemporal | 2 | 2,7 | Exposição esta que <i>se</i> vai sequencializar (T46 L6) |
| Vsup + Venc | 1 | 1,5 | ...se assim lhes quisermos chamar (T47 L5) |

Como se pode observar na tabela 3.9, a próclise ocorre em sete tipos de sequências verbais. A sequência verbal encabeçada por AuxModal tem a maior percentagem de ocorrências, com 32,9 %, ao passo que, no padrão enclítico, a percentagem maior foi a da sequência Vsup+Venc, com 46,6 %.

Registe-se que estão incluídos nesta contagem casos de *Subida de Clítico* com verbos perceptivos e volitivos, com predicadores complexos e com auxiliares e semi-auxiliares.

Das 232 ocorrências de *que* na classe dos complementadores e palavras-Q, 190 correspondem ao pronome relativo, 30 correspondem ao complementador, 10 correspondem a estruturas clivadas e 2 a estruturas pseudo-clivadas. Incluem-se na classe dos complementadores, complementadores complexos, integrando *que* como: *na medida em que, logo que, para que, em que, uma vez que, sem que, de modo que, desde que*, como se pode ver nas frases (2) a (8).

- (2) ... uma vez que *me* sinto capaz de ... (T42 L4 1b RE B5)
- (3) ... e para que *se* escreve neste caso consigo ... (T34 L8 1b RE B3)
- (4) ... desde que o momento *nos* leva a fazer injustiças... (T90 L24 2b RE B17)
- (5) ... sem que *se* aperceba dessa influência... (T185 L9 1c RE M38)
- (6) ... com eles sempre que *se* mostre pertinente ... (T250 L16 1c RE S51)
- (7) ... na medida em que *as* uso como uma arma... (T289 L24 1c RE S59)
- (8) ... logo que os homens *se* relacionam uns com os outros ... (T339 L7 1c RE S69)

3.5. Entradas desviantes

Nas entradas desviantes, verificam-se dois tipos de desvios: selecção e colocação dos clíticos pronominais. Das 260 entradas desviantes (cf. tabela 3.4) na base de dados, o maior número de desvios é relativo à colocação (227), contra 33, relativos à selecção. Apresentam-se primeiro os resultados relativos à selecção seguindo-se depois os relativos à colocação.

3.5.1. Desvios quanto à selecção

Como já foi referido, para além dos desvios relativos à colocação, os dados revelam que há também desvios relativos à selecção dos clíticos pronominais, com uma percentagem de 12,7 % do total de entradas desviantes. Quanto à selecção, identificámos cinco tipos de desvios: leísmo, omissão do CI, inserção do CI, concordância e selecção de formas preposicionadas do pronome pessoal forte. Nos editoriais não ocorreu nenhum desvio quanto à selecção.

Na tabela 3.10, encontram-se os resultados percentuais quanto à selecção organizados por tipo de desvio e por *subcorpus*.

Tabela 3.10

| Desvios quanto à selecção | | | | | | |
|---------------------------|--------|--------|-------|----|--------|--------|
| | B | M | S | Ed | CL | Total |
| Total Ocor | 21 | 5 | 2 | - | 5 | 33 |
| leísmo | 4 | 4 | - | - | 4 | 12 |
| omissão do Cl | 13 | - | - | - | - | 13 |
| inserção do Cl | - | 1 | 2 | - | - | 3 |
| concordância | - | - | - | - | - | - |
| pronome pessoal forte | 4 | - | - | - | 1 | 5 |
| % leísmo | 19,0 % | 80,0 % | - | - | 80,0 % | 36,4 % |
| % omissão do Cl | 62,0 % | - | - | - | - | 39,4 % |
| % inserção do Cl | | 20,0 % | 100 % | - | - | 9,1 % |
| % concordância | | - | - | - | - | - |
| % pronome pessoal forte | 19,0 % | - | - | - | 20,0 % | 15,1 % |

No que diz respeito aos resultados sobre a selecção dos clíticos pronominais verificámos que:

(a) Nos casos de leísmo, uma pequena percentagem dos inquiridos dos níveis básico e médio e os informantes das cartas de leitores, perante OD [+HUM], apresentam dificuldades com os clíticos acusativos e produzem leísmo, como está ilustrado na frase (9). Este dado foi também identificado por Duarte, Matos, e Faria (1994) nas crianças portuguesas monolingues. No PB, segundo Nunes (1993) os clíticos acusativos de 3.^a pessoa estão em vias de extinção, o que terá aberto caminho para a expansão das construções com objecto nulo e para a introdução de construções com pronome tónico na posição de objecto. Os dados confirmam também o que P. Gonçalves (1996) referiu como a tendência dos moçambicanos para associar à posição de SN-OD [+HUM] a forma pronominal *lhe*.

- (9) (a) ... não ter ninguém para *lhes* ajudar (T9 L7 4d RE B9)
 (b) ... do mundo real que *lhes* envolve (T223 L8 3c RE M22)
 (c) Director Nhussi eu conheço-*lhe* (T380 L2 CL I83)

(b) Nos casos de omissão do clítico pronominal, os clíticos ocorridos são *o*, *se*, *nos*, *me* (*n*)*a*. O *se* teve maior frequência (8 ocorrências). Só no nível básico é que houve omissão, em contextos em que, segundo a norma do PE, deveria ocorrer numa percentagem total de 39,4 %. Os clíticos omitidos foram as formas do pronome reflexo

me, se, nos e a forma do pronome não-reflexo *o*. O *se* foi a forma com mais casos de omissão com um total de 8 ocorrências, seguindo-se *nos* com 2 e, por último, *o* com 1 ocorrência. Estas omissões talvez resultem do facto de os inquiridos do nível básico ainda não terem adquirido as propriedades lexicais do verbo, pois nos níveis de escolaridades mais altos este caso não se verifica.

- (10) ...no campo a vida é calma, não há que [-] preocupar com as poluições (T24 L5)
- (11) ... miodas e senhoras prostituirem [-] para o seu sustento (T35 L16 2b RE B3)
- (12) ... surpieender pra quem não [-] conhecia. (T7 L34 1 a RE B7)
- (13) ...nós nem sequer [-] damos conta. (T25 L22 4c RE B25)

Na frase (10) e (11), o clítico omitido é o *se* inerente. Consoante o verbo, o *se* inerente ocorre opcional ou obrigatório ou seja, a ausência ou presença deste clítico decorre das propriedades lexicais do verbo.

(b) Nos casos de inserção, os clíticos afectados foram *se* e *me*. O *me* teve maior frequência (2 ocorrências). Observamos que os inquiridos do nível médio e superior, numa percentagem total de 9,1 %, usaram clíticos pronominais em contextos que o PE não usaria. No nível básico, registou-se um caso numa entrada já registada nos casos de troca de ênclise por próclise e, por isso, não foi introduzido no quadro 3.10. Para o nível superior e médio a inserção pode revelar que *a consciência da norma* é maior e muitas vezes os inquiridos têm dúvidas e usam o clítico pronominal abusivamente. Para o nível básico, pode significar que ainda não aprenderam as propriedades de construção destes verbos. Na frase (14) não é só a introdução do clítico que determina a agramaticalidade, mas também a recategorização do complementador *quando* como elemento não proclisador em posição pré-verbal.

- (14) ... quando engresso-*me* na Universidade (T277 L12 4b RE S56)

(c) Nos casos de desvio relativamente a processos gerais de concordância, o número de ocorrências é muito reduzido, registando-se apenas duas ocorrências no nível básico. Estas ocorrências não foram introduzidas na tabela 3.10 por terem sido registadas nos casos de troca de ênclise por próclise. Estas duas ocorrências na flexão do número são entre nome e clítico pronominal, como ilustra a frase (15). A razão desta ocorrência

parece ser a distância entre o nome e o clítico pronominal e não o desconhecimento dos reflexos morfológicos da identidade de traços gramaticais dos elementos de cadeias referenciais.

- (15) Encontram-se nas discotecas meninas com menos de 18 anos, que metem-se com senhores porque eles dão-lhe dinheiro¹⁴. (T11 L18 4d RE B11)

Na norma padrão do PE, a presença do pronome forte pessoal em posição argumental só é permitida em caso de redobro de clítico, situação em que ocorre precedido da preposição *a*. Nos casos de selecção desviante os resultados mostram que num total de 15,1 % os inquiridos do nível médio e os informantes seleccionaram o pronome forte pessoal para posição argumental num contexto de não redobro.

- (16) (a) ... não fará bem *para eles* (T1 L24 4 a RE B1)
 (b) ... a terminar desejo *a ele* boa saúde e longa vida. (T395 L19 CL I98)

3.5.2. Desvios quanto à colocação

Na tabela 3.11 encontram-se os resultados percentuais relativos aos desvios de colocação, organizados por *subcorpus*.

Tabela 3.11

| Desvios quanto ao padrão de colocação | | | | | | |
|---------------------------------------|--------|--------|----------|------------|-----------|--------|
| | Básico | Médio | Superior | Editoriais | CLeitores | Total |
| Total Ocor | 97 | 52 | 56 | 3 | 19 | 227 |
| próclise por ênclise | 16 | 17 | 12 | 2 | 4 | 51 |
| ênclise por próclise | 51 | 12 | 30 | - | 12 | 105 |
| “casos duvidosos” | 28 | 22 | 13 | 1 | 3 | 67 |
| reduplicação de Cl | 2 | 1 | 1 | - | - | 4 |
| | | | | | | |
| % próclise por ênclise | 16,5 % | 32,7 % | 21,4 % | 66,7 % | 21,1 % | 22,4 % |
| % ênclise por próclise | 52,6 % | 23,0 % | 53,6 % | 33,3 % | 63,2 % | 46,3 % |
| % “casos duvidosos” | 29,0 % | 42,3 % | 23,2 % | - | 15,7 % | 29,5 % |
| % reduplicação do Cl | 2,1 % | 2,0 % | 1,8 % | - | - | 1,8 % |

Nos desvios relativos à colocação, identificámos quatro tipos de desvios: troca de próclise por ênclise (22,4 %), troca de ênclise por próclise (46,3 %), “casos duvidosos” (29,5 %) e casos de reduplicação do clítico pronominal (1,8 %). Os “casos duvidosos” envolvem

¹⁴ Esta frase, para além do problema de concordância, apresenta outros problemas.

sequências verbais e foram assim designados porque, durante a análise dos dados, não foi possível determinar o padrão de colocação do clítico pronominal, uma vez que a falta do uso do *hífen* não permitiu determinar se o clítico pronominal está enclítico ao primeiro termo ou se está proclítico ao segundo termo da sequência verbal.

Os “casos duvidosos” verificam-se com alguma regularidade no *corpus* e a percentagem de 29,5 % pode revelar que a *consciência da norma* é maior e, muitas vezes, deve haver dúvidas e provavelmente por isso não usam o *hífen* na colocação do clítico entre os dois termos da sequência verbal. A percentagem de desvios relativos à colocação, no nível básico, é de 37,3 % do total de estruturas desviantes (260 entradas).

O facto de a posição enclítica apresentar melhores resultados do que a posição proclítica confirma, de algum modo, o que Duarte *et alii* (1994) já observaram, i.e. a tendência que os falantes de português europeu têm para usar a ênclise. Mas como explicar essa tendência em Moçambique, que tem o português como L2? A explicação pode estar nas teorias de aquisição da linguagem. Slobin (1985) defende que a aquisição duma língua quer como primeira (como se verifica no caso da maioria da nova geração nas cidades de Moçambique) quer como língua segunda (através da alfabetização, por exemplo, ou de maneira não-controlada no meio ambiente, no bairro etc.) obedece a princípios comuns. Entre os quais salientam-se: (a) princípio de frequência; (b) princípio de saliência fónica; (c) princípio de relevância e (d) princípio de aquisição do não-marcado antes do marcado. A menor percentagem de desvios na posição enclítica em relação à posição proclítica corresponderia ao quarto princípio, ou seja a ênclise, enquanto posição neutra, não marcada, foi adquirida antes da próclise, que exige, para além de conhecimento estrutural (o proclisador tem de preceder e c-comandar o verbo), conhecimento idiossincrático (o reconhecimento dos itens que funcionam como proclisadores).

Nos casos de reduplicação do clítico pronominal, nos níveis básico, médio e superior, os inquiridos usaram dois clíticos numa só frase, como ilustram as frases (17), numa percentagem total de 0,3 %. A reduplicação do clítico evidencia os dois padrões de colocação conflitantes com que se deparam os inquiridos na tentativa de aprenderem a colocação enclítica e proclítica.

- (17) (a) ... a mãe nunca *se* queixou-*se* do filho (T7 L12 1 a RE B7)
 (b) ... habitualmente não *se* deixam *se* envolver (T224 L8 4 a RE M45)

Os resultados revelam que os inquiridos e os informantes seguem a norma padrão do PE em 78,7 % das 1220 entradas contra os 21,3 % correspondentes às estruturas desviantes. Quanto à morfologia do clítico pronominal, verificámos que a forma do clítico pronominal não parece ligar-se claramente a um padrão de colocação específico pois no *corpus* ocorreram todas as formas átonas. O *se* é a forma mais frequente, seguindo-se-lhe *me* e *nos*. É de referir a baixa ocorrência de *te*, *vos* e das formas do pronome pessoal forte *ele*.

Nas entradas correctas, a posição proclítica teve a maior percentagem de ocorrências (52,8 % das 960 entradas) contra 46,6 % de ênclise e 0,5 % de mesóclise e 0,1 % de ênclise por mesóclise. As posições enclítica e proclítica, nas entradas correctas, ocorrem mais com formas verbais simples do que com sequências verbais. Nas formas verbais simples, identificámos as ordens V+Cl e Cl+V. Nas sequências verbais, o clítico ocorre enclítico ao primeiro termo, ou ao segundo termo (infinitivo, participio e gerúndio) e proclítico ao primeiro termo, em presença de elementos atractores em posição pré-verbal. Para próclise à forma verbal encaixada ver secção dos casos duvidosos e TCLP. Dos elementos que desencadearam a próclise o *que* é o mais frequente, seguindo-se *não* e *de*.

Nas entradas desviantes, ocorrem desvios relativos à colocação e à selecção. Quanto à selecção identificámos casos de léísmo, omissão e inserção do clítico, concordância e selecção de pronome pessoal forte. Quanto à colocação, identificámos casos de reduplicação do clítico, de troca de ênclise por próclise, de próclise por ênclise e casos em que não foi possível determinar o padrão de colocação do clítico. Estes casos envolvem sequências verbais e constituem o foco desta investigação.

No ponto seguinte segue-se a análise dos contextos em que se verificaram os desvios relativos à colocação dos clíticos pronominais.

3.5.3. Análise dos contextos de colocação desviantes

Na análise dos contextos de colocação desviantes nas redacções escolares, editoriais e cartas de leitores, vamos destacar os casos de próclise em vez de ênclise, ênclise em vez de próclise e os “casos duvidosos”. As frases foram analisadas tendo como critério as formas

verbais: (i) Forma Verbal Simples, em três Tipos de Frase: simples, coordenada e subordinada; e (ii) Sequência Verbal, nos diferentes padrões de colocação registados no *corpus*.

3.5.3.1. Próclise em vez de ênclise

Nos casos de próclise em vez de ênclise há um total de 51 ocorrências, o que corresponde a 22,4 % (cf. tabela 3.11) das 227 ocorrências relativas aos desvios de colocação. Os dados revelam que tanto na forma verbal simples como nas sequências verbais verifica-se a troca da posição enclítica pela posição proclítica. Os clíticos seleccionados foram *as*, *lhe*, *me*, *nos* e o *se* com maior frequência (38 ocorrências).

Na tabela 3.12, apresenta-se a frequência destes casos de próclise em vez de ênclise por forma verbal e por *subcorpus*.

Tabela 3.12

| Frequência de próclise em vez de ênclise em FVS e SeqVerbal | | | | | | |
|---|--------|--------|----------|------------|-----------|--------|
| | Básico | Médio | Superior | Editoriais | CLeitores | Total |
| Total Ocor | 16 | 17 | 12 | 2 | 4 | 51 |
| FVS | 13 | 15 | 7 | 2 | 3 | 40 |
| SeqVerbal | 3 | 2 | 5 | - | 1 | 11 |
| | | | | | | |
| % FVS | 81,2 % | 88,2 % | 58,3 % | 100 % | 75,0 % | 78,4 % |
| % SeqVerbal | 18,8 % | 11,8 % | 41,7 % | - | 25,0 % | 21,6 % |

Na forma verbal simples, a troca da posição enclítica pela posição proclítica só se verifica na frase coordenada / simples. Estas trocas ocorrem independentemente do modo verbal, da pessoa gramatical e do tempo verbal¹⁵. Na sequência verbal, encontramos auxiliares aspectuais e auxiliares de tempos compostos.

Segundo a norma padrão do PE (capítulo I ponto 1.4.1), na forma verbal simples, a ênclise ocorre, obrigatoriamente, em contextos de frases-raiz, em frases coordenadas e em frases subordinadas que não apresentem atractores de próclise que c-comandem e precedam o clítico no mesmo sintagma entoacional. Mas, como se observa na tabela 3.12, os

¹⁵ No *corpus* ocorrem todos os tempos simples, com excepção do futuro do pretérito e do pretérito mais-que-perfeito.

inquiridos/informantes, embora com significativas diferenças percentuais, produzem frases que violam esta regra:

(18) Passatempos *se* manifesta quando um indivíduo... (T52 L4 3c RE B7)

(19) Eles *se* encontram marginalizados. (T201 L14 2b RE M41)

(20) Agora *se* abrem boas perspectivas. (T260 L8 3a RE S53)

(21) Com a chamada revolução verde operada em meados do século, *se* tornou possível produzir alimentos suficientes. (T378 L4 Ed81)

(22) ... e algumas pessoas *lhes* centraliza o pensamento (T2 L7 4 a RE B2)

A ocorrência de próclise em vez de ênclise parece indiciar que há uma consciência, por parte dos inquiridos/informantes, de que esta área é problemática¹⁶. Por isso esta trocas podem ser consideradas como casos de generalização do uso dos advérbios e quantificadores que se incluem entre os proclisadores, como é caso de *agora* e *algumas* nas frases (20) e (22), e, de uma forma mais geral, do papel de constituintes “antepostos” no desencadear da próclise (veja-se (18)).

Na sequência verbal as percentagens de próclise em vez de ênclise são menores. Os dados confirmam a existência de três padrões de colocação: VAux+P+Cl+VPrinc/ Cl+VAux+VPrinc/ VAux+(Cl+VPrinc). Os parêntesis indicam que o clítico está proclítico ao verbo principal; a evidência para a consideração deste padrão reside na presença de material lexical entre o verbo auxiliar e o clítico pronominal.

O padrão de colocação VAux+P+ Cl+ VPrinc é o que apresenta a percentagem mais alta. Neste padrão de colocação, a única preposição utilizada foi *a*.

Na tabela 3.13, apresenta-se a distribuição percentual das 10 ocorrências e os respectivos exemplos. No final de cada exemplo está indicado o número do texto e da linha de onde foi retirado.

¹⁶ São frequentes entre os falantes moçambicanos situações de correcção de colocação dos clíticos na oralidade.

Tabela 3.13

| Combinações na SeqVerbal | | | |
|--------------------------|---|------|---|
| | T | % | Exemplos |
| AuxAsp | 9 | 81,8 | Este desemprego começou a <i>se</i> fazer sentir. (T3 L11) |
| | | | influência das amigas chegam a <i>se</i> meter na vida (T213 L15) |
| | | | informação que está a <i>se</i> fazer passar (T316 L19) |
| | | | que só começou a <i>se</i> fazer sentir em Moç. (T388 L6) |
| AuxTComp | 1 | 9,1 | da faixa etária isso <i>me</i> tem tornado feliz (T353 L20) |
| | 1 | 9,1 | ... tenho também <i>me</i> dedicado a leitura (T355 L11) |

Os quatro exemplos com AuxAsp apresentam verbos que seleccionam complementos infinitivos preposicionados. Segundo a norma padrão do PE, em presença de um elemento tipo proclisador na posição pré-verbal, pode ocorrer *Subida de Clítico* com as preposições *a* e *de*, mas não com a preposição *por*. Na ausência de um elemento de tipo proclisador na posição pré-verbal, os clíticos pronominais podem ocorrer enclíticos ao verbo auxiliar ou ao verbo principal. Entretanto, de acordo com os resultados, parece que as construções sintácticas de *Subida do Clítico* se revelam difíceis para os inquiridos / informantes pois, com ou sem a presença de um elemento tipo proclisador, o padrão de colocação é a próclise ao verbo principal, violando assim a norma padrão – PE.

Os dois exemplos com AuxTComp ilustram os seguintes padrões de colocação: Cl+VAux+VP e VAux+(Cl+VPrinc): Estes padrões tiveram apenas duas ocorrências e só no nível superior.

Apesar da baixa percentagem de ocorrências, os padrões representados na tabela 3.13 parecem indicar que, no PM, há uma mudança em curso no que respeita à colocação dos clíticos pronominais em sequências verbais com auxiliares aspectuais e de tempos compostos. Um dos objectivos do TCLP foi exactamente o de confirmar a existência desta tendência.

3.5.3.2. Ênclise em vez de próclise

Nos casos de ênclise em vez de próclise há um total de 105 ocorrências, o que corresponde a 46,3 % (cf. tabela 3.11) das 227 entradas relativas aos desvios de colocação. Os clíticos usados são (*l*)*a/o(s)*, *lhe*, *o*, *me*, *nos*, *te* e o *se* que tem o maior número de ocorrências (52). Na tabela 3.14, apresenta-se a frequência destes casos por forma verbal e por *subcorpus*.

Tabela 3.14

| Frequência de ênclise em vez de próclise em FVS e SeqVerbal | | | | | | |
|---|--------|--------|----------|------------|-----------|--------|
| | Básico | Médio | Superior | Editoriais | CLeitores | Total |
| Total Ocor | 51 | 12 | 30 | - | 12 | 105 |
| FVS | 43 | 11 | 26 | - | 11 | 91 |
| SeqVerbal | 8 | 1 | 4 | - | 1 | 14 |
| % FVS | 84,3 % | 91,7 % | 86,7 % | - | 91,7 % | 86,7 % |
| % SeqVerbal | 15,7 % | 8,3 % | 13,3 % | - | 8,3 % | 13,3 % |

Os dados revelam que, tanto na forma verbal simples como na SeqVerbal, se verifica a ocorrência de ênclise em vez de próclise. Na forma verbal simples, a troca só se verifica na frase subordinada. Estas trocas ocorrem independentemente do modo verbal, da pessoa gramatical e do tempo verbal. Nas SeqVerbais, a colocação enclítica ocorre em todas as seqüências cujo verbo mais alto é um auxiliar ou semi-auxiliar, quer o seu complemento seja ou não introduzido por uma preposição. Registaram-se nestes contextos as preposições *a* (5 ocorrências) e *de* (1 ocorrência). Identificámos, nestes casos de ênclise em vez de próclise, três padrões de colocação: V1+Cl+V2, V1+V2+Cl. e V1+Cl+P+V2. O padrão com maior número de ocorrências foi V1+Cl+V2 com 7 ocorrências; seguindo-se V1+Cl+P+V2, com 5 ocorrências; e, V1+V2+Cl, com 2 ocorrências. Na tabela 3.15, encontra-se a distribuição percentual das 14 ocorrências e os respectivos exemplos.

Tabela 3.15

| Combinações na SeqVerbal | | | |
|--------------------------|---|------|--|
| | T | % | Exemplos |
| Vsup + Venc | 7 | 50,0 | ... também consegue-se resolver problemas (T56 L39) |
| AuxMod | 3 | 21,5 | ... eles não podem-se alimentar porque... (T55 L21) |
| AuxAsp+Ger | 1 | 7,1 | ...dinheiro que vai acabando-se nas drogas (T97 L16) |
| PredComp | 2 | 14,3 | ... nome que fez-lhe ganhar muita fama (T394 L17) |
| Vsup perceptivo | 1 | 7,1 | ... e nunca viu-o a discutir (T7 L12) |

Como se pode observar na tabela 3.15, o tipo de seqüência verbal com a percentagem de ocorrências mais elevada é Vsup+ Venc. Incluem-se neste caso tanto ênclise de clíticos associados ao verbo superior (4 ocorrências), quanto ênclise associada a subida de clítico (3 ocorrências).

Como é sabido e já foi referido anteriormente, a posição proclítica só pode ocorrer na presença dos *atratores de próclise* ou *proclisadores*, os quais, em português moderno, se

distribuem por diferentes classes sintáctico-semânticas. No entanto, para que estes itens desencadeiem próclise, é preciso que “c-comandem e precedam o hospedeiro verbal do clítico” (cf. entre outros, Duarte 1983). Mas os resultados revelam que, mesmo verificando-se as condições acima descritas, os inquiridos/ informantes usam o padrão enclítico nas orações subordinadas com forma verbal simples/ sequência verbal, quer esta seja finita ou não finita (cf. exemplos (23)-(30)).

- (23)... para [*algumas pessoas*] disfarçar-se de alguns... (T2 L5 4a RE B2)
 (24) ... porque faz-se anuncio de vagas. (T3 L26 4b RE B3)
 (25) ...e de relacionar-se com o próximo. (T167 L7 3 a RE M34)
 (26) ... de individualidade que opõem-se a este tipo de ... (T155 L11 1a RE M32)
 (27) ...daí que relaciono-me bem com eles. (T334 L40 1c RE S68)
 (28) ...para [*melhor*] actualizar-me de factos científicos. (T355 L12 3c RE S72)
 (29) ... o dia de agradecer-los¹⁷ (T382 L8 CL85)
 (30) ...que [*em 1999*] realizou-se uma cimeira (T398 L61 CL101)

Então, podemos formular a hipótese de que estes desvios à norma padrão resultam da dificuldade em identificar os indutores da próclise, por pertencerem a categorias muito variadas e de natureza sintáctico-semântica diversificada. Outro aspecto que parece relevante é a ocorrência de material lexical entre o elemento introdutor da subordinação e o hospedeiro verbal do clítico. Pode ser que esta distância leve os inquiridos a pensar que o elemento proclisador não pertence ao mesmo sintagma entoacional a que pertence o clítico pronominal. Como se pode observar nas frases (23), (28) e (30), o material lexical pertence a categorias morfológicas diferentes: um sintagma nominal (*algumas pessoas*), um advérbio (*melhor*) e um sintagma preposicional (*em 1999*). Portanto, a natureza do material lexical não é determinante para a ocorrência da posição enclítica.

Ao longo da análise destes casos de ênclise em vez de próclise, levantou-se a hipótese de a posição enclítica estar dependente de determinado tipo de introdutor da oração subordinada. Os resultados não confirmam esta hipótese, pois a opção pela posição enclítica na forma verbal simples não resulta de nenhum tipo específico de introdutor de orações subordinadas.

¹⁷ Esta frase apresenta também problemas de selecção.

Na Base de Dados identificámos, nas entradas correctas, um total absoluto de 507 ocorrências proclíticas, desencadeadas por proclisadores pertencentes a diferentes classes sintáctico-semânticas. Esta diversidade foi interpretada como sinal de que os inquiridos/informantes reconhecem e dominam a natureza dos proclisadores. No entanto, identificámos também, nas entradas desviantes, um total absoluto de 105 ocorrências de ênclise em vez de próclise, em contextos com proclisadores c-comandando e precedendo a forma verbal. Assim, optámos por apresentar um quadro comparativo destes dois tipos de ocorrências para uma melhor interpretação do comportamento dos inquiridos/informantes em relação aos atractores. No quadro 3.6, apresenta-se a frequência dos diferentes proclisadores frequentes em ocorrências proclíticas correctas (X2) e os diferentes proclisadores presentes em entradas desviantes, que não desencadearam a próclise (X4).

Quadro 3.6

| Frequência comparativa dos indutores ocorridos em X4 e em X2 | | | | | | | | | | | |
|--|---------|--------|----|-------|----|----------|----|------------|----|-----------|----|
| Proclisadores | | Básico | | Médio | | Superior | | Editoriais | | Cleitores | |
| | | X2 | X4 | X2 | X4 | X2 | X4 | X2 | X4 | X2 | X4 |
| Operadores de negação | não | 23 | 3 | 10 | 2 | 22 | 4 | 6 | - | 8 | - |
| | nunca | 2 | 1 | - | - | 4 | - | - | - | - | 1 |
| Complementadores e palavras-Q | que | 67 | 14 | 35 | 2 | 107 | 7 | 4 | - | 19 | 8 |
| | se | 4 | 1 | 1 | - | 8 | 1 | - | - | 1 | - |
| | porque | 3 | 6 | 3 | 1 | 1 | 3 | - | - | 2 | 1 |
| | quando | 8 | 4 | 3 | - | 11 | - | - | - | 6 | 1 |
| | para | 10 | - | 5 | 1 | 10 | 6 | - | - | 4 | 1 |
| | como | 4 | 1 | 1 | 2 | 5 | - | - | - | - | - |
| Advérbios | onde | 8 | 3 | 5 | - | 7 | 1 | - | - | - | 1 |
| | só | 1 | - | 1 | 1 | 5 | - | - | - | 1 | 1 |
| | até | - | 1 | - | - | 3 | - | - | - | 1 | - |
| | também | 1 | 2 | - | - | 3 | 2 | - | - | - | - |
| | já | 4 | 2 | - | - | 4 | - | 1 | - | 1 | - |
| Quantificadores | somente | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - |
| | algumas | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Preposições | todos | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | 1 |
| | em | - | - | 2 | 1 | - | - | 1 | - | 1 | - |
| | de | 14 | 8 | 6 | 2 | 8 | 6 | 1 | - | 1 | - |

Este quadro deve ler-se do seguinte modo, exemplificado com o operador *não*: no nível básico, o operador de negação *não* desencadeou, correctamente, a próclise em 23 ocorrências e, erradamente, não desencadeou a próclise em 3 ocorrências. Como se pode observar, a frequência dos proclisadores em cada uma das categorias é muito variável. Os proclisadores com maior frequência nos três níveis de escolaridade são o *que* e o *para*, na classe dos complementadores e palavras-Q; o *não* nos operadores de negação; o *de* nas

preposições. Fazendo um confronto entre a coluna de X2 e a coluna de X4, nota-se que há uma tendência para ignorar certas classes de proclisadores, o que acontece com alguns sintagmas quantificados e adverbiais. Com outros proclisadores regista-se um aumento percentual da próclise em função da variável nível de escolaridade (e.g., *que*, *quando*), o que pode significar que no nível superior tais itens já estão totalmente adquiridos como atratores de próclise. Finalmente, há atratores de próclise relativamente aos quais se mantém ao longo da escolaridade uma variação ênclise-próclise.

3.5.3.3. Ênclise ao 1º verbo ou próclise ao 2º verbo da SeqVerbal?

Neste ponto iremos tratar dos “casos duvidosos”, aqueles em que não foi possível determinar a posição ocupada pelo clítico pronominal, visto o mesmo ocorrer entre o primeiro verbo e o particípio, o gerúndio e o infinitivo do segundo verbo sem que haja indicações gráficas que nos permitam decidir qual a forma verbal hospedeira. Registaram-se sessenta e sete ocorrências, 29,5 % das 227 ocorrências relativas aos desvios de colocação. Para melhor descrição destes casos, propusemo-nos analisar o posicionamento do clítico pronominal tendo como base a natureza do primeiro verbo e o tempo verbal do segundo verbo da sequência verbal. Na tabela 3.16, encontra-se a distribuição percentual dos “casos duvidosos” por *subcorpus* e as diferentes combinações das sequências verbais.

Tabela 3.16

| % dos casos duvidosos e as diferentes combinações das SeqVerbais | | | | | | |
|--|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| | B | M | S | Ed | Cl | Total |
| Total ocorrências desviantes | 97 | 52 | 56 | 3 | 19 | 227 |
| Total “casos duvidosos” | 28 | 22 | 13 | 1 | 3 | 67 |
| % total “casos duvidosos” | 28,9 % | 42,3 % | 23,2 % | 33,3 % | 15,8 % | 29,5 % |
| Combinações nas SeqVerbais | | | | | | |
| Aux TComp | 8 | 11 | 6 | - | - | 25 |
| Aux Mod | 6 | 6 | 2 | - | - | 14 |
| Vsup+Venc | 6 | 1 | 3 | - | - | 10 |
| Aux Temp | 4 | - | - | 1 | 3 | 8 |
| Aux Asp | 1 | 2 | - | - | - | 3 |
| Aux Passiv | - | 1 | 2 | - | - | 3 |
| AuxAsp + Ger | 2 | - | - | - | - | 2 |
| Vsup+AuxTemp+Venc | 1 | - | - | - | - | 1 |

Apesar das diferenças percentuais, os dados revelam que o primeiro verbo da sequência verbal nos “casos duvidosos” pode pertencer a vários tipos de auxiliares e semi-auxiliares, ou pode ser um verbo principal. Organizámos os dados a cuja análise vamos proceder com base na forma verbal do segundo membro da sequência.

Particípio passado

O particípio passado ocorre em 25 casos com o AuxTCompostos *ter* e em 3 casos com o AuxPassivo *ser*. Said Ali (1964:215) afirma que nas conjugações compostas, quando o verbo principal está no particípio passado, o clítico pronominal fica enclítico ao verbo auxiliar a menos que haja elementos proclisadores. Mas a partir dos dados não é possível determinar se o clítico pronominal é enclítico ao verbo auxiliar ou se é proclítico ao verbo principal porque os inquiridos/informantes não usam *hífen* e, mesmo em presença de proclisadores na posição pré-verbal, o padrão de colocação continua o mesmo. Vejam-se as frases:

- (31) ... ajuda que eles têm *me* dado (T30 L8 1c RE B2)
- (32) Nos últimos anos tem *se* verificado problemas sérios. (T5 L2 4b RE B5)
- (33) Só que também tem *se* colocado ou existe... (T198 L7 4d RE M40)
- (34) Indivíduos financeiramente débeis são *lhes* tirado o direito de ... (246 L24 2b RE M50)
- (35) ... salário que recebo é *me* descontado 34,0 %. (T323 L7 2b RE S65)
- (36) *Foi *me* constado que Maputo é outra cidade mais complexa nos trânsitos¹⁸ (T338 L15 5b RE S68)

Gerúndio

O gerúndio ocorre em 3 casos com o AuxAsp, 2 casos com o verbo *ir* e 2 casos com um verbo principal. Ainda segundo Said Ali, quando o verbo principal é um gerúndio, costuma transferir-se o clítico pronominal para o verbo auxiliar/ verbo superior, se este vier antes; mas, se o auxiliar/superior vier depois do gerúndio, o clítico pronominal fica enclítico a este. Mas, mais uma vez, os dados revelam que esse princípio é violado, como se pode ver:

- (37) ...já estava *se* acostumando a grossa. (T1 L21 4a RE B1)
- (38) A pequena equipe foi *se* desenbaraçando (T77 L28 1b RE B28)
- (39) Como venho *me* referindo dos meus estudos (T369 L36 2a RE S75)
- (40) ... ou um homem saiem *se* prostituindo por qualquer lugar (T9 L3 4d RE B 9)

Infinitivo

¹⁸ Esta frase é uma passiva de *ser*, embora na norma europeia este verbo não seja transitivo.

O infinitivo ocorre em 13 casos com o AuxMod, 9 casos com o AuxTemp e 9 casos com verbo principal. Na norma padrão do PE, em construções com semi-auxiliares temporais e modais e com verbos principais que aceitam a formação de predicados complexos por reestruturação, o clítico dependente do verbo encaixado pode ocorrer adjacente ao verbo superior, na construção denominada *Subida de Clítico*. Observem-se as frases do *corpus* apresentadas abaixo:

- (31) Não querendo *se* dedicar aos estudos (T52 L11 3c RE B7)
- (42) ... só os jovens devemos *nos* precaver desses males (T25 L35 4c RE B25)
- (43) ... e em seguida vou *me* deitar. (T73 L14 3c RE B13)
- (44) ...certos tempos que podés *nos* ajudar (T200 L23 1c RE M41)
- (45) ... porque lá consegue *se* manifestar segundo a sua.... (T174 L12 5 a RE M35)
- (46) ... falar dos estudos quero *me* referir o processo de ... (T369 L9 2 a RE S 75)
- (47) ... o trabalho preferem ir *se* divertir para mais tarde... (T28 L13 3c RE B1)

Como se pode observar nestas frases há inquiridos dos três níveis de escolaridade que colocam o clítico pronominal entre o verbo auxiliar/ superior e o verbo principal/ encaixado, sem usarem *hífen*. Por não fazerem uso de *hífen* e nem haver material lexical entre as duas formas verbais, não se consegue determinar a posição do clítico. Isto confirma, de certo modo, que a colocação dos clíticos pronominais nas sequências verbais é uma área problemática. Nas sequências verbais ocorridas, nas entradas correctas, os inquiridos/informantes fizeram uso de *hífen*. Portanto, a não utilização do *hífen* pode revelar que inquiridos / informantes têm consciência da norma mas, como têm dúvidas, preferem não usar *hífen* ou que, nestes contextos, se está a generalizar no Português de Moçambique, a próclise à forma não finita.

Do total absoluto das sessenta e sete ocorrências de “casos duvidosos”, trinta e quatro correspondem à posição do clítico em presença de um elemento tipo proclisador e as restantes trinta e três ao clítico pronominal proclítico ao verbo principal/encaixado sem a presença de um elemento tipo proclisador.

Semedo (1997:44) já havia caracterizado a “má” colocação dos clíticos nas Formas Verbais Complexas como insegurança e associa esta insegurança ao facto de na língua portuguesa existirem duas normas para contextos semelhantes. E isso, segundo ele, leva a

que o estudante “opte por aquela que lhe parece mais natural na língua.” A intuição é que rege e não o conhecimento da regra.

Cyrino (1996: 170-171), no estudo que fez sobre a mudança da posição dos clíticos em PB, concluiu que “há uma mudança nos padrões de ocorrência da próclise, ou seja a ocorrência de *clitic climbing* é progressivamente restringida.” Portanto, em PB actual, em orações com uma forma verbal complexa, o clítico pronominal está associado ao verbo mais baixo.

(48) João vai [*me dar*] um livro. (Cyrino, 1996)

Segundo a mesma autora, esta restrição deve-se a uma reanálise para a posição do clítico pronominal, a partir de frases matrizes contendo formas verbais complexas, em que a posição enclítica era possível ao verbo auxiliar. Ao ser confrontada, oralmente, com frases do tipo:

(49) João [*vai-me*] dar um livro. (Cyrino, 1996)

a criança pode ter interpretado o clítico pronominal não como enclítico ao verbo auxiliar (cf. (49)) mas como proclítico ao verbo principal, conforme a frase (48). De acordo com os nossos dados, no PM há uma tendência de mudança na posição dos clíticos pronominais nas sequências verbais, especificamente a perda da ênclise ao verbo mais alto que passa a próclise ao verbo encaixado, aproximando-se, neste aspecto, o português moçambicano do português brasileiro.

Cyrino (1996) notou que este padrão de colocação não ocorria com o clítico pronominal *o*. Esta observação é interessante pois das sessenta e sete ocorrências dos “casos duvidosos” só tivemos um único caso com o clítico pronominal *o*, e no nível superior:

(50) os indivíduos que sabem *os* usar porque... (T341 L30 3c RE S69)

Como conclusão da análise dos contextos desviantes, pode dizer-se que em formas verbais simples, os inquiridos/ informantes alternam as duas ordens básicas: V+Cl / Cl+V, violando a norma padrão do PE. Os casos de próclise estranha ao PE ocorrem em frases coordenadas/simples com forma verbal simples e em frases com sequências verbais.

Nas sequências verbais confirmámos a existência de duas ordens de colocação: Vaux/Vsup+(P)+Cl+VPrinc/Venc e Cl+Vaux/Vsup+VPrinc/Venc. A primeira ordem é o indício do processo de mudança que pode vir a caracterizar o PM, porque o clítico aparece proclítico ao verbo encaixado.

Os casos de ênclise estranha ao PE ocorrem em frases subordinadas com forma verbal simples e em sequências verbais, independentemente da presença de elementos proclisadores em posição pré-verbal.

Nos “casos duvidosos”, não foi possível determinar se o clítico está enclítico ao verbo mais alto ou proclítico ao verbo encaixado. Nestes casos, identificámos estruturas do tipo “Vaux/Vsup + Cl+Ger” e “Vaux/Vsup +Cl+ Part” e “Vaux/Vsup + Cl+Inf”.

Para responder à questão: “ênclise ao 1º verbo ou próclise ao 2º verbo da SeqVerb?”, foi elaborado um teste de comportamento linguístico provocado. No ponto seguinte vamos apresentar os resultados obtidos neste teste.

3.6. Teste de comportamento linguístico provocado

De acordo com os objectivos específicos do estudo, os testes de produção provocada podem ser orais ou escritos. Silva-Corvalán (1988:36-38) afirma que é importante reconhecer que os resultados obtidos por meio destes testes não se comparam com os obtidos através de conversas gravadas ou de observações directas, já que as respostas a tarefas linguísticas estimulam a consciência linguística dos respondentes e, nesta situação, os falantes dão simplesmente a forma que acham mais correcta. Portanto, este tipo de teste deve ser usado como complemento da recolha de dados e foi assim que, partindo de determinadas construções verificadas nas redacções, editoriais e cartas de leitores dos inquiridos/informantes que não nos permitem identificar claramente a posição em que ocorre o clítico pronominal, se elaborou o teste. Os testes de comportamento linguístico provocado podem comportar dois tipos de tarefas: a repetição, o completamento e a transformação. Neste estudo optou-se pelo preenchimento de espaços, por ser muito usado para investigar questões fonéticas, lexicais, morfológicas e sintácticas.

O TCLP incluiu três tarefas. A primeira consistia na selecção do clítico apropriado num contexto dado. A Segunda era uma tarefa de avaliação da gramaticalidade de sequências em que estava em causa:

- (a) a presença de um clítico vs. de um pronome forte e a selecção e a colocação do clítico.
- (b) A terceira incidia na selecção do padrão de colocação do clítico apropriado a um dado contexto.

Para além do desejo de contribuir para reforçar algumas conclusões de estudos anteriores sobre o PM, a inclusão destas questões deve-se ao facto de os resultados das redacções, editoriais e cartas de leitores terem revelado que também há problemas na selecção dos clíticos. Apenas os inquiridos (autores das redacções escolares) realizaram o teste. Em primeiro lugar, apresentam-se os resultados referentes à tarefa de selecção, seguindo-se os respeitantes à tarefa de juízos de gramaticalidade e por último os relativos à tarefa de colocação.

3.6.1. Resultados da tarefa de selecção

Nos anexos 8, 9 e 10 encontram-se os resultados do TCLP, organizados por tarefas, por níveis de escolaridade e por inquiridos. Nos anexos 8, encontram-se os resultados da tarefa de selecção, nos anexos 9, os da tarefa de juízos de gramaticalidade e, finalmente, nos anexos 10, os da tarefa de colocação.

3.6.1.1. Selecção do acusativo

As alíneas a, b, c, d, e) do número 1 do grupo A contemplam a selecção do clítico pronominal acusativo da 3ª pessoa: *o*, *a*, *os*, *as*. As formas *o*, *a*, *os* perfazem um total absoluto de 25 frases cada e a forma *as* um total absoluto de 50 frases. Nestas frases do TCLP, os inquiridos deviam substituir o SN sublinhado pelo clítico pronominal acusativo, como ilustra a frase (51), reprodução da alínea a do número 1 do grupo A do TCLP:

(51) A Joana chegou ontem.

O meu irmão viu- _____ no mercado.

Na selecção do acusativo, identificámos desvios relativos à concordância e à selecção (ver anexos 8).

3.6.1.1.1. Selecções correctas do acusativo

Na tabela 3.17, encontram-se os resultados relativos às realizações correctas e aos desvios de concordância na selecção do clítico acusativo.

Tabela 3.17

| Seleção do acusativo: realizações correctas e desvios de concordância | | | | | | | | | | | | |
|---|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Ocor | a | | | as | | | o | | | os | | |
| | B | M | S | B | M | S | B | M | S | B | M | S |
| a | 24 | 25 | 38 | 1 | - | - | 3 | - | 2 | - | - | - |
| as | - | - | - | 4 | 12 | 18 | - | - | - | - | - | - |
| o | 8 | 5 | 2 | - | 1 | - | 14 | 21 | 17 | - | 1 | - |
| os | - | - | - | 3 | 1 | 1 | - | 1 | - | 18 | 15 | 18 |
| % a | 48 % | 50 % | 76 % | 4 % | - | - | 12 % | - | 8 % | - | - | - |
| % as | - | - | - | 16 % | 48 % | 72 % | - | - | - | - | - | - |
| % o | 16 % | 10 % | 4 % | - | 4 % | - | 56 % | 84 % | 68 % | - | 4 % | - |
| % os | - | - | - | 12 % | 4 % | 4 % | - | 4 % | - | 72 % | 60 % | 72 % |

Apesar de os resultados relativos ao acusativo *o* apresentarem uma pequena descida percentual entre o nível médio e o superior (84 % - 68 %), podemos afirmar que, de uma forma geral, os resultados evidenciam uma curva decrescente, ou seja, os inquiridos parecem aproximar-se progressivamente da norma do PE à medida que o nível de escolaridade aumenta. O acusativo *a/as*, nos níveis básico e médio, não está adquirido e no nível superior o *a* está adquirido mas não está estabilizado e o *as* ainda se encontra em aquisição.

3.6.1.1.2. Selecções desviantes do acusativo

Concordância

Na selecção do acusativo identificámos desvios quanto ao número e ao género. Como se pode observar na tabela 3.17, alguns inquiridos, embora tenham usado um clítico acusativo, cometeram um desvio de concordância correspondente ao acusativo em causa, denotando “problemas” no uso da flexão dos clíticos pronominais. Na selecção do

acusativo *as*, há um total de 4 % que usou o acusativo *o*, cometendo desvio quanto ao género e quanto ao número numa mesma frase.

Na língua portuguesa, o género é uma categoria morfo-sintáctica que possui dois valores: masculino e feminino. Apesar de existirem algumas excepções, o masculino refere geralmente uma entidade de sexo masculino, e o feminino refere uma entidade de sexo feminino. Os inquiridos, em princípio, dominam esta regra, mas no nível superior registam-se alguns resíduos percentuais: 4 % na selecção dos acusativos *a* e *as*, 8 % na do acusativo *o*. Nos resultados das redacções escolares, editoriais e cartas de leitores, os inquiridos/ informantes demonstram uma certa dificuldade no uso do clítico pronominal quanto ao género quando este deve ser usado em função de um referente identificado num dado contexto.

Segundo Villalva (1994:213) “ de um ponto de vista formal, a variação em número é sistemática e obrigatória. À excepção de um pequeno conjunto de formas lexicalmente condicionadas, qualquer palavra de natureza nominal é susceptível de participar na oposição singular/plural”. Os dados revelam que 4 %, no básico, trocaram *as* por *a*; e 4 % do nível médio trocaram *o* por *os*. No nível médio, 4 % (1) trocaram o acusativo *os* pela forma acusativa no singular *o*, demonstrando dificuldades na flexão quanto ao número, mas no nível superior não se registou nenhum caso de desvio quanto à flexão em número.

De acordo com trabalhos realizados sobre o português de Moçambique, as categorias gramaticais número e género fazem parte das áreas em que os estudantes apresentam dificuldades. P. Gonçalves (1997: 60-62) identificou na área da morfo-sintaxe “erros” relacionados com o uso da morfologia flexional que exprime as categorias gramaticais de tempo, pessoa, número (singular e plural), género (masculino e feminino), modo e caso nominativo. Segundo Gonçalves, os “erros” de concordância em género ocorrem em maior número com os adjectivos, enquanto os “erros” de concordância em número ocorrem mais frequentemente com determinantes e nomes.

Leísmo

Na tabela 3.18, estão os resultados respeitantes aos casos de leísmo ocorridos na selecção do acusativo. Os dados da tabela revelam também casos de concordância anómala quanto ao número, mas estes casos não serão aqui comentados.

Tabela 3.18

| Seleccção do acusativo: leísmo | | | | | | | | | | | | |
|--------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Ocor | a | | | as | | | o | | | os | | |
| | B | M | S | B | M | S | B | M | S | B | M | S |
| lhe | 13 | 19 | 10 | 4 | - | 2 | 6 | 3 | 5 | - | - | - |
| lhes | - | - | - | 12 | 11 | 4 | 1 | - | - | 4 | 7 | 3 |
| | | | | | | | | | | | | |
| % lhe | 26 % | 38 % | 20 % | 16 % | - | 8 % | 24 % | 12 % | 20 % | - | - | - |
| % lhes | - | - | - | 48 % | 44 % | 16 % | 4 % | - | - | 16 % | 28 % | 12 % |

Nos casos de leísmo, apesar de a curva percentual ser descendente, temos resíduos percentuais bastante significativos em todos os níveis de escolaridade. No nível superior, onde esperávamos que a selecção do acusativo estivesse já adquirida e estabilizada, verificam-se casos de leísmo: 12 % na selecção do acusativo *o*, 20 % na selecção dos acusativos *a* e *o*, e 24 % na selecção do acusativo *o*.

Os resultados da tabela 3.18 confirmam o que Gonçalves (1996) constatou para o PM, i.e., que há uma tendência para associar à posição de SN-OD [+HUM] a forma pronominal *lhe*. No PE, Duarte, Matos e Faria (1994) concluíram que o uso do clítico pronominal acusativo pelas crianças portuguesas, portanto crianças falantes nativas, também é afectado pelo fenómeno de leísmo.

Pessoa gramatical

Na selecção do acusativo, o clítico em observação é o clítico de 3.^a pessoa *o* em toda a sua flexão (género e número). Nos desvios relativos à selecção de pessoa gramatical, os resultados revelam que os inquiridos, em vez das formas acusativas de 3.^a pessoa *seleccionaram* outras pessoas gramaticais (*me*, *te*, e *nos*) ou o clítico de 3.^a pessoa do paradigma dos reflexos *se*.

No nível básico, 6 % e 4 % seleccionaram *me* em vez de, respectivamente, *a* e *o*; 2 % e 4% seleccionaram *te* em vez de *a* e *as*; 2 % seleccionaram *se* em vez de *a* e 12 % *nos* em vez de *os*. No nível médio, 2 % seleccionaram *me* em vez de *a* e 8 % *nos* em vez de *os*.

No nível superior, 16 % dos inquiridos seleccionaram *nos* em vez de *os* e 4 % *no* em vez de *o*, no contexto de uma forma verbal terminada em vogal oral. Ora, segundo a norma

padrão do PE, nos clíticos acusativos de terceira pessoa, quando o clítico se segue a uma forma verbal terminada em ditongo nasal, ocorre uma multi-associação do traço [+nasal]; contudo, esta condição não se verifica no contexto em causa, pelo que a ocorrência de *nos/no* pode ser interpretada com um caso de hipercorreção. Os resultados mostram-nos que a selecção da 1ª pessoa do plural *nos* em vez da 3ª pessoa do plural *os* é a que apresenta percentagens mais significativas, nos três níveis de escolaridade: 12 %, 8 % e 16%. Os restantes casos só ocorrem no nível básico, o que pode indicar que, ao longo do processo de aprendizagem, a aquisição da pessoa gramatical dos clíticos se vai estabilizando.

Em síntese, quanto à selecção do clítico pronominal acusativo, os dados indicam que o problema que persiste ao longo de toda a escolarização é o fenómeno de leísmo, com percentagens de 32 %, 29,6 % e 19,2 %, respectivamente, nos inquiridos dos níveis básico, médio e superior.

3.6.1.2. Selecção do dativo

As alíneas f, g, h do número 1 do grupo A contemplam a selecção do clítico pronominal dativo da 2.ª pessoa do singular e 3.ª pessoas: *te*, *lhe*, *lhes*. Cada uma das formas tem um total absoluto de 25. Na selecção de *lhe*, os inquiridos deviam substituir o SN sublinhado; para a selecção de *te*, construiu-se uma frase imperativa que induzia a utilização desta forma. Vejam-se as frases (52) e (53), reprodução dos alíneas g e h do número 1 do grupo A do TCLP.

(52) A Florinda telefonou ao Pedro e ao João.

A Florinda telefonou- _____.

(53) Receber conselhos é bom.

Faz o que ____ digo e serás feliz.

Nos anexos 8 encontram-se os resultados obtidos na selecção do clítico dativo, organizados por níveis de escolaridade e por inquirido. Identificaram-se desvios relativos à concordância e à selecção. Um inquirido do nível superior (4 %) não deu resposta à questão da selecção da 2ª pessoa do dativo. A não resposta a várias questões repete-se ao longo do TCLP e pensamos tratar-se duma estratégia de fuga.

3.6.1.2.1. Selecções correctas do dativo

Na tabela 3.19, estão os resultados relativos às realizações correctas e os desvios relativos à concordância.

Tabela 3.19

| Seleccção do dativo: realizações correctas e desvios quanto à concordância | | | | | | | | | |
|--|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Ocor | te | | | lhe | | | lhes | | |
| | B | M | S | B | M | S | B | M | S |
| te | 18 | 20 | 16 | - | - | - | - | - | - |
| lhe | - | - | - | 17 | 13 | 23 | 2 | 2 | 1 |
| lhes | - | - | - | - | - | - | 11 | 13 | 21 |
| | | | | | | | | | |
| % te | 72 % | 80 % | 64 % | - | - | - | - | - | - |
| % lhe | - | - | - | 68 % | 52 % | 92 % | 8 % | 8 % | 4 % |
| % lhes | - | - | - | - | - | - | 44 % | 52 % | 84 % |

Na selecção do dativo da 2ª pessoa do singular, os resultados revelam que do nível básico ao médio há uma linha ascendente que começa em 72 % e atinge os 80 %, mas do médio para o superior há uma linha descendente que vai até 64 %. A percentagem de 64 % no nível superior pode indicar que os inquiridos já têm consciência da complexidade do sistema de formas de tratamento mas que o mesmo ainda se encontra em aquisição.

Na selecção da 3ª pessoa, os resultados revelam que nos níveis básico e médio a selecção padrão encontra-se ainda em aquisição, dado que as percentagens oscilam entre os 52 % e os 75 %. Mas no nível superior, as percentagens situam-se acima de 86 %, o que revela que neste contexto a selecção padrão está estabilizada apesar dos desvios relativos à concordância.

3.6.1.2.2. Selecções desviantes do dativo

Na selecção do dativo, designámos de desvios quanto à selecção todos os casos em que o clítico seleccionado não corresponde à 2.ª pessoa do singular e à 3.ª pessoa do clítico dativo (*te*, *lhe*, *lhes*). Neste ponto, destacam-se os casos de concordância, selecção de formas do clítico acusativo, formas do pronome pessoal e de outras pessoas gramaticais do dativo.

Concordância

Os dados da tabela 3.19 revelam que os desvios quanto à concordância se referem à flexão em número e registaram-se apenas na selecção do clítico dativo da 3ª pessoa do plural (*lhes*). Nos três níveis de escolaridade, os inquiridos seleccionaram a 3ª pessoa do singular (*lhe*). As percentagens são relativamente baixas (8 %, e 4%) e parecem ser “erros” que ocorrem mesmo em falantes nativos.

Acusativo e pronome pessoal forte

Os resultados revelam que os inquiridos, na selecção do dativo, seleccionaram a 3ª pessoa do clítico acusativo e a 1ª pessoa do pronome pessoal. Na tabela 3.20, encontram-se os resultados e as percentagens destes casos.

Tabela 3.20

| Seleção do dativo: selecção incorrecta do CI acusativo e pronome forte | | | | | | | | | |
|--|-----|-----|---|-----|------|-----|------|-----|---|
| Ocor | te | | | lhe | | | lhes | | |
| | B | M | S | B | M | S | B | M | S |
| a | 1 | 1 | - | - | 1 | - | 2 | 1 | - |
| o | - | 1 | | - | 3 | 1 | - | - | - |
| os | 1 | - | - | - | - | - | 2 | 1 | 2 |
| eu | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - |
| | | | | | | | | | |
| % a | 4 % | 4 % | - | - | 4 % | - | 8 % | 4 % | - |
| % o | - | 4 % | - | - | 12 % | 4 % | - | - | - |
| % os | 4 % | - | - | - | - | - | 8 % | 4 % | |
| % eu | 4 % | - | - | - | - | - | - | - | - |

Na selecção do dativo *te*, os resultados revelam que a selecção do clítico acusativo de 3.ª pessoa só ocorre no nível básico e médio. O facto de ocorrer só nestes níveis e em percentagens baixas pode significar estar-se perante “erros” que vão sendo resolvidos ao longo do processo de aprendizagem, daí que no nível superior não tenha havido nenhuma ocorrência. Apenas um inquirido do nível básico seleccionou a 1ª pessoa do pronome pessoal forte (*eu*), compatível com a forma verbal “digo”: trata-se de um uso em que não é respeitada a instrução mas em que o resultado é uma frase gramatical e apropriada ao contexto.

Na selecção da 3.^a pessoa do singular (*lhe*), apenas os inquiridos dos níveis médio (16 %) e superior (4 %) seleccionaram o clítico acusativo. No nível básico, 4 % dos 16 % cometeram um desvio quanto à concordância porque seleccionaram a 3.^a pessoa do feminino quando o sintagma preposicional a ser substituído era do género masculino.

Na selecção da 3.^a pessoa do plural (*lhes*) encontrámos casos nos três níveis de escolaridade: 16 %, no básico e 8 % no médio e no superior. Metade das percentagens dos níveis básico e médio correspondem também a desvios relativos à flexão em número e género, porque o sintagma preposicional a ser substituído é masculino do plural. Esta selecção da 3.^a pessoa do acusativo leva-nos a uma conclusão: existe instabilidade no uso dos clíticos dativos e acusativos, como já notado em Gonçalves (1999). Recorde-se a este propósito que na selecção do clítico acusativo *os*, os inquiridos seleccionaram o clítico dativo *lhes*, em 16 %, 28 % e 12 % (ver tabela 3.18).

Pessoa gramatical

Na selecção do dativo, os clíticos em observação eram a 2.^a pessoa do singular (*te*) e a 3.^a pessoa do singular (*lhe*) e do plural (*lhes*). Na produção de *te*, no nível médio seleccionaram a 2.^a pessoa do plural, *vos* (4%). Nos três níveis de escolaridade seleccionaram a 3.^a pessoa do singular *lhe* 20 %, 12 % e 32 %. Como se pode observar nas frases (54), parece que os inquiridos têm dificuldade no uso da morfologia do imperativo. Gonçalves (1997) propõe que estes casos sejam inseridos “ num campo mais amplo, de “revisão” das formas de tratamento usadas para a 2.^a pessoa, nomeadamente a oposição *tu/você*.”

(54) Receber conselhos é bom!

(a) Faz o que *te* digo e serás feliz.

(b)*Faz o que *lhe* digo e serás feliz. (cf. Faça o que *lhe* digo e será feliz)

Na selecção do dativo *lhe*, nos níveis básico e médio seleccionaram a 1.^a pessoa do singular, *me*, respectivamente, 24 % e 20 % dos inquiridos e a 2.^a pessoa do singular, *te*, 8% em cada nível. Nos níveis médio e superior, 4 % em cada nível usaram *no*, violando mais uma vez a regra morfofonológica da norma padrão do PE, o que interpretamos como um caso de hiper correcção.

Na selecção do dativo *lhes*, 4 % dos inquiridos do nível básico e do nível médio seleccionaram a 1.^a pessoa do singular, *me*. Nos três níveis de escolaridade, seleccionaram a 1.^a pessoa do plural, *nos*, respectivamente, 20 %, 16 % e 4 % dos inquiridos. 16 % dos inquiridos do nível básico e do nível médio seleccionaram a 2.^a pessoa do plural, *vos*. De uma forma geral, estas trocas de pessoas gramaticais denotam mais uma vez a dificuldade que os inquiridos têm em relação à pessoa gramatical das formas verbais e aos clíticos pronominais correspondentes.

De acordo com as percentagens das entradas correctas, pode considerar-se que a selecção do dativo, nos níveis básico e médio ainda está em aquisição já no nível superior, *lhe* está adquirido e estabilizado. Quanto à forma *te* induzida pela 2.^a pessoa do imperativo, os resultados indicam que os falantes do nível superior hesitam entre a selecção de um clítico da 2.^a pessoa gramatical ou de um clítico de 2.^a pessoa do discurso.

3.6.2. Resultados na tarefa de juízos de gramaticalidade

Os resultados desta tarefa encontram-se organizados nos anexos 9. Os juízos de gramaticalidade ou aceitabilidade constituem um dos procedimentos básicos da chamada *análise linguística teórica* para a determinação dos dados que representam a competência linguística do falante nativo. Este tipo de teste é usado com certas limitações, pois estudos realizados demonstraram que, mais que reflectir a competência linguística do nativo, estes juízos reflectem uma atitude subjectiva. Mas o estudo das atitudes linguísticas é importante, pois pode ser um indício do futuro de um fenómeno variável com a hipótese de que alguma das variantes se transforme numa norma categórica. As frases usadas ilustram todas as variantes da variável em estudo para permitir a comparação das diferentes opções da população inquirida.

3.6.2.1. Juízos de gramaticalidade do acusativo

As alíneas a, b e c do número 2 do grupo A contemplam os juízos de gramaticalidade sobre o clítico acusativo da 3.^a pessoa feminina do singular (*a*) e a 3.^a pessoa masculina do singular e do plural ((*l*)o, *os*). Cada uma das formas tem um total absoluto de 25 frases. Na tabela 3.21, encontram-se os resultados dos juízos de gramaticalidade do acusativo, organizados por níveis de escolaridade e pelas diferentes ocorrências aceites como correctas pelos inquiridos.

Tabela 3.21

| Acusativo: juízos de gramaticalidade | | | | | | | | | |
|--------------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Ocor | a | | | (l)o | | | os | | |
| | B | M | S | B | M | S | B | M | S |
| a | 11 | 11 | 12 | - | - | - | - | - | - |
| o | - | - | - | 15 | 23 | 24 | - | - | - |
| os | - | - | - | - | - | - | 16 | 21 | 24 |
| lhe | 8 | 13 | 12 | 1 | 2 | 1 | - | - | - |
| lhes | - | - | - | - | - | - | 4 | 3 | 1 |
| ele/a | 1 | - | - | 2 | - | - | 1 | - | - |
| a ele/a/s | 4 | 1 | 1 | 6 | - | - | 3 | 1 | - |
| | | | | | | | | | |
| % a | 44 % | 44 % | 48 % | - | - | - | - | - | - |
| % o | - | - | - | 60 % | 84 % | 96 % | - | - | - |
| % os | | | | | | | 64 % | 84 % | 96 % |
| % lhe | 32 % | 52 % | 48 % | 4 % | 8 % | 4 % | - | - | - |
| % lhes | - | - | - | - | - | - | 16 % | 12 % | 4 % |
| % ele/a | 4 % | - | - | 8 % | - | - | 4 % | - | - |
| % a ele/a/s | 16 % | 4 % | 4 % | 24 % | - | - | 12 % | 4 % | - |

Como se pode observar na tabela 3.21, relativamente a *-a* as percentagens de 44%, 44 % e 48% revelam que não está adquirido, o mesmo acontecendo relativamente a *-(l)o/-os*, no nível básico, com percentagens, respectivamente, de 60 % e 64 %; no nível médio, estes clíticos estão adquiridos mas não estão estabilizados, e, no nível superior, os resultados, 96%, indicam que estão adquiridos e estabilizados.

Nos juízos de gramaticalidade do acusativo, os resultados percentuais indicam claramente que os inquiridos dos três níveis de escolaridade operam com mais do que uma gramática: tanto emitem juízos que convergem com a norma padrão do PE, como emitem juízos desviantes. Quanto à flexão, os inquiridos dos três níveis, fazem uma sobregeneralização do uso da forma *lhe* (leísmo), própria para a função de Objecto Indirecto (OI), em contextos em que a norma padrão do PE só admitiria o clítico acusativo *o/a(s)*. No nível básico e só nele, os inquiridos aceitam como correcta a ocorrência do pronome pessoal tónico *ele/a*, própria para a função de sujeito, no lugar do clítico acusativo *a/o(s)* Objecto Directo (OD).

Nos três níveis de escolaridade, mas com maior incidência no básico e no médio, os inquiridos aceitam como correcto o padrão *Prep + Pronome pessoal forte*, própria para a

função de OI. Em Moçambique, é frequente ouvir-se frases em que se emprega as formas preposicionadas como se ilustra nas frases (55):

- (55) (a) A Wanda foi ao hospital. Eu vi-*a*.
 (b) A Wanda foi ao hospital. Eu vi *a ela*. (*PE/ *PB)
 (c) A Wanda foi ao hospital. Eu vi *ela*. (PB/ *PE)

Ainda no contexto de juízos de gramaticalidade do acusativo, o inquirido B8 emitiu mais de um juízo de gramaticalidade em cada um dos três contextos, o que corresponde a 12 %. As frases (56)-(58) ilustram as diferentes variáveis que o inquirido considera aceitáveis.

- (56) (a) Vou aconselhá-*lo* a mudar de atitude.
 (b) Vou aconselhar *ele* a mudar de atitude. (*)
- (57) (a) A polícia deixa-*os* demasiado à vontade nas prisões.
 (b) A polícia deixa *a eles* demasiado à vontade nas prisões. (*)
 (c) A polícia deixa *eles* demasiado à vontade nas prisões. (*)
- (58) (a) Ela pede-me sempre para *lhe* ajudar a escolher o arroz.
 (b) Ela pede-me sempre para *a* ajudar a escolher o arroz. (*)
 (c) Ela pede-me sempre para ajudar *a ela* a escolher o arroz. (*)

Como se pode observar, o inquirido, para além da realização padrão do PE, admite várias outras realizações, o que revela claramente a confluência de duas normas: a europeia e a “moçambicana”. Este dado leva-os à hipótese de que em Moçambique as formas fortes e preposicionadas do pronome pessoal podem ocorrer na posição de OD. No PB, as construções com clíticos acusativos de terceira pessoa foram gradualmente substituídas por duas outras construções: construções com objecto nulo e construções com pronome tónico na posição de objecto directo, como ilustram as frases (59) e (60):

- (59) Eu entreguei [-] pro João. (Cyrino, 1996)
 (60) Eu entreguei *ele* pro João. (Cyrino, 1996)

Portanto, o PM, neste contexto, também segue duas direções: no sentido de construções do tipo (60), como o PB, e num sentido diferente do PB e do PE: construções com formas preposicionadas na posição de OD em construções que não são de redobro de clítico.

3.6.2.2. Juízos de gramaticalidade do dativo

As alíneas a, b, c, d, e e do número 1 do grupo B contemplam os juízos de gramaticalidade sobre o clítico dativo da 1.^a pessoa do singular (*me*) e a 3.^a pessoa do singular e do plural (*lhe*, *lhes*). As formas *me* e *lhe* têm um total absoluto de 50 frases cada uma e a forma *lhes* tem 25. Na tabela 3.22, estão os resultados dos juízos de gramaticalidade do dativo, organizados por níveis de escolaridade e pelas diferentes ocorrências aceites como correctas pelos inquiridos.

Tabela 3.22

| Dativo: juízos de gramaticalidade | | | | | | | | | |
|-----------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Ocor | me | | | lhe | | | lhes | | |
| | B | M | S | B | M | S | B | M | S |
| me | 28 | 36 | 43 | - | - | - | - | - | - |
| lhe | - | - | - | 18 | 37 | 43 | 2 | - | - |
| lhes | - | - | - | - | - | - | 10 | 17 | 22 |
| ela | - | - | - | - | - | 2 | - | - | - |
| a ele/a(s) | - | - | - | 27 | 13 | 5 | 7 | 4 | 1 |
| a mim | 21 | 14 | 7 | - | - | - | - | - | - |
| para ele/a(s) | - | - | - | 4 | - | - | 4 | 3 | 2 |
| | | | | | | | | | |
| % me | 56 % | 72 % | 86 % | - | - | - | - | - | - |
| % lhe | - | - | - | 36 % | 74 % | 86 % | 8 % | - | - |
| % lhes | - | - | - | - | - | - | 40 % | 68 % | 88 % |
| % ela | - | - | - | - | - | 4 % | - | - | - |
| % a ele/a(s) | - | - | - | 54 % | 26 % | 10 % | 28 % | 16 % | 4 % |
| % a mim | 42 % | 28 % | 14 % | - | - | - | - | - | - |
| % para ele/a(s) | - | - | - | 8 % | - | - | 16 % | 12 % | 8 % |

Os resultados indicam que, no contexto do clítico dativo, os inquiridos emitiram juízos desviantes no que diz respeito à flexão dos pronomes átonos e tónicos da 1.^a e 3.^a pessoa gramatical com funções de OD e OI. Relativamente aos três contextos, as percentagens 56%, 36 % e 48 % indicam que, no nível básico, o clítico dativo não está adquirido. No nível médio, ainda está em aquisição. No nível superior, já está adquirido e estabilizado.

Nos juízos de gramaticalidade do dativo, os resultados percentuais indicam claramente que os inquiridos dos três níveis de escolaridade operam com mais do que uma gramática: tanto emitem juízos que convergem com a norma padrão do PE, como emitem juízos desviante. Quanto à flexão, os inquiridos dos três níveis, fazem uma sobregeneralização do uso do padrão *Prep + Pronome pessoal tónico (ele, mim)*. As preposições usadas neste padrão são *a* e *para*. A maior percentagem vai para a preposição *a* com o pronome pessoal tónico *ele*. Segundo a norma padrão do PE estas formas preposicionadas do pronome pessoal tónico ocorrem em construções de redobro de clítico, veja-se a frase (61). Mas os nossos inquiridos emitem juízos positivos para frases do tipo (62).

(61) O José entregou-*lhe* as chaves do carro *a eles*.

(62) O José entregou *a ele* as chaves do carro. (*)

No nível superior e só no superior (4 %), no contexto do dativo *lhe*, os inquiridos aceitam como correcta a ocorrência do pronome pessoal tónico *ela*, própria para a função de sujeito, no lugar do clítico dativo *lhe*, OI.

2 % dos inquiridos do nível básico não emitiram juízos sobre o dativo *me*. No nível básico, 6 %, e no nível médio, 4 % não emitiram juízos sobre o dativo *lhe(s)*.

Os resultados dos juízos de gramaticalidade do acusativo e do dativo confirmam que os inquiridos operam com mais do que uma gramática, porque emitem juízos que convergem com a norma padrão do PE e juízos desviantes (por exemplo: O meu irmão viu- *a / -lhe* no bazar). Os juízos desviantes não são sistemáticos, por exemplo, nos juízos sobre o acusativo *a*, dos 25 inquiridos do nível superior, só 48 % aceitam correcta a forma *a* e mais de 50 % não a aceitam como correcta (cf. tabela 3.17). Estabelecendo uma comparação entre os resultados relativos à selecção e os dos juízos, os dados revelam que os inquiridos demonstram uma certa instabilidade porque, se na tarefa de selecção do acusativo *a*, o nível superior atingiu os 76 % (cf. tabela 3.13), já na tarefa dos juízos de gramaticalidade apenas atingiu os 48 %.

3.6.2.3. Juízos de gramaticalidade de colocação enclítica

Os resultados desta tarefa encontram-se organizados nos anexos 9. As alíneas a, b, c, d, e do número 2 do grupo B contemplam o padrão de colocação enclítica. Segundo a bibliografia consultada, a norma padrão do PE respeita a *Lei de Tobler-Moussafia*. Nos juízos sobre a colocação enclítica teve-se como critério o início absoluto de frase.

Lei Tobler-Moussafia

No número 2 (alíneas a – e) do grupo B do TCLP, foram fornecidas cinco frases, cada uma com duas alternativas, e o inquirido devia seleccionar apenas uma delas – cf. (63):

- (63) (a) Venha visitar-*me*! ()
 (b) *Me* venha visitar! ()

De acordo com Carvalho (1989), os clíticos pronominais do português europeu moderno são sempre enclíticos fonologicamente, qualquer que seja a palavra precedente. Portanto, a cliticização fonológica da direita para a esquerda é uma das razões que bloqueia frases iniciadas por clíticos pronominais em português europeu. No português brasileiro actual, a direcção de cliticização fonológica é da esquerda para a direita, o que faz com que a frase (63b) seja gramatical no PB.

Do total absoluto de 125 frases, os resultados percentuais nos três níveis de escolaridade, respectivamente 81 %, 78 % e 100 %, revelam que, nos níveis básico e médio, a ênclise, neste contexto, está adquirida mas não está estabilizada. Nestes dois níveis, 19 % e 22 % seleccionaram como correctas frases com o clítico em posição inicial absoluto de frase. No nível superior, a ênclise está totalmente adquirida e estabilizada. Tendo em conta estes resultados, podemos pôr como hipótese que o PM, neste contexto, segue o caminho do PE e não do PB.

3.6.3. Resultados na tarefa de colocação

3.6.3.1. Colocação proclítica

Os resultados desta tarefa encontram-se organizados nos anexos 10. O número 3 do grupo A e o número 18 do grupo C contemplam o padrão de colocação proclítica. Uma das frases testadas inclui o modal complexo *ter_que*. A estrutura das restantes frases dos números 3 e 18 pertence a três tipos de subordinação: completivas, temporais e condicionais. A forma *que* tem um total absoluto de 50 frases: 25 com o modal *ter_que* e as restantes 25 como

introdutor de uma completiva finita. O complementador *quando* e *se* têm um total absoluto de 25 frases cada um: *quando*, com uma forma verbal simples e *se*, com uma sequência verbal. Os padrões obtidos na tarefa de colocação proclítica encontram-se organizados nos anexos 10, por níveis de escolaridade e por inquirido. Nesta tarefa de colocação, registámos casos de omissão e “casos duvidosos”. Estes casos serão tratados no final deste ponto. Os resultados serão apresentados tendo em conta a forma verbal. Na tabela 3.23, encontram-se os resultados percentuais obtidos na tarefa de colocação proclítica, tanto correctos, quanto desviantes, sem a inclusão dos “casos duvidosos”.

Tabela 3.23

| Colocação proclítica | | | | | | | | | |
|----------------------|------|------|------|--------|------|------|------|------|------|
| Padrões Ocor | que | | | quando | | | se | | |
| | B | M | S | B | M | S | B | M | S |
| pro | 11 | 10 | 22 | 11 | 12 | 16 | - | - | - |
| proaux/sup | 2 | 5 | 13 | - | - | - | 6 | 5 | 15 |
| propart | - | - | - | - | - | - | 9 | 8 | 6 |
| enc | 13 | 13 | 2 | 12 | 10 | 4 | - | - | - |
| encaux/sup | 14 | 6 | 7 | - | - | - | 2 | 9 | 4 |
| encinf | 1 | 5 | 2 | - | - | - | - | - | - |
| encpart | - | - | - | - | - | - | 3 | - | - |
| | | | | | | | | | |
| % pro | 44 % | 40 % | 88 % | 44 % | 48 % | 64 % | - | - | - |
| % proaux/sup | 8 % | 20 % | 52 % | - | - | - | 24 % | 20 % | 60 % |
| % propart | - | - | - | - | - | - | 36 % | 32 % | 24 % |
| % enc | 52 % | 52 % | 8 % | 48 % | 40 % | 16 % | - | - | - |
| % encaux/sup | 56 % | 24 % | 28 % | - | - | - | 8 % | 36 % | 16 % |
| % encinf | 4 % | 20 % | 8 % | - | - | - | - | - | - |
| % encpart | - | - | - | - | - | - | 12 % | - | - |

Forma verbal simples

As frases do número 3 do TCLP são aqui reproduzidas como (64) e (65).

(64) Quando uma pessoa tem que _____ (**se / deslocar**) para qualquer lado...

(65) Quando _____ (**se / anular**) a décima classe passei a estudar à noite.

Os dados revelam que em presença de *que* e *quando* em posição pré-verbal, os inquiridos produzem os dois padrões básicos de colocação: Cl+V e V+Cl. Relativamente ao contexto apresentado em (64), 52 % dos inquiridos dos níveis básico e médio produziram ênclise e apenas 44 % e 40 % é que colocaram o clítico em posição proclítica. No nível superior, os

dados revelam que neste contexto a próclise está adquirida e estabilizada pois a percentagem de próclise é de 88 % contra 8 % de ênclise. Com o complementador *quando*, os resultados revelam que nos níveis básico e médio a próclise no contexto em causa não está adquirida porque apenas 44 % e 48 % fizeram próclise e 48 % e 40 % fizeram ênclise. No nível superior, 64 % fizeram correctamente próclise e 16 % fizeram ênclise. Estes resultados revelam que, no nível superior, parecem co-existirem duas gramáticas: uma conforme à norma padrão do PE, que inclui “quando” na lista de atractores de próclise, outra que já não o faz.

Portanto na forma verbal simples, o padrão de colocação V+Cl acontece com os dois tipos de complementadores, apesar de o *que* apresentar maior índice de frequência neste padrão.

Sequência verbal: infinitivo/particípio

As frases do TCLP com sequência verbal para a colocação proclítica são aqui reproduzidas como frases (66) e (67). O verbo principal das formas verbais está no infinitivo e no particípio. Os complementadores são o *que* e o *se*.

(66) Eu acho que _____ (**dever / se / criar**) condições para os trabalhadores...

(67) Se ___ tivessem ___ ___ ensinado ___ não perdíamos tanto tempo. (**nos**)

Infinitivo

No contexto apresentado em (66), segundo a norma padrão do PE, o clítico pronominal pode preceder o verbo modal/ aspectual ou ocorrer à direita da forma do infinitivo. Os resultados confirmam a ocorrência destas duas possibilidades de colocação nos três níveis de escolaridade: respectivamente, 8 %, 20 % e 52 % para o padrão Cl+ Vaux+ Inf e 4 %, 20 % e 28 % para o padrão Vaux+Inf+Cl. Os níveis básico e superior mostram uma clara preferência pela próclise ao verbo auxiliar e o nível médio usa equitativamente os dois padrões. As percentagens globais dos padrões de colocação revelam que nos níveis básico (10 %) e médio (40 %), a próclise neste contexto ainda não está adquirida e, no nível superior (60 %), está ainda em aquisição.

Para além dos dois padrões de colocação correctos, acima descritos, os inquiridos usaram um terceiro padrão de colocação: Vaux+Cl+Inf. No contexto em causa, este padrão, segundo a norma padrão do PE, é agramatical. Nos três níveis de escolaridade, 56 %, 24 %

e 28 % respectivamente fizeram ênclise ao verbo auxiliar, numa estrutura com indutor de próclise. A ocorrência deste padrão poderia ser interpretada como sinal de que os inquiridos não reconhecem o *que* como atrator.

Mas, no quadro 3.7, apresentamos, por nível de escolaridade, os inquiridos que, com a forma verbal simples, consideraram o *que* atrator de próclise e que, com a forma verbal complexa, já não o consideraram e optaram pela ênclise ao verbo auxiliar, ou seja, os mesmos sujeitos tiveram comportamentos diferentes conforme a estrutura da forma verbal.

Quadro 3.7

| Nível básico | Nível médio | Nível superior |
|-------------------------|-------------|----------------------------|
| 1, 2, 5, 18, 20, 21, 25 | 44, 45, 46 | 57, 63, 64, 65, 68, 69, 75 |

A partir dos dados destes, podemos colocar como hipótese que na sua gramática, embora o *que*, funcione como atrator de próclise, a posição-alvo para *Subida de Clítico* é exclusivamente a ênclise.

Particípio

No contexto apresentado em (67), aqui repetido como (68) segundo a norma padrão do PE, numa forma verbal complexa com o verbo principal no particípio passado, o clítico pronominal tem obrigatoriamente como hospedeiro o verbo auxiliar. Dada a presença do proclisador *se*, o clítico deveria ocorrer na posição proclítica ao verbo auxiliar. Para evitar ambiguidades na leitura dos resultados, a frase apresentava espaços em branco em todas as posições possíveis de colocação do clítico pronominal.

(68) Se ___ tivessem ___ ___ ensinado ___ não perdíamos tanto tempo. (**nos**)

Os resultados indicam a ocorrência de quatro padrões de colocação: Cl+Vaux+Part, Vaux+(Cl+Part), (Vaux+Cl)+Part e Vaux+Part+Cl. Segundo a norma padrão do PE apenas o primeiro padrão (próclise ao auxiliar) é correcto. Os outros três padrões são desviantes. As percentagens relativas ao padrão correcto revelam que nos níveis básico (24 %) e médio (20 %) a próclise, neste contexto, não está adquirida. No nível superior, só 60 % dos inquiridos optaram pela colocação padrão.

Nos três padrões desviantes, os inquiridos mostram uma maior preferência pelo padrão Vaux+(Cl+Part), i.e., próclise ao particípio: 36 %, 32 % e 24 %, seguindo-se (Vaux+Cl)+Part, ou seja, ênclise ao auxiliar: 8 %, 32 % e 16 %; por último, e só no nível básico, ocorre o padrão Vaux+Part+Cl, de ênclise ao particípio: 12 %. Estes padrões desviantes revelam que os inquiridos ignoraram por completo a presença do complementador *se* em posição pré-verbal e a regra segundo a qual as formas do particípio passado não podem ser hospedeiros verbais para os clíticos pronominais, pelo facto de as suas projecções máximas não conterem núcleos funcionais temporais.

A percentagem de 60 % na colocação conforme à norma nos inquiridos do nível superior, associada aos 24 % e 16 % de colocação, respectivamente, proclítica à forma participial e enclítica ao verbo auxiliar, sugerem que a Gramática moçambicana pode vir a fixar como possibilidades a prevista na norma europeia, a dominante na norma brasileira ou uma terceira possibilidade: a restrição à ênclise da posição-alvo de *Subida de Clítico*.

“Casos duvidosos” e omissões

Tal como nas redacções escolares, editoriais e cartas de leitores também no TCLP, em posição proclítica registámos casos em que não é possível determinar a posição do clítico pronominal (“casos duvidosos”), porque os inquiridos, em vez de colocarem o clítico por cima dos espaços, colocaram-no entre os espaços, omitiram-no ou, em um caso, usaram o clítico sem a respectiva forma verbal (Cl sem Verbo). Na tabela 3.24, apresentam-se as frequências e percentagens destes casos por níveis de escolaridade.

Tabela 3.24

| Percentagens: “casos duvidosos”, omissões e Cl sem verbo | | | | | | | | | |
|--|--------|--------|--------|-------|--------|-------|--------|--------|---|
| Ocor | quando | | | que | | | se | | |
| | B | M | S | B | M | S | B | M | S |
| “casos duvidosos” | - | - | - | 7 | 7 | 3 | 5 | 3 | - |
| Omissão Cl | 2 | 3 | 5 | 2 | 4 | - | - | - | - |
| Cl sem verbo | - | - | - | - | - | 1 | - | - | - |
| | | | | | | | | | |
| %”casos duvidosos | - | - | - | 14,0% | 14,0 % | 6,0 % | 20,0 % | 12,0 % | - |
| % omissão Cl | 8,0 % | 12,0 % | 20,0 % | 4,0% | 8,0 % | - | - | - | - |
| % Cl sem verbo | - | - | - | - | - | 2,0 % | - | - | - |

Os “casos duvidosos” ocorreram com sequências verbais, o que denota que a colocação dos clíticos pronominais nestas formas é problemática no português falado em

Moçambique. Os inquiridos, ao colocarem o clítico entre os espaços e não nos espaços, revelam hesitação entre a norma e o *input* a que estão expostos. Portanto, existe um conflito entre a norma “ideal” e a norma “real”. Quanto à omissão do clítico pronominal, ela pode revelar uma tendência para a produção de objectos nulos no PM.

Em síntese, na colocação proclítica, os dados revelam que, nos contextos em causa, nos níveis básico e médio, a próclise não está adquirida e no nível superior ainda está em aquisição ou co-existem três diferentes gramáticas. Na forma verbal simples verifica-se a ocorrência dos dois padrões básicos: V+Cl e Cl+V. Na forma verbal complexa, com o verbo principal no infinitivo identificámos os padrões: Cl+Vaux+Inf/ *(Vaux+Cl)+Inf / Vaux+Inf+Cl. Com o verbo principal no particípio os dados confirmam a existência dos padrões: Cl+Aux+VPrinc / *Vaux+(Cl+Part) / *(Vaux+Cl)+ Part / *Vaux+Part+Cl. Maior destaque vai para o padrão Vaux+(Cl+Part) que parece estar a generalizar-se no PM.

3.6.3.2. Colocação enclítica

Os resultados desta tarefa encontram-se organizados nos anexos 10. Os números 1-17, 19 e 20 do grupo C contemplam o padrão de colocação enclítica. Segundo a bibliografia consultada, a norma padrão do PE, na ausência de um proclisador em posição pré-verbal, o clítico pronominal pode ocorrer em ênclise ao verbo auxiliar/superior ou ao verbo principal/encaixado, se este ocorrer no infinitivo. Na colocação enclítica teve-se como critério a forma do verbo encaixado da sequência verbal.

Os padrões de colocação obtidos na produção de ênclise encontram-se organizados nos anexos 10, por níveis de escolaridade e por inquirido. Na produção de ênclise, registámos, tal como nas redacções e na tarefa de colocação proclítica, “casos duvidosos” e casos de duas respostas e de ausência de resposta. Estes casos serão apresentados e tratados no final deste ponto.

Sequência verbal

O grupo C do TCLP contemplava apenas sequências verbais. Para evitar ambiguidades na interpretação dos dados, os inquiridos eram postos numa situação em que lhes eram apresentadas todas as possibilidades de posicionamento do clítico pronominal, indicado entre parênteses no final de cada frase:

(69) Ele ____ deve ____ ____ defender ____ (se)

Infinitivo

Segundo Said Ali, “nas combinações verbais em que o verbo principal é um infinitivo, o pronome átono que não sirva de regimen a este infinitivo, só pode juntar-se ao verbo auxiliar.” Portanto, neste caso, o clítico só pode estar enclítico ao verbo auxiliar. Mas segundo o mesmo linguista, quando o infinitivo depende dos verbos *poder*, *querer*, *dever*, *ir*, *vir* e outros, o clítico pronominal pode vir enclítico ao verbo mais alto ou ao verbo encaixado. Na tabela 3.25, apresentamos os resultados tendo em conta os dois contextos de colocação com o verbo encaixado no infinitivo.

Tabela 3.25

| Resultados de ênclise com o verbo encaixado no infinitivo | | | | | | |
|---|---------------------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Ocor | Encinfaux/ superior | | | encinf | | |
| | B | M | S | B | M | S |
| encinf | 81 | 91 | 96 | 106 | 117 | 131 |
| encaux/sup | 69 | 64 | 63 | 46 | 46 | 25 |
| proinf | 30 | 22 | 22 | 33 | 26 | 31 |
| proaux | 12 | 12 | 4 | 10 | 3 | 5 |
| | | | | | | |
| % encinf | 40.5 % | 45.5 % | 48 % | 53 % | 58.5 % | 65.5 % |
| % encaux/sup | 34.5 % | 32 % | 31.5 % | 23 % | 23 % | 12.5 % |
| % proinf | 15 % | 11 % | 11 % | 16.5 % | 13 % | 15.5 % |
| % proaux | 6 % | 6 % | 2 % | 5 % | 1.5 % | 2.5 % |

Resultados de ênclise ao infinitivo ou ao auxiliar

Do total absoluto de 200 frases em que, segundo a norma do PE, o clítico pronominal pode ocorrer enclítico ao infinitivo ou ao verbo auxiliar/superior, os resultados confirmam a ocorrência dos dois padrões de colocação possíveis neste contexto: Vaux/sup+Inf+Cl e Vaux/sup+Cl+Inf. Para além destes dois padrões de colocação, registámos mais dois padrões que de acordo com a norma padrão do PE são desviantes: Vaux/sup+(Cl+Inf) e Cl+Vaux/sup+Inf.

A partir da soma das percentagens dos dois padrões correctos neste contexto, nos três níveis de escolaridade, respectivamente, 75 %, 77,5 % e 79,5 %, podemos afirmar que, no nível básico, a ênclise ainda está em aquisição. Nos níveis médio e superior a ênclise está

adquirida mas ainda não está estabilizada. Os resultados revelam que os inquiridos dos três níveis de escolaridade mostram uma maior preferência pela ênclise ao infinitivo.

Os resultados percentuais dos padrões desviantes, Vaux/sup+(Cl+Inf) e Cl+Vaux/sup+Inf, levam a uma conclusão: no contexto de ênclise ao verbo auxiliar/superior ou ao infinitivo, no PM, há uma tendência para a legitimação à esquerda da forma do infinitivo e, em estruturas sem indutor de próclise, verifica-se a ocorrência de próclise. O padrão Vaux/sup+(Cl+Inf) apresenta maior percentagem de ocorrências do que o padrão CL+Vaux/sup+Inf. A próclise ao verbo encaixado, de que o clítico é dependente temático, tem sido recorrente ao longo da análise dos dados.

Ênclise ao infinitivo

Do total absoluto de 200 frases em que, segundo a norma do PE, o clítico pronominal deve ocorrer enclítico ao infinitivo encaixado. Registaram-se os seguintes resultados: Vsup+Inf+Cl, com 53 %, 58,5 % e 65,5 % para os níveis básico, médio e superior; (Vsup+Cl)+Inf, Vsup+(Cl+Inf) e Cl+Vsup+Inf ilustrados nas frases (71).

(70) (a) E aí preferem-*se* muitas vezes prostituir. (*)

(b) Os meninos *me* poderão perseguir. (*)

(71) O meu pai começou a *me* ensinar português. (*)

Em (70a), o clítico é dependente temático do verbo encaixado e o verbo superior não pertence à classe de predicados de reestruturação no PE; contudo, as percentagens de inquiridos que produziram, neste contexto, ênclise ao verbo superior parecem indicar que certos verbos de controlo estão a ser recategorizados como predicados de reestruturação em várias variedades do Português¹⁹.

O padrão exemplificado em (70b), com uma ocorrência de 23 % nos níveis básico e médio e 12.5 % no nível superior, corresponde a uma gramática em que a *Subida de Clítico* elege como única posição-alvo a próclise. Finalmente, o padrão próclise ao verbo encaixado, que regista 16.5 % no básico, 13 % no nível médio e 15.5 % no nível superior, caracteriza uma

¹⁹ Veja-se a este propósito, para o PB, o trabalho de Duarte, Martins e Nunes (2004).

gramática em que se perdeu *Subida de Clítico*, sendo de destacar os 15,5 % no nível superior.

Gerúndio

Segundo a norma do PE, quando o verbo encaixado é um gerúndio, o clítico pronominal é atraído para o verbo auxiliar/superior. A frase do TCLP que ilustra este contexto é apresentada em (72):

(72) E foi ____ assim ____ constatando ____ motivos vários. (se)

O número 10 do grupo C contempla a colocação do clítico pronominal com o verbo no gerúndio. Do total absoluto de 25 frases com o verbo encaixado no gerúndio, o clítico devia ocorrer enclítico ao verbo superior. Nos resultados regista-se a ocorrência de ênclise ao verbo semi-auxiliar e ao gerúndio e próclise ao gerúndio. Na tabela 3.26 encontram-se os resultados obtidos neste contexto.

Tabela 3.26

| Resultados de ênclise com o verbo encaixado no gerúndio | | | | | | |
|---|---------------------|------|-------|------|----------|------|
| Padrão | Ênclise ao auxiliar | | | | | |
| | Básico | | Médio | | Superior | |
| | Total | % | total | % | total | % |
| encVaux | 5 | 20,0 | 7 | 28,0 | 7 | 28,0 |
| encger | 14 | 56,0 | 11 | 44,0 | 11 | 44,0 |
| proger | 5 | 20,0 | 7 | 28,0 | 7 | 28,0 |

Os resultados percentuais do padrão correcto, Vaux+Cl+Ger - 20 %, no nível básico e 28%, nos níveis médio e superior - revelam que, nos três níveis de escolaridade, o padrão conforme à norma padrão europeia não está adquirido.

Os resultados percentuais dos padrões desviantes, Vaux+Ger+Cl e Vaux+(Cl+Ger), levam a uma conclusão: nos três níveis de escolarização considerados, a maioria dos inquiridos (76,0 % no nível básico e 72,0 % no nível médio e superior) opta por não fazer *Subida de Clítico*. Neste contexto, o padrão desviante com maior percentagem de ocorrências é Vaux+Ger+Cl.

Particípio

Segundo a norma do PE, quando o verbo principal é um particípio, o clítico pronominal ocorre adjacente ao verbo auxiliar. Nas frases em observação, temos um particípio regular e um irregular:

(73) Eles ____ têm ____ ____ dado ____ razão. **(lhe)**

(74) O livro ____ foi ____ ____ entregue ____ .**(lhe)**

Os números 13 e 14 do grupo C contemplam a colocação do clítico pronominal com o verbo principal no particípio. Do total absoluto de 50 frases com o verbo principal no particípio, o clítico devia ocorrer enclítico ao verbo auxiliar. Os resultados confirmam a ocorrência dos seguintes padrões: (Vaux+Cl)+Part, Vaux+Part+Cl, Cl+Vaux+Part e Vaux+(Cl+Part). Na tabela 3.27 encontram-se os resultados obtidos neste contexto.

Tabela 3.27

| Resultados de ênclise com o verbo principal no particípio | | | | | | |
|---|---------------------|------|-------|------|----------|------|
| Padrão | Ênclise ao auxiliar | | | | | |
| | Básico | | Médio | | Superior | |
| | Total | % | total | % | total | % |
| encaux | 18 | 36,0 | 27 | 54,0 | 25 | 50,0 |
| encpart | - | - | 1 | 2,0 | 1 | 2,0 |
| proaux | 14 | 28,0 | 7 | 14,0 | 4 | 8,0 |
| propart | 10 | 40,0 | 7 | 14,0 | 8 | 16,0 |

Os resultados percentuais do padrão correcto (Vaux+Cl)+Part - 36 % no nível básico, 54 % no nível médio e 50 % no nível superior - revelam que, nos três níveis de escolaridade, a ênclise, neste contexto, não está adquirida, apesar dos 54 % do nível médio.

Os resultados percentuais dos padrões desviantes mostram mais uma vez que a *Subida de Clítico* pode ter dois alvos diferentes para o mesmo contexto, o que sugere que estão a co-existir duas gramáticas: uma em que a posição-alvo é exclusivamente ênclise e outra em que tal posição é unicamente próclise. Finalmente, surge também neste contexto, com algum significado no nível básico (40,0 %), um padrão já encontrado em outros contextos: próclise à forma participial.

“Casos duvidosos”

Aqui, tal como nas redacções escolares, editoriais e cartas de leitores, também registámos casos em que não é possível identificar a posição do clítico pronominal (“casos duvidosos”), porque, em vez de os inquiridos colocarem o clítico por cima do espaço colocaram-no entre os espaços. Casos houve em que considerámos a resposta nula por terem dado mais de uma resposta ou por não terem dado nenhuma resposta. Na tabela 3.30, encontram-se as frequências e percentagens destes casos por níveis de escolaridade.

Tabela 3.30

| Percentagens: “casos duvidosos”, respostas nulas na produção de ênclise | | | | | | | | | |
|---|-----------|-------|-------|--------|-------|-----|--------|--------|--------|
| Ocor | encinfaux | | | encinf | | | encaux | | |
| | B | M | S | B | M | S | B | M | S |
| “casos duvidosos” | 4 | 11 | 8 | 2 | 7 | 8 | 8 | 8 | 10 |
| 2/rep | 4 | - | 6 | 2 | - | - | - | - | - |
| N/resp | - | - | 1 | 1 | 1 | - | - | - | - |
| | | | | | | | | | |
| %”casos duvidosos | 2 % | 5.5 % | 4 % | 1 % | 3.5 % | 4 % | 10.6 % | 10.6 % | 13.3 % |
| % 2/resp | 2 % | - | 3 % | 1 % | - | - | - | - | - |
| % N/resp | - | - | 0.5 % | 0.5 % | 0.5 % | - | - | - | - |

Nos casos em que ocorre mais do que uma resposta, considerámos que os inquiridos assim fizeram porque ou aceitam mais de um padrão de colocação do clítico pronominal nesse contexto ou hesitam no padrão a utilizar, como foi o caso da frase (75).

(75) E ai preferem-se muitas vezes prostituir-se.

De uma forma geral, estes casos revelam o grau de dificuldade que os inquiridos têm na colocação de clíticos em sequências verbais.

3.7. Conclusões

Nos resultados das estruturas desviantes verificámos que na selecção e juízos de gramaticalidade do acusativo e do dativo há três tipos de situações: (i) desvios que desaparecem completamente em função da variável nível de escolarização, (ii) desvios que permanecem em pequenos resíduos percentuais, e (iii) desvios que se mantêm permanentes até ao nível superior e mesmo nos editoriais e cartas de leitores.

Desvios de selecção:

(i) Desvios que desaparecem completamente

Na selecção do acusativo, os desvios que desaparecem são os relativos: à concordância em número; à selecção de pessoa gramatical (*me* e *te*). Na selecção do dativo, desaparecem os seguintes desvios: selecção do acusativo *a/o/os* em vez do dativo *te*; selecção do pronome pessoal forte em vez de *te*; selecção de *vos* em vez de *te*, *lhe*; selecção de *me*, *te* em vez de *lhe*. Nos juízos de gramaticalidade a aceitação de construções com o pronome pessoal forte *ele/a* desaparece desde o nível médio inclusive.

(ii) Desvios que permanecem em pequenos resíduos

Na selecção do acusativo, os desvios que permanecem em pequenos resíduos são os relativos à concordância quanto ao género e à selecção de *a* em vez de *o*. Na selecção do dativo, os desvios que apresentam resíduos percentuais no nível superior são os relativos à concordância em número, à troca de *lhe* por *lhes*, à selecção do acusativo *o*, *os* em vez do dativo *lhe*, *lhes* e à selecção de *n(o)*, *nos* em vez de *lhe*.

(iii) Desvios que se mantêm permanentes

Na selecção do acusativo, os desvios que se mantêm permanentes são os casos de leísmo e a selecção de *nos* em vez de *os*. Na selecção do dativo, são os desvios relativos à selecção da pessoa gramatical (*lhe* em vez de *te*). Na tarefa de juízos de gramaticalidade, a aceitação de leísmo e das formas preposicionadas do pronome pessoal forte em construções que não são de redobro é permanente.

Desvios de colocação

Nos desvios relativos à colocação, a análise dos dados leva-nos a concluir que o padrão V+Cl tanto ocorre em frases coordenadas /simples como em frases subordinadas, o que mostra que, para os falantes inquiridos, não há uma relação directa entre a ênclise e a natureza do introdutor da oração subordinada. Os clíticos pronominais ocorrem mais com formas verbais simples do que com sequências verbais. Nas sequências verbais, a combinação com maior índice de frequência é Vsup+Venc, seguindo-se AuxMod, AuxTComp, AuxAsp, AuxTemp e AuxPassiv.

Tal como na tarefa de selecção, na tarefa de colocação há padrões que: (i) desaparecem completamente, (ii) permanecem em pequenos resíduos percentuais e (iii) se mantêm permanentes:

(i) Padrões que desaparecem completamente

Na colocação proclítica padrão, a sequência Vaux+Part+Cl desaparece. Na colocação enclítica padrão, os dados confirmam que a ocorrência de próclise em posição inicial absoluta desaparece totalmente.

(ii) Desvios que permanecem em pequenos resíduos

Na colocação enclítica padrão, no contexto de ênclise ao verbo auxiliar/superior ou ao infinitivo, o padrão Cl+Vaux/sup+Inf apresenta resíduos percentuais; no contexto de ênclise ao infinitivo, o mesmo acontece com o padrão Cl+Vaux/sup+Inf; finalmente no contexto de ênclise ao verbo auxiliar, o padrão Vaux+Part+Cl apresenta igualmente resíduos.

(iii) Desvios que se mantêm permanentes

Na colocação proclítica padrão, em orações subordinadas com formas verbais simples, mantém-se a oscilação entre os padrões V+Cl e Cl+V. no contexto de sequências verbais, são permanentes nos três níveis de escolaridade os padrões Vaux+Cl+Inf e Vaux+Inf+Cl com AuxModal+Infinitivo, o mesmo acontecendo relativamente ao padrão Vaux+(Cl+Part), com VauxTCompostos. Na colocação enclítica padrão, no contexto de ênclise ao verbo auxiliar/superior ou ao infinitivo, o padrão Vaux/sup+(Cl+Inf) é permanente; no contexto de ênclise ao infinitivo, com verbos principais, os padrões (Vaux/sup+Cl)+Inf e Vaux/sup+(Cl+Inf) são permanentes; destes dois padrões permanentes, o padrão Vaux/sup+(Cl+Inf) tem o maior índice de ocorrências; no contexto de ênclise ao auxiliar com o verbo encaixado no gerúndio, os padrões Vaux+Ger+Cl e Vaux+(Cl+Ger) são permanentes, com maior índice de ocorrência para o padrão Vaux+Ger+Cl; finalmente, no contexto de ênclise ao verbo auxiliar com o verbo encaixado no particípio, com auxiliares de tempos compostos e da passiva os padrões Cl+Vaux+Part e Vaux+(Cl+Part) são permanentes, com maior índice de ocorrências para o padrão Vaux+(Cl+Part).

Capítulo 4

Conclusões

4.1. Conclusões gerais

Neste capítulo final, pretendemos sintetizar as conclusões que fomos apresentando ao longo deste trabalho, propor hipóteses sobre tendências de evolução do PM e fazer algumas recomendações que julgamos úteis para o sistema educativo moçambicano.

Esta investigação tinha como objectivo: (i) avaliar se, no domínio da selecção e colocação dos clíticos pronominais, todos os desvios à norma do PE são transitórios ou se alguns persistem na produção de falantes adultos e cultos; (ii) analisar os resultados da selecção e descrever os padrões de colocação; (iii) identificar as condições que determinam as escolhas dos falantes.

A análise dos dados, levou-me a concluir que, no domínio da selecção e colocação dos clíticos pronominais, existem dois tipos de desvios: aqueles que são sensíveis à variável nível de escolarização, uma vez que à medida que as habilitações académicas vão aumentando eles desaparecem; aqueles que permanecem nos inquiridos com nível superior de escolarização e nos informantes. Confirmou-se, assim, parcialmente, a hipótese (i) da página 5.

Os padrões de colocação desviantes que se mantêm permanentes na produção dos inquiridos/informantes são os seguintes:

1. **Ênclise em vez de próclise** em formas verbais simples. O clítico ocorre contíguo aos morfemas da flexão verbal, o que sugere que também em PM a ênclise se está a tornar o padrão de colocação mais generalizado e que a classe dos atractores de próclise está a ser restringida, (por exemplo, os dados mostram que alguns dos quantificadores e advérbios já não contam como proclisadores). Estes dados constituem uma confirmação da hipótese a) da página 5.

2. **Nas sequências verbais, a próclise** ocorre nos seguintes contextos:

- Com atractor em posição pré-verbal e com auxiliar de tempos compostos, o clítico ocorre proclítico ao participio passado.

- Sem attractor em posição pré-verbal e com auxiliares modais, aspectuais, temporais e auxiliares de tempos compostos, o clítico ocorre tanto proclítico ao infinitivo, ao gerúndio e ao particípio como ao verbo auxiliar.

3. **Nas sequências verbais, a ênclise** ocorre nos seguintes contextos:

- Com attractor em posição pré-verbal seguido de auxiliar modal, o clítico ocorre enclítico tanto ao verbo auxiliar como ao infinitivo.
- Sem attractor em posição pré-verbal seguido de verbo superior ou auxiliar modal, aspectual, temporal ou dos tempos compostos, o clítico ocorre enclítico tanto ao verbo superior/auxiliar como ao gerúndio e ao infinitivo.

Os resultados mostram tendências de evolução da gramática do Português de Moçambique que a distinguem das variedades europeia e brasileira.

Assim, assinalem-se as seguintes **diferenças entre o PM e o PE**: (i) no que respeita a selecção, os resultados da tarefa de selecção do acusativo e do dativo mostraram que os inquiridos/informantes seleccionam formas do clítico dativo para contextos em que o PE exige a ocorrência de clíticos acusativos; outra diferença é a possibilidade de ocorrência, no PM, da combinação *a+pronome forte* em vez do clítico acusativo/dativo. (ii) no que respeita a colocação, os resultados da tarefa mostram que os inquiridos/informantes, nas orações subordinadas finitas com formas verbais simples, fazem ênclise, em vez da próclise obrigatória no PE; nas formas verbais infinitivas e participiais de sequências verbais, o falante do PM, coloca o clítico proclítico a estas formas, enquanto o PE exige ênclise ao verbo mais alto ou ao verbo encaixado; por último, o PE, em sequências verbais com o verbo auxiliar no gerúndio, exige que o clítico pronominal seja enclítico ao verbo auxiliar, enquanto os falantes do PM fazem ênclise ao gerúndio.

Quanto às **diferenças entre o PM e o PB**, registem-se as seguintes: (i) no que respeita a selecção, os resultados da tarefa de selecção do acusativo e do dativo mostraram que os inquiridos seleccionam a combinação *a+pronome forte* em vez do clítico acusativo/dativo, num contexto em que o PB só aceita a ocorrência do pronome forte. (ii) no que respeita a colocação, os resultados da tarefa mostram que, no PM, a direcção de cliticização fonológica é da direita para esquerda, enquanto no PB é da esquerda para a direita. Ou seja,

o PM respeita a *Lei Tobler Moussafia* e o PB não. Nas orações subordinadas finitas com formas verbais simples, os inquiridos/informantes do PM fazem ênclise, em vez da próclise obrigatória no PB; finalmente, enquanto os falantes do PM aceitam a possibilidade de *Subida de Clítico* com auxiliares, semi-auxiliares e outros predicados de reestruturação os falantes do PB rejeitam generalizadamente *Subida de Clítico*.

Os dados recolhidos mostram, adicionalmente que co-existem duas gramáticas relativamente a *Subida de Clítico*: (i) a primeira fixa como alvo o movimento para o verbo superior/auxiliar e, (ii) a segunda, parecida com a do PB não permite que o clítico saia do domínio encaixado, o que determina os padrões próclise ou ênclise ao infinitivo e ao gerúndio e próclise ao participípio.

4.2. Recomendações

Feito este trabalho, julgamos importante apresentar algumas sugestões que poderão ser tomadas em consideração caso se queira aprofundar o estudo dos clíticos pronominais no PM.

No presente trabalho, usou-se material escrito como base de pesquisa. Porém, para futuros estudos, seria de sugerir o recurso a dados de oralidade ou ainda à análise conjunta de dados do oral e do escrito. O tratamento de um *corpus* oral é importante, na medida em que determinados aspectos que escapam ao estudo de um *corpus* escrito poderiam vir à luz. Por exemplo, um estudo fonológico poderia determinar com mais precisão se o clítico que ocorre no padrão Vaux/Vsup+Cl+Venc é enclítico ao verbo superior ou proclítico ao verbo encaixado.

Além disso, seria aconselhável analisar detalhadamente a colocação pronominal em português em geral, nomeadamente no PE, e no português de Moçambique considerando diferentes registos, porque alguns “erros” em português de Moçambique parecem idênticos a realizações do registo oral informal aceites no PE. De uma forma mais geral, só tal análise permitiria uma avaliação mais conclusiva de todas as hipóteses formuladas no início deste trabalho.

A ocorrência de estruturas desviantes, mesmo em falantes que declararam ter o Português como sua língua materna e que aprendem português há mais de 9/12/15 anos de

escolaridade, leva-nos a pôr como hipótese que a gramática do português de que dispõem constitui um estado fossilizado do processo de aquisição da linguagem. O estudo do processo de aquisição levado a cabo em outras variedades do Português permitiria avaliar se, na aquisição dos clíticos pronominais, existem sequências. Se existirem, será possível explicar certas particularidades do português de Moçambique por fossilização ou por interrupção do processo de desenvolvimento da linguagem.

Finalmente, à entrada na escola, as crianças moçambicanas dispõem de uma competência e de uma performance da língua portuguesa que, em geral, estão bastante afastadas da variedade que a escola pretende que atinjam. Assim, é desejável que, nas aulas de Português dos níveis iniciais, sejam introduzidas à questão da existência de variedades e de registos linguísticos e que, neste contexto, seja introduzida a questão dos clíticos. Em níveis mais avançados, quando a criança/ o jovem já tem maior capacidade de abstracção, deve ser confrontado, de forma mais demorada, não só com os padrões prescritos na norma padrão do PE, mas também com os padrões presentes na variedade moçambicana e até mesmo com os da brasileira. Esta abordagem exige, é claro, uma adequada preparação dos professores.

A próclise ao verbo não finito encaixado apresenta nos nossos dados índices percentuais bastante significativos. Por isso, e apesar de ser estranho à norma preconizada para o ensino, este padrão deve ser aceite como válido na variedade moçambicana em formação. Além disso, verifica-se que boa parte dos professores, dos profissionais de informação e estudantes do nível superior usam este padrão de colocação. A sua aceitação poderia, assim, resolver a discrepância entre as regras de colocação gramaticais fornecidas nas aulas e a prática do dia-a-dia, incluindo a do próprio professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Pilar

2000 “Clitics: a Window into the Null Subject Property”. In Costa (org.): 31-93.

1996 Clitic Placement in European Portuguese and the Position of Subjects. In Halpern e Zwicky (orgs.), *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena*, 1-4. Stanford: CSLI.

BECHARA, Evanildo

1999 *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro: Lucerna. 37.^a edição, revista e ampliada.

CARVALHO, M. José Albarran de

1987 *Aspectos Sintático-Semânticos dos Verbos Locativos no Português Oral de Maputo, Anexo II-Corpus*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

CORVALÁN, Carmen. Silva

1989 *Sociolingüística – Teoria y Análisis*. Madrid, Editorial Alhambra.

COSTA, Teresa da

2003 *Aquisição do ponto e do modelo de articulação dos segmentos obstruintes no Português Europeu: um estudo de caso*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

CUNHA, Celso & Luís Filipe Lindley Cintra

1984 *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa. (8.^a edição, Lisboa: João Sá da Costa, 1991).

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini

1993 *Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objecto nulo e clíticos*. In I. Roberts & M. A . Kato (orgs.), 163-184.

DUARTE, Inês

1983 “Variação Paramétrica e Ordem dos Clíticos. *Revista da Faculdade de Letras*, Número Especial Comemorativo do 50.º aniversário da RFL: 158-178.

_____ & Gabriela Matos

2000 “Romance Clitics and the Minimalist Program”. In J. Costa (ed.): 116-142. *Portuguese Syntax. New Comparative Studies. Oxford: Oxford University Press.*

_____ & Gabriela Matos & Isabel Faria

1995 “Specificity of European Portuguese Clitics in Romance”. In Faria e Freitas (org.), *Studies on the Acquisition of Portuguese*, 129-154. Lisboa: APL e Colibri.

_____ & G. Matos & A. Gonçalves & I. Ribeiro

2001 “Clíticos Especiais em Português Europeu e Brasileiro”. Comunicação apresentada ao 2.º Workshop do Projecto “ Português Europeu e Português Brasileiro – Unidade e Diversidade na Viragem do Milénio”, Fortaleza.

DUARTE, Maria Eugênia & Ana M. Martins & Jairo Nunes

2004 *Raising Issues in Brazilian and European Portuguese*. Ms.

ENDRUSCHAT, Annette

1993 “Acerca da Colocação dos Pronomes Clíticos no Português de Angolanos e Moçambicanos. Sua Problemática no Contexto dos Diferentes Registos e na Aquisição da Linguagem.” *Actas do 4º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, 95-102. Universidade de Hamburgo. LIDEL.

EIPHANIO da Silva Dias, Augusto,

1918 *Syntaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora (5.ª edição, 1970).

FARIA, Isabel & Inês Duarte

1982 “O Paradoxo da Variação: Aspectos do Português Europeu”. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 1: 21-27.

FARIA, Isabel & Emília Pedro & Inês Duarte & Carlos A. M. Gouveia (orgs.)

1996 *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

FIRMINO, Gregório

1988 Desvios à norma no Português falado em Moçambique. *Actas do IV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL.

2000 *Situação linguística de Moçambique: dados do II recenseamento Geral da População e Habitação de 1997*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.

2002 *A “Questão Linguística” na África Pós-Colonial: O caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique*. Maputo: PROMÉDIA.

GALVES, C. & M. B. Abaurre

1996 “Os Clíticos no Português Brasileiro: Elementos para uma Abordagem Sintático-Fonológica”. In A. Castilho, & M. Basílio, (orgs.), *Gramática do Português Falado. VI: Estudos Descritivos*: 273-319. Campinas: Editora da UNICAMP.

GONÇALVES, Anabela

1996 *Aspectos da Sintaxe dos Verbos Auxiliares do Português Europeu*. In Gonçalves, Colaço, Miguel e Moia: 7-50.

_____ & Madalena Colaço & Matilde Miguel & Telmo Moia (orgs.).

Quatro Estudos em Sintaxe do Português. Uma Abordagem segundo a Teoria de Parâmetros. Lisboa: Edições Colibri.

GONÇALVES, Perpétua

1989 “A Variação do Português dentro do Português”, *Revista Internacional de Língua Portuguesa* 1: 15-20, Lisboa, Associação das Universidades de Língua Portuguesa.

1990 *A construção da gramática do português em Moçambique: aspectos da estrutura argumental dos verbos*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

GONÇALVES, Perpétua

- 1996 Movimentos Sintáticos no Português de Moçambique. In *Português de Moçambique: uma variedade em formação*. Maputo, Universidade Eduardo Mondlane. Livraria Universitária e Faculdade de Letras.
- 1997 “Tipologia de ‘erros’ do Português Oral de Maputo: um primeiro diagnóstico”, C Stroud & P Gonçalves (org) *Panorama do Português Oral de Maputo, A construção de um banco de “erros”* (vol II), Maputo, INDE, 37-70.
- 2001 “Panorama geral do Português de Moçambique”. In *Revue Belge de Philologie et D’Histoire. Langues et Littératures Modernes*. Fasc.3: 977-990.
- 2004 “A Formação de variedades Africanas do Português: Argumentos para uma Abordagem Multidimensional”. *Textos da Conferência Internacional A Língua Portuguesa: Presente e Futuro*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 223-242.
- _____ & C. Stroud (org.)
- 1997 *Panorama do português Oral de Maputo. Objectivos e Métodos*. (vol I), Maputo, INDE.
1998. *Panorama do Português Oral de Maputo. Estruturas Gramaticais do Português: problemas e exercícios*. (vol III), Maputo, INDE.

KATO, Mary

- 1994 “Português Brasileiro Falado: Aquisição em Contexto de Mudança Linguística”. In *Actas do Congresso Internacional sobre o Português: 209-237*. (vol II), Edições Colibri, APL.

LABOV, William

- 1963 “The Social Motivation of a Sound Change”. *Word*, 19:273-309. In Labov 1972, *Sociolinguistic Patterns*. Filadélfia: Universidade da Pensilvânia.

1966 *The Social Stratification of English in New York City*. Washington DC, Centre for Applied Linguistics.

LEIRIA, Isabel

2001 *Léxico: Aquisição e Ensino do Português Europeu Língua Não Materna*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

LOBO, Tânia

1992 *A Colocação dos Clíticos em Português: duas sincronias em confronto*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.

MACHAVA, Benilde

1994 *A Colocação do Pronome Pessoal Átono em frases subordinadas no Português de Moçambique*. Dissertação de Licenciatura [não publicada]. Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras.

MADEIRA, Ana

1992 “On Clitic Placement in European Portuguese”. *Working Papers in Linguistic* 4, Londres, University College.

MARTINS, Ana Maria

1994 *Clíticos na História do Português*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Vol 1.

MATEUS, Maria Helena et al.

2003 *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho (5ª edição, revista e aumentada).

MAZULA, Brazão

1995 *Educação, Cultura e Ideologia em Moçambique: 1975-1985*. S/L, Edições Afrontamento e Fundo Bibliográfico da língua Portuguesa.

MINED (Ministério de Educação)

2000 *Os 25 Anos da Educação em Moçambique: 1975 – 2000*. Maputo, Edição: MINED/DRAP.

MORENO, Albertina & António Tuzine

- 1997 “Distribuição social de variáveis linguísticas no Português Oral de Maputo”, C. Stroud & P. Gonçalves (org) *Panorama do Português Oral de Maputo, A construção de um banco de ‘erros’* (vol II), Maputo, INDE, 71-91.

NASCIMENTO, M.

- 1996 *Língua Falada, Língua Escrita. Comunicação apresentada no Congresso sobre a investigação do Português*. Lisboa.

NUNES, Jairo

- 1993 “Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro”. In I. Roberts & M. Kato (orgs.), 207-222.

PAGGOTO, Emilio

- 1993 “Clíticos, mudança e seleção natural”. In I. Roberts & M. Kato (orgs.), 185-206.

RAPOSO, Eduardo Paiva

- 1992 *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho.

ROBERTS, Ian & Mary Kato (orgs.)

- 1993 *Português Brasileiro. Uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP.

ROSÁRIO, Joana Pimental do

- 1997 *A Aquisição dos Clíticos em Português como Língua Estrangeira: O Papel da Língua Materna*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

SAID ALI, Manuel

- 1908 *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro/S. Paulo: Laemmert & C.

- 1927 *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de S. Paulo (6.^a edição, 1965).

- 1964 *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3.^a ed. São Paulo, Melhoramentos.

SEMEDO, Manuel Brito

1997 *A Colocação dos Clíticos no Português em Maputo*. INDE.

SPORTICHE, Dominique

1988 A Theory of Floating Quantifiers and its Corollaries for Constituent Structure. *Linguistic Inquiry*, 19(3): 425-449.

1998 *Partitions and atoms of Clause Structure. Subjects, Agreement, Case and Clitics*. Nova Iorque: Routledge.

STROUD, Christopher

1997 “Os Conceitos Linguísticos de ‘Erro’ e ‘Norma’.” In Stroud C. & P. Gonçalves, (eds.) *Panorama do Português Oral de Maputo*, (vol II). *A Construção de um Banco de Erros*, 9-35. Maputo – INDE

VIGÁRIO, Marina

1998 “Cliticização no Português Europeu: Uma Operação Pós-Lexical. In *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 577-598. (vol II). 1999, Braga.

1999 “Pronominal Cliticization in European Portuguese: a Postlexical Operation”. *CatWPL*, 7: 219-237.

VILLALVA, Alina

2003 *Estrutura morfológica básica*. In Mateus et al. 926-938.

ANEXOS

Lista dos anexos

| | |
|-----------|---|
| Anexos 1 | Idade e línguas declaradas - Nível básico Idade e línguas declaradas - Nível médio Idade e línguas declaradas - Nível superior |
| Anexo 2 | Distribuição dos temas e subtemas por níveis de escolaridade |
| Anexo 3 | Teste de comportamento linguístico provocado |
| Anexo 4 | Fotocópia do documento T86 2a RE B16 |
| Anexo 5 | Transcrição do documento T86 2a RE B16 |
| Anexos 6 | Características de cada documento – Nível básico Características de cada documento – Nível médio Características de cada documento – Nível superior Características de cada documento – Editoriais Características de cada documento – Cartas de leitores |
| Anexo 7 | Excerto da base de dados |
| Anexos 8 | TCLP: Resultados da tarefa de selecção – Nível básico TCLP: Resultados da tarefa de selecção – Nível médio TCLP: Resultados da tarefa de selecção – Nível superior |
| Anexos 9 | TCLP: Resultados da tarefa de juízos de gramaticalidade – Nível básico TCLP: Resultados da tarefa de juízos de gramaticalidade – Nível médio TCLP: Resultados da tarefa de juízos de gramaticalidade – Nível superior |
| Anexos 10 | TCLP: Resultados da tarefa de colocação – Nível básico TCLP: Resultados da tarefa de colocação – Nível médio TCLP: Resultados da tarefa de colocação – Nível superior |

ANEXOS 1 – IDADE E LÍNGUAS DECLARADAS - NÍVEL BÁSICO

| N.º do Inquirido | Idade | Língua Materna | Línguas que fala | Línguas que percebe | Línguas que fala em casa |
|-------------------------|--------------|-----------------------|----------------------------|------------------------------|---------------------------------|
| B1 | 18 | Português | Português / Inglês | Português / Inglês | Makua / Português |
| B2 | 20 | Português | Português | Português / Makua | Português |
| B3 | 18 | Português | Makua / Ekoti | Changana / Yao | Makua / Ekoti |
| B4 | 17 | Português | Português / Inglês | Português / Inglês | Português |
| B5 | 18 | Português | Português / Makua | Português / Makua | Português / Makua |
| B6 | 23 | Makua | Makua | - | Makua |
| B7 | 17 | Português | Português | Português / Makua | Português |
| B8 | 19 | Português | Português / Inglês / Makua | Português / Inglês / Makua | Português / Inglês / Makua |
| B9 | 18 | Changana | Português | Português / Makua / Changana | Português / Makua |
| B10 | 18 | Português | Português / Makua | Inglês | Português |
| B11 | 18 | Português | Português / Makua / Chuabo | Português / Makua / Chuabo | Português / Makua / Chuabo |
| B12 | 19 | Makua | Português | Makua | Makua |
| B13 | 19 | Português | Português | Português | Português |
| B14 | 18 | Português | Português | Makua | Português |
| B15 | 18 | Português | Português | Makua / Cindau | Português |
| B16 | 19 | Português | Português / Makua | - | Português / Makua |
| B17 | 18 | Português | Português / Makua / Ekoti | Chuabo / Cindau / Inglês | Português / Ekoti / Chuabo |
| B18 | 18 | Makua | Português | Makua | Português |
| B19 | 18 | Português | Português | Português | Português |
| B20 | 20 | Português | Português | Português | Português |
| B21 | 20 | Makua | Português / Makua / Nyanja | Português / Makua / Nyanja | Português / Makua / Nyanja |
| B22 | 19 | Lomwe | Lomwe / Português | Makua | Português |
| B23 | 21 | Makua | Português / Makua | Inglês | Makua |
| B24 | 18 | Português | Português | Makua / Português | Português |
| B25 | 17 | Português | Português | Português | Português |

ANEXOS 1 – IDADE E LÍNGUAS DECLARADAS - NÍVEL MÉDIO

| N.º do Inquirido | Idade | Língua Materna | Línguas que fala | Línguas que percebe | Línguas que fala em casa |
|-------------------------|--------------|-----------------------|-----------------------------|------------------------------|---------------------------------|
| M26 | 22 | Makua | Makua | - | Makua / Português |
| M27 | 20 | Português | Português / Makua | Português / Makua | Português / Makua |
| M28 | 22 | Makua | Português | Inglês / Português | Português / Makua |
| M29 | 22 | Makua | Português / Inglês / Makua | Francês | Makua / Português |
| M30 | 20 | Português | Português / Makua | Português / Makua | Português |
| M31 | 21 | Makua | Português / Makua | Português / Makua | Makua / Português |
| M32 | 18 | Português | Português / Makua / Inglês | Inglês / Português | Makua Português |
| M33 | 18 | Português | Makua / Nyanja / Português | Macua / Nyanja / Nyunguwe | Nyanja / Makua / Português |
| M34 | 18 | Makua | Português / Makua | Inglês | Português / Makua |
| M35 | 20 | Português | Makua / Português / Inglês | Makua / Português / Inglês | Makua / Português |
| M36 | 18 | Português | Português | Português | Português |
| M37 | 20 | Português | Português / Makua | Português / Makua | Português |
| M38 | 16 | Português | Português | Português / Inglês | Português / Makua / Chuabo |
| M39 | 18 | Português | Português | Mwani / Makua | Português |
| M40 | 19 | Português | Português / Makua | Makua | Português / Makua |
| M41 | 18 | Makua | Português | - | Makua |
| M42 | 20 | Português | Português / Changana | Changana / Makua | Changana |
| M43 | 21 | Português | Português / Macua / Inglês | Inglês | Português |
| M44 | 17 | Português | Português | Makua | Português |
| M45 | 22 | Português | Português / Francês / Makua | Português / Francês / Inglês | Português / Francês / Makua |
| M46 | 17 | Português | Português | - | - |
| M47 | 24 | Português | Português / Makua / Lomwe | Inglês | Português / Makua / Lomwe |
| M48 | 18 | Português | Português | Makua | Português / Makua |
| M49 | 19 | Changana | Português / Changana | Changana / Chope | Português |
| M50 | 19 | Português | Português / Makua | Inglês | Português / Makua |

ANEXOS 1 – IDADE E LÍNGUAS DECLARADAS - NÍVEL SUPERIOR

| N.º do Inquirido | Idade | Língua Materna | Línguas que fala | Línguas que percebe | Línguas que fala em casa |
|-------------------------|--------------|-----------------------|------------------------------|----------------------------|---------------------------------|
| S51 | 29 | Português | Makua / Makonde / Mwani | MaKua / Makonde / Mwani | Makua |
| S52 | 24 | Português | Makua / Português | Lomwe | Makua / Português |
| S53 | 46 | Makua | Makua | - | Makua / Português |
| S54 | 22 | Português | Chuabo | Chuabo | Chuabo |
| S55 | 28 | Chuabo | Chuabo | Makua / Sena | Português / Chuabo |
| S56 | 29 | Chuabo | Sena / Chuabo / Nyungue | Makua | Sena |
| S57 | 29 | Lomwe | Lomwe / Português / Inglês | Makua / Sena / Francês | Português / Lomwe |
| S58 | 21 | Português | Português / Nyanja / Nyungue | Inglês / Sena | Nyanja / Nyungue / Português |
| S59 | 34 | Lomwe | Português / Lomwe / Sena | Yao / Inglês | Português / Lomwe / Sena |
| S60 | 22 | Português | Bitonga / Chope / Tsonga | Ronga / Changana | Português / Bitonga |
| S61 | 42 | Sena | Yao / Sena / Tswa | Ronga / Changana / Nyungue | Tswa / Cindau |
| S62 | 26 | Makua | Makua | Makua | Makua |
| S63 | 45 | Nyanja | Yao / Shona / Nyanja | Makua / Nyungue / Sena | Yao / Nyanja |
| S64 | 25 | Português | Português / Inglês | Sena / nyanja / Makua | Português / Sena |
| S65 | 38 | Makua | Makua / Português | - | Makua |
| S66 | 40 | Makua | Makua / Lomwe | Chuabo / Suahili | Português / Makua |
| S67 | 48 | Português | Lomwe / Makua | Chuabo | Lomwe / Makua |
| S68 | 47 | Makua | Makua | - | Português / Makua |
| S69 | 27 | Português | Tswa / Bitonga / Changana | Chope / Ronga | Tswa |
| S70 | 40 | Changana | Sena / Tswa | Nyungue | Sena / Tswa |
| S71 | 28 | Português | Português / Chope | Makua | Português |
| S72 | 36 | Chuabo | Chuabo | Makua | Português |
| S73 | 39 | Bitonga | Bitonga / Chope / Tswa | Ronga / Changana | Chope / Tswa |
| S74 | 21 | Português | Nungue | Nyungue / Nyanja | Português / Nyungue |
| S75 | 28 | Chuabo | Chuabo / Lomwe | Inglês / Francês | Chuabo / Português |

ANEXO 2 - DISTRIBUIÇÃO DOS TEMAS E SUBTEMAS POR NÍVEIS DE ESCOLARIDADE

| TEMAS | DOCUMENTOS | | |
|--|---|--|--|
| | BÁSICO | MÉDIO | SUPERIOR |
| 1. VIDA PESSOAL | | | |
| a) Características e comportamentos | 4, 7, 23, 26, 106 | 150, 155, 164, 225, 230 | 264, 269, 294, 353 |
| b) Experiências e recordações | 18, 34, 42, 47, 61, 67, 77, 81, 85, 89, 117 | 190, 235 | 264, 266, 294, 322 |
| c) Relações com o próximo | 30, 53, 75, 100, 101, 109, 121 | 180, 185, 186, 195, 200, 210, 220, 245 | 250, 255, 261, 274, 279, 289, 299, 309, 314, 324, 329, 334, 339, 344, 358, 368 |
| 2. VIDA PROFISSIONAL | | | |
| a) Estudos | 6, 12, 13, 49, 62, 78, 93, 107, 110, 114, 118 | 136, 151, 160, 191 | 251, 256, 265, 275, 285, 300, 310, 335, 340, 369 |
| b) Problemas financeiros | 27, 31, 35, 45, 54, 66, 82, 90, 97, 102, 122 | 126, 156, 196, 201, 206, 211, 221, 241, 246 | 263, 270, 280, 290, 295, 315, 323, 325, 330, 345, 346, 349, 354, 359 |
| 3. VIDA CULTURAL e LAZER | | | |
| a) Projectos de férias/ férias/ viagens | 36, 56, 60, 65, 79, 91, 94, 111 | 127, 157, 166, 197, 207, 242, 247 | 260, 276, 281, 311, 321, 331, 350, 360, 365, 370 |
| b) Festas | 32, 83, 116 | 167, 172 | - |
| c) Passatempos | 28, 39, 44, 48, 52, 63, 69, 73, 88, 108, 123 | 130, 137, 187, 192, 202, 223 | 257, 271, 291, 296, 301, 316, 326, 335, 336, 341, 355 |
| 4. PROBLEMAS ECONÓMICOS e SOCIAIS | | | |
| a) Alcoolismo | 1, 2, 19, 95, 96 | 188 | 253, 258, 267, 302, 312, 320, 352, 361 |
| b) Desemprego | 3, 5, 21, 43, 50, 55 | 165, 183, 208, 218, 223, 243, 248 | 272, 277, 282, 287, 292, 297, 307, 315, 317, 327, 332, 342, 351, 356, 371 |
| c) Droga | 16, 17, 20, 22, 25 | 178, 228 | 347 |
| d) Prostituição | 9, 10, 11, 14, 15, 41, 72, 76 | 128, 132, 138, 153, 198, 204, 213, 238 | 337 |
| 5. O MEIO AMBIENTE | | | |
| a) O campo/ A cidade | 24, 37, 40, 51, 64, 68, 84, 92, 98, 104, 105, 112, 115, 124 | 129, 148, 154, 159, 169, 174, 184, 189, 199, 203, 209, 214, 224, 234, 239, 249 | 259, 262, 268, 278, 283, 288, 293, 298, 303, 313, 318, 319, 328, 333, 343, 362, 372, 308 |
| b) A cidade: o trânsito | 46, 57, 70 | 134, 194 | 254, 273, 338, 348, 357 |
| c) O bairro | 8, 29, 33, 74 | - | - |

Anexos 3 – Teste de comportamento linguístico provocado

Teste de comportamento linguístico provocado

A tarefa que lhe pedimos que realize consta de duas partes:

- 1) Um inquérito sobre a sua identificação e sobre o seu meio linguístico;
- 2) Um conjunto de perguntas sobre os pronomes.

Obs.: Não deixe de responder a nenhuma das questões colocadas. Mesmo nos casos em que tiver dúvidas, não pare para pensar. Siga as suas primeiras intuições e não releia, nem corrija o teste no final. Tem 20 minutos para fazer o teste.

Anexos 3 – Teste de comportamento linguístico provocado

PARTE I – INQUÉRITO

1. Identificação

Data ___/___/___

1.1. Idade: _____

1.2. Nível de escolaridade: Básico Médio Superior

1.3. Sexo: Mas. Fem.

1.4. Naturalidade: Distrito: _____ Província: _____

2. Meio Linguístico

2.1. Línguas moçambicanas que fala e / ou percebe:

Línguas que fala

Línguas que percebe

Línguas que fala em casa

2.2. Em que situações usa normalmente as línguas:

Onde?

Com quem?

Língua Portuguesa _____

Língua (s) moçambicana (s) _____

2.3. Onde, quando e com quem aprendeu a Língua Portuguesa:

Onde? _____

Quando? _____

Com quem?

2.4. Foi difícil começar a falar Português? Sim Não

Porquê?

Anexos 3 – Teste de comportamento linguístico provocado

PARTE II - TESTE

A

1. Substitua a expressão sublinhada pelo pronome clítico adequado e escreva-o no espaço em branco.

| |
|---|
| o, a, os, as, me, te, lhe, nos, vos, lhes, se |
|---|

Ex. A minha mãe tem muito trabalho.
Eu ajudo-a nos trabalhos de casa.

- a) A Joana chegou ontem.
O meu irmão viu- _____ no bazar.
- b) Aquelas miúdas não estudam.
Esse é o motivo que _____ leva a andar aí na rua.
- c) O pai da vítima foi à polícia.
A polícia chamou-_____ para prestar declarações.
- d) Há professores que não se preocupam com os alunos.
Se os alunos não pagam, o professor chumba- _____.
- e) A Rosa teve um bebé.
Ficou grávida de um indivíduo que _____ abandonou.
- f) A Ana deu o livro ao Zito.
A Ana deu- _____ o livro.
- g) A Florinda telefonou ao Pedro e ao João.
A florinda telefonou- _____.
- h) Receber conselhos é bom.
Faz o que _____ digo e serás feliz.

Anexos 3 – Teste de comportamento linguístico provocado

2. Escolha a alternativa correcta. Assinale-a com um X, conforme o exemplo:

Ex. Chegou a nova professora.

Ainda não **lhe** vi. ()

Ainda não **a** vi. (X)

Ainda não vi **a ela**. ()

Ainda não vi **ela**. ()

a) Ele não está a cumprir com as suas tarefas.

Vou aconselhá-**lo** a mudar de atitude. ()

Vou aconselhar-**lhe** a mudar de atitude. ()

Vou aconselhar **a ele** a mudar de atitude. ()

Vou aconselhar **ele** a mudar de atitude. ()

b) Muitos bandidos andam pelas ruas.

A polícia deixa-**lhes** demasiado à vontade nas prisões. ()

A polícia deixa-**os** demasiado à vontade nas prisões. ()

A polícia deixa **a eles** demasiado à vontade nas prisões. ()

A polícia deixa **eles** demasiado à vontade nas prisões. ()

c) Aos Domingos, a minha mãe cozinha melhor.

Ela pede-me sempre para **lhe** ajudar a escolher o arroz. ()

Ela pede-me sempre para **a** ajudar a escolher o arroz. ()

Ela pede-me sempre para ajudar **a ela** a escolher o arroz. ()

Ela pede-me sempre para ajudar **ela** a escolher o arroz. ()

B

1. Rescreva a frase escolhendo a forma correcta do pronome.

a) O José entregou (**lhe** / **a ele** / **para ele**) as chaves do carro.

b) Ele disse (**a eles** / **para eles** / **lhes**) que concordava com a proposta.

c) A minha mãe vai dar (**me** / **a mim**) dinheiro para comprar pão.

d) O meu marido diz (**me** / **a mim**) que devo exercer a minha profissão.

e) Perguntei (**a ela** / **para ela** / **lhe**) por que é que não continua a estudar.

Anexos 3 – Teste de comportamento linguístico provocado

2. Escolha a alternativa correcta entre as duas propostas.

- a) **Venha visitar-me!** ()
Me venha visitar! ()
- b) **Deita-te** imediatamente! ()
Te deita imediatamente! ()
- c) **Dá-me** esse livro, por favor! ()
Me dá esse livro, por favor! ()
- d) **Lava-me** essas mãos! ()
Me lava essas mãos! ()
- e) **Liga-me** amanhã! ()
Me liga amanhã! ()

3. Preencha os espaços em branco, colocando correctamente na frase as palavras entre parênteses.

Os meios de transporte são um grande problema na nossa cidade. Quando uma pessoa tem que _____ (**se / deslocar**) para qualquer lado é uma preocupação. Eu acho que _____ (**dever / se / criar**) condições para os trabalhadores e estudantes terem transporte seguro. Quando _____ (**anular / se**) a décima classe passei a estudar à noite.

C

Coloque o pronome entre parênteses na posição adequada

1. Ele ___deve___ ___defender___. (se)
2. Eles ___devem___ ___preparar___ para o exame. (se)
3. Eu ___vou___ ___despedir___ dela. (me)
4. Ela ___podia___ ___organizar___ melhor. (se)
5. Estão ___a___ ___verificar___ muitos desastres. (se)
6. Estava ___a___ ___contar___ novidades. (lhe)
7. O meu pai ___vai___ ___proibir___ de sair de casa. (nos)
8. ___pode___ ___ver___ muitas pessoas conhecidas na rua. (se)
9. Eu ___quero___ ___oferecer___ um livro. (te)

Anexos 3 – Teste de comportamento linguístico provocado

10. E ___ foi ___ assim ___ constatando ___ motivos vários. (se)
11. E ai ___ preferem ___ muitas vezes ___ prostituir _____. (se)
12. Em suma ___ pode ___ portanto ___ concluir ___ que o ensino é útil. (se)
13. Eles ___ têm ___ ___ dado ___ razão. (lhe)
14. O livro ___ foi ___ ___ entregue ___ ontem. (lhe)
15. O meu pai ___ começou a ___ ensinar ___ português. (me)
16. O professor ___ ia ___ ___ fazer ___ uma pergunta fácil. (lhe)
17. Eu ___ irei ___ ___ responsabilizar___ pelos meus erros. (me)
18. Se ___ tivessem___ ___ ensinado ___ não perdíamos tanto tempo. (nos)
19. Vou ___ ___ começar a ___ proibir ___ de sair durante a semana. (te)
20. Os meninos ___ poderão ___ ___ perseguir _____. (me)

Fim!

Anexo 4 – Fotocópia do documento T86 2a RE B16

(Para consultar este anexo veja o volume da tese na sua versão impressa)

Anexo 5 – Transcrição do documento T86 2a RE B16

ESTUDOS

Comecei com os meus estudos no ano de 1991 ano em que engressei a primeira classe. no ano de 1992 fiz a segunda classe, <(…)> dai

5 estudei mais 4 anos de onde fiz a 3^a, 4^a, 5^a e 6^a classe onde mais tarde vim a repetir a 6^a classe isso foi no ano de 1997.

O ano de 1998 fiz a 7^a classe, classe esta que marcou o fim dos estudos do ensino

10 primário. Já no ano de 1999 fiquei sem estudar por < moti > motivos de doença, graças a deus melhorei, no ano seguinte continuei com os meus estudos onde ingressei na < escol > nesta escola no ano de 2000 no curso de

15 electricidade onde até este ano frequento o 3^o ano do meu curso.

Tenho sonhos de concluir o basico e fazer o nivel medio, onde de seguida com o sonho tenho é de concluir o <(…)> nivel

20 superior.

De salientar que tenho alcançado momentos deficeis na minha carreira estudantil muito mais neste meu país de Moçambique onde os indices de < suborno tem > corrupção

25 é muito frequente, acontece que existem alguns professores que dão em certas casos as suas aulas em forma de < plu > publicidade acto este que tem como fim a obtenção de alguns valores munitários para os seus deveres

30 deixando assim prejudicando os proprios alunos.

Anexo 7 – Excerto da base de dados

(Para consultar este anexo veja o volume da tese na sua versão impressa)

Anexos 8 – TCLP: Resultados da tarefa de selecção - NÍVEL BÁSICO

| Grupo e n.º da pergunta | | ACUSATIVO | | | | | DATIVO | | |
|-------------------------|-------|-----------|-------|-------|-------|-------|--------|-------|-------|
| | | A-1 a) | A-1b) | A-1c) | A-1d) | A-1e) | A-1f) | A-1g) | A-1h) |
| Realização correcta | | a | as | o | os | a | lhe | lhes | te |
| N.º inquirido | Idade | | | | | | | | |
| B1 | 18 | lhe | as | lhe | os | lhe | lhe | lhes | te |
| B2 | 20 | o | os | lhe | os | o | lhe | lhe | te |
| B3 | 18 | a | lhes | a | os | lhe | lhe | lhes | te |
| B4 | 17 | a | as | o | os | lhe | lhe | lhes | te |
| B5 | 18 | a | lhes | o | os | lhe | lhe | lhes | lhe |
| B6 | 23 | o | os | o | lhes | o | me | nos | lhe |
| B7 | 17 | a | lhes | o | os | a | te | vos | te |
| B8 | 19 | a | lhe | o | os | o | lhe | me | eu |
| B9 | 18 | a | lhes | a | os | lhe | lhe | os | te |
| B10 | 18 | a | lhes | o | os | a | lhe | lhes | te |
| B11 | 18 | me | lhe | o | os | lhe | lhe | lhes | te |
| B12 | 19 | me | lhe | me | nos | te | me | nos | te |
| B13 | 19 | a | lhes | lhe | os | a | lhe | vos | te |
| B14 | 18 | a | lhes | o | os | lhe | me | nos | te |
| B15 | 18 | a | a | o | lhes | a | lhe | lhes | te |
| B16 | 19 | a | as | o | os | lhe | me | nos | te |
| B17 | 18 | lhe | as | lhe | os | a | me | lhes | te |
| B18 | 18 | a | lhes | a | os | o | te | vos | lhe |
| B19 | 18 | a | te | lhes | os | o | lhe | vos | te |
| B20 | 20 | a | lhes | lhe | os | a | lhe | os | te |
| B21 | 20 | a | lhes | lhe | lhes | o | me | lhes | os |
| B22 | 19 | lhe | os | o | nos | a | lhe | lhes | te |
| B23 | 21 | a | lhes | o | lhes | se | lhe | nos | lhe |
| B24 | 18 | me | lhes | o | os | lhe | lhe | lhes | lhe |
| B25 | 17 | a | lhe | o | nos | lhe | lhe | lhe | te |

Anexos 8 - TCLP: Resultados da tarefa de selecção - NÍVEL MÉDIO

| Grupo e n.º da pergunta | | ACUSATIVO | | | | | DATIVO | | |
|-------------------------|-------|-----------|-------|-------|-------|-------|--------|-------|-------|
| | | A-1 a) | A-1b) | A-1c) | A-1d) | A-1e) | A-1f) | A-1g) | A-1h) |
| Realização correcta | | a | as | o | os | a | lhe | lhes | te |
| N.º inquirido | Idade | | | | | | | | |
| M26 | 22 | a | as | o | os | a | lhe | lhes | te |
| M27 | 20 | a | as | o | lhes | lhe | lhe | lhes | te |
| M28 | 22 | a | as | o | os | lhe | lhe | lhe | lhe |
| M29 | 22 | a | lhes | o | lhes | a | o | lhes | te |
| M30 | 20 | a | o | o | os | a | me | me | te |
| M31 | 21 | lhe | lhes | o | os | lhe | lhe | vos | te |
| M32 | 18 | a | lhes | o | os | lhe | o | lhes | te |
| M33 | 18 | a | lhes | o | nos | a | no | nos | te |
| M34 | 18 | a | as | lhe | lhes | a | me | lhes | te |
| M35 | 20 | lhe | lhes | o | lhes | lhe | o | lhes | te |
| M36 | 18 | a | as | o | nos | lhe | lhe | lhes | te |
| M37 | 20 | a | as | o | os | o | lhe | lhes | te |
| M38 | 16 | a | as | o | lhes | lhe | lhe | lhes | te |
| M39 | 18 | a | lhes | o | os | o | lhe | nos | te |
| M40 | 19 | a | as | o | os | lhe | lhe | lhes | te |
| M41 | 18 | me | os | o | lhes | o | a | vos | lhe |
| M42 | 20 | a | as | o | lhes | lhe | te | nos | vos |
| M43 | 21 | lhe | as | lhe | os | o | lhe | lhes | lhe |
| M44 | 17 | a | lhes | lhe | os | lhe | lhe | lhes | te |
| M45 | 22 | a | lhes | o | os | lhe | me | lhes | te |
| M46 | 17 | a | lhes | os | os | lhe | me | os | te |
| M47 | 24 | a | lhes | o | os | lhe | me | nos | te |
| M48 | 18 | lhe | as | o | o | a | te | vos | o |
| M49 | 19 | o | lhes | o | os | lhe | lhe | vos | te |
| M50 | 19 | a | as | o | os | lhe | lhe | lhe | te |

Anexos 8 - TCLP: Resultados da tarefa de selecção - NÍVEL SUPERIOR

| Grupo e n.º da pergunta | | ACUSATIVO | | | | | DATIVO | | |
|-------------------------|-------|-----------|-------|-------|-------|-------|--------|-------|-------|
| | | A-1 a) | A-1b) | A-1c) | A-1d) | A-1e) | A-1f) | A-1g) | A-1h) |
| Realização correcta | | a | as | o | os | a | lhe | lhes | te |
| N.º inquirido | Idade | | | | | | | | |
| S51 | 29 | a | as | o | nos | a | lhe | lhes | te |
| S52 | 24 | o | as | lhe | os | a | lhe | lhe | te |
| S53 | 46 | a | as | o | os | a | lhe | lhes | te |
| S54 | 22 | a | as | o | os | a | lhe | lhes | te |
| S55 | 28 | a | as | o | nos | a | lhe | lhes | te |
| S56 | 29 | a | as | o | os | a | lhe | lhes | lhe |
| S57 | 29 | a | as | a | os | a | no | nos | lhe |
| S58 | 21 | a | lhes | lhe | nos | a | lhe | lhes | te |
| S59 | 34 | a | os | o | os | a | lhe | lhes | te |
| S60 | 22 | a | as | a | os | lhe | lhe | lhes | lhe |
| S61 | 42 | a | lhe | o | os | lhe | lhe | lhes | lhe |
| S62 | 26 | a | as | o | os | lhe | lhe | lhes | te |
| S63 | 45 | a | as | lhe | lhes | lhe | lhe | lhes | te |
| S64 | 25 | a | lhes | o | os | lhe | lhe | lhes | te |
| S65 | 38 | o | as | o | nos | lhe | lhe | lhes | te |
| S66 | 40 | a | as | o | os | lhe | o | os | lhe |
| S67 | 48 | a | as | lhe | lhes | a | lhe | lhes | lhe |
| S68 | 47 | a | as | o | os | a | lhe | lhes | te |
| S69 | 27 | a | as | no | os | - | lhe | lhes | te |
| S70 | 40 | a | lhes | lhe | lhes | lhe | lhe | lhes | te |
| S71 | 28 | a | as | o | os | a | lhe | lhes | te |
| S72 | 36 | a | as | o | os | a | lhe | lhes | te |
| S73 | 39 | a | lhes | o | os | a | lhe | lhes | lhe |
| S74 | 21 | a | as | o | os | lhe | lhe | os | - |
| S75 | 28 | a | lhe | o | os | lhe | lhe | lhes | lhe |

Anexos 9 – TCLP: Resultados da tarefa de Juízos de gramaticalidade - NÍVEL BÁSICO

| | | SELECCÃO | | | | | | | | COLOCAÇÃO | | | | |
|----------------------|-------|-----------|--------|--------|-----------|-----------|-------|-------|----------|-----------|---------|---------|---------|---------|
| | | ACUSATIVO | | | DATIVO | | | | | ÊNCLISE | | | | |
| Grupo e n.º pergunta | | A-2a) | A-2b) | A-2c) | A-1a) | B-1b) | B-1c) | B-1d) | B-1e) | B-2 a) | B-2b) | B-2c) | B-2d) | B-2e) |
| Realização correcta | | (l)o | os | a | lhe | lhes | me | me | lhe | ênclise | ênclise | ênclise | ênclise | ênclise |
| N.º inquirido | Idade | | | | | | | | | | | | | |
| B1 | 18 | lo | os | a | lhe | a eles | a mim | a mim | a ela | enc | pro | enc | enc | enc |
| B2 | 20 | a ele | os | a ela | lhe | - | a mim | a mim | para ela | enc | enc | pro | enc | pro |
| B3 | 18 | a ele | lhes | ela | a ele | para eles | me | me | a ela | enc | enc | pro | pro | enc |
| B4 | 17 | lo | os | a | a ele | lhes | me | me | a ela | enc | enc | pro | pro | enc |
| B5 | 18 | lo | os | a ela | lhe | a eles | me | a mim | a ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| B6 | 23 | lhe | os | lhe | lhe | para eles | me | me | lhe | enc | pro | enc | pro | enc |
| B7 | 17 | lo | os | a | lhe | lhes | me | me | a ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| B8 | 19 | 2 resp | 3 resp | 3 resp | lhe | lhes | a mim | a mim | a ela | enc | enc | pro | pro | enc |
| B9 | 18 | lo | os | a | lhe | a eles | a mim | a mim | a ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| B10 | 18 | a ele | a eles | a | a ele | lhes | me | me | a ela | enc | enc | pro | pro | pro |
| B11 | 18 | lo | eles | lhe | lhe | lhes | a mim | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| B12 | 19 | lo | a eles | a ela | a ele | a eles | me | me | a ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| B13 | 19 | lo | os | a | para ele | lhes | me | - | lhe | enc | enc | enc | enc | pro |
| B14 | 18 | a ele | os | a | lhe | a eles | me | me | a ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| B15 | 18 | ele | os | a | lhe | para eles | a mim | me | a ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| B16 | 19 | a ele | os | lhe | a ele | lhes | a mim | me | a ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| B17 | 18 | lo | lhes | lhe | lhe | - | me | me | a ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| B18 | 18 | a ele | os | lhe | lhe | para eles | me | a mim | a ela | enc | enc | enc | enc | pro |
| B19 | 18 | lo | os | a | para eles | a eles | me | me | - | enc | enc | enc | enc | enc |
| B20 | 20 | lo | os | lhe | A ele | a eles | a mim | a mim | a ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| B21 | 20 | lo | lhes | a ela | lhe | lhe | a mim | me | a ela | enc | enc | enc | enc | pro |
| B22 | 19 | lo | os | lhe | lhe | lhes | a mim | a mim | a ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| B23 | 21 | ele | a eles | a | A eles | lhes | me | me | a ela | enc | pro | enc | pro | pro |
| B24 | 18 | lo | os | lhe | para ele | lhes | a mim | a mim | a ela | enc | enc | pro | pro | pro |
| B25 | 17 | lo | lhes | a | lhe | lhe | a mim | me | a ela | pro | enc | enc | enc | enc |

Anexos 9 – TCLP: Resultados da tarefa de Juízos de gramaticalidade - NÍVEL MÉDIO

| | | SELECCÃO | | | | | | | | COLOCAÇÃO | | | | |
|----------------------|-------|-----------|--------|--------|--------|-----------|-------|-------|-------|-----------|---------|---------|---------|---------|
| | | ACUSATIVO | | | DATIVO | | | | | ÊNCLISE | | | | |
| Grupo e n.º pergunta | | A-2a) | A-2b) | A-2c) | A-1a) | B-1b) | B-1c) | B-1d) | B-1e) | B-2 a) | B-2b) | B-2c) | B-2d) | B-2e) |
| Realização correcta | | (l)o | os | a | lhe | lhes | me | me | lhe | ênclise | ênclise | ênclise | ênclise | ênclise |
| N.º inquirido | Idade | | | | | | | | | | | | | |
| M26 | 22 | lo | os | a | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| M27 | 20 | a ele | os | a ela | a ele | lhes | a mim | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| M28 | 22 | a ele | lhes | ela | lhe | lhes | me | a mim | lhe | pro | enc | pro | pro | enc |
| M29 | 22 | lo | os | a | a ele | para eles | a mim | me | lhe | pro | pro | pro | pro | pro |
| M30 | 20 | lo | os | a ela | lhe | a eles | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| M31 | 21 | lhe | os | lhe | lhe | - | me | a mim | lhe | enc | enc | enc | enc | pro |
| M32 | 18 | lo | os | a | a ele | lhes | me | me | a ela | pro | enc | pro | pro | pro |
| M33 | 18 | 2 resp | 3 resp | 3 resp | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | pro |
| M34 | 18 | lo | os | a | a ele | lhes | me | me | a ela | enc | enc | enc | pro | pro |
| M35 | 20 | a ele | a eles | a | lhe | lhes | a mim | me | a ela | enc | pro | enc | pro | pro |
| M36 | 18 | lo | eles | lhe | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| M37 | 20 | lo | a eles | a ela | a ele | para eles | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| M38 | 16 | lo | os | a | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| M39 | 18 | a ele | os | a | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| M40 | 19 | ele | os | a | lhe | lhes | a mim | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| M41 | 18 | a ele | os | lhe | a ele | a eles | a mim | a mim | a ela | pro | pro | pro | pro | pro |
| M42 | 20 | lo | lhes | lhe | lhe | lhes | me | me | a ela | enc | enc | enc | enc | pro |
| M43 | 21 | a ele | os | lhe | lhe | lhes | a mim | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| M44 | 17 | lo | os | a | lhe | lhes | me | a mim | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| M45 | 22 | lo | os | lhe | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| M46 | 17 | lo | lhes | a ela | lhe | para eles | a mim | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| M47 | 24 | lo | os | lhe | lhe | lhes | a mim | me | lhe | enc | enc | pro | pro | pro |
| M48 | 18 | ele | a eles | a | lhe | a eles | me | me | a ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| M49 | 19 | lo | os | lhe | lhe | a eles | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| M50 | 19 | lo | lhes | a | lhe | lhes | a mim | a mim | a ela | enc | enc | enc | enc | enc |

Anexos 9 – TCLP: Resultados da tarefa de Juízos de gramaticalidade - NÍVEL SUPERIOR

| | | SELECÇÃO | | | | | | | | COLOCAÇÃO | | | | |
|----------------------|-------|-----------|-------|-------|--------|-----------|-------|-------|-------|-----------|---------|---------|---------|---------|
| | | ACUSATIVO | | | DATIVO | | | | | ÊNCLISE | | | | |
| Grupo e n.º pergunta | | A-2a) | A-2b) | A-2c) | A-1a) | B-1b) | B-1c) | B-1d) | B-1e) | B-2 a) | B-2b) | B-2c) | B-2d) | B-2e) |
| Realização correcta | | (l)o | os | a | lhe | lhes | me | me | lhe | ênclise | ênclise | ênclise | ênclise | ênclise |
| N.º inquirido | Idade | | | | | | | | | | | | | |
| S51 | 29 | lo | os | a | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S52 | 24 | lo | os | a | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S53 | 46 | lo | os | a | lhe | lhes | me | a mim | a ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| S54 | 22 | lo | os | lhe | lhe | lhes | a mim | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S55 | 28 | lo | os | lhe | lhe | lhes | me | me | ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| S56 | 29 | lo | os | a | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S57 | 29 | lo | os | a | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S58 | 21 | lo | os | a | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S59 | 34 | lo | os | a | lhe | lhes | me | a mim | a ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| S60 | 22 | lo | os | lhe | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S61 | 43 | lhe | os | lhe | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S62 | 26 | lo | os | lhe | lhe | para eles | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S63 | 45 | lo | os | a | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S64 | 25 | lo | lhes | a ela | lhe | lhes | me | me | ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| S65 | 38 | lo | os | lhe | lhe | para eles | a mim | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S66 | 40 | lo | os | lhe | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S67 | 48 | lo | os | lhe | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S68 | 47 | lo | os | lhe | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S68 | 27 | lo | os | a | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S70 | 40 | lo | os | a | lhe | lhes | me | me | a ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| S71 | 28 | lo | os | a | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S72 | 36 | lo | os | lhe | a ele | a eles | a mim | a mim | a ela | enc | enc | enc | enc | enc |
| S73 | 39 | lo | os | lhe | lhe | lhes | me | a mim | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S74 | 21 | lo | os | lhe | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |
| S75 | 28 | lo | os | a | lhe | lhes | me | me | lhe | enc | enc | enc | enc | enc |

Anexos 10 – TCLP: Resultados da tarefa de colocação - NÍVEL BÁSICO

| PRÓCLISE | | | | | |
|--------------------------------|--------------|------------|------------|---------------|------------|
| Grupo e n.º da pergunta | | B-3 | B-3 | B-3 | B-3 |
| Proclisadores | | que | que | quando | se |
| N.º do inquirido | Idade | | | | |
| B1 | 18 | pro | enc-aux | pro | enc-part |
| B2 | 20 | pro | enc-aux | pro | X5 |
| B3 | 18 | enc | enc-aux | pro | pro-part |
| B4 | 17 | pro | X5 | enc | X5 |
| B5 | 18 | pro | enc-aux | pro | pro-part |
| B6 | 23 | enc | pro-aux | X7 | enc-part |
| B7 | 17 | pro | X5 | pro | enc-part |
| B8 | 19 | enc | enc-aux | enc | pro-part |
| B9 | 18 | enc | enc-aux | enc | X5 |
| B10 | 18 | pro | pro-aux | enc | pro-part |
| B11 | 18 | enc | enc-aux | pro | X5 |
| B12 | 19 | X7 | X7 | X7 | X5 |
| B13 | 19 | enc | enc-aux | enc | pro-part |
| B14 | 18 | enc | X5 | pro | enc-aux |
| B15 | 18 | enc | enc-inf | enc | pro-aux |
| B16 | 19 | pro | X5 | pro | pro-part |
| B17 | 18 | enc | X5 | enc | pro-aux |
| B18 | 18 | pro | enc-aux | pro | pro-aux |
| B19 | 18 | enc | X5 | enc | pro-aux |
| B20 | 20 | pro | enc-aux | pro | pro-aux |
| B21 | 20 | pro | enc-aux | enc | pro-part |
| B22 | 19 | enc | X5 | enc | pro-part |
| B23 | 21 | enc | enc-aux | pro | enc-aux |
| B24 | 18 | enc | enc-aux | enc | pro-part |
| B25 | 17 | pro | enc-aux | enc | pro-aux |

Anexos 10 – TCLP: Resultados da tarefa de colocação - NÍVEL MÉDIO

| PRÓCLISE | | | | | |
|--------------------------------|--------------|------------|------------|---------------|------------|
| Grupo e n.º da pergunta | | B-3 | B-3 | B-3 | B-3 |
| Proclisadores | | que | que | quando | se |
| N.º do inquirido | Idade | | | | |
| M26 | 22 | enc | X5 | enc | X5 |
| M27 | 20 | enc | enc-aux | X7 | pro-part |
| M28 | 22 | enc | X5 | pro | pro-part |
| M29 | 22 | enc | enc-inf | pro | pro-part |
| M30 | 20 | enc | enc-aux | enc | pro-part |
| M31 | 21 | enc | enc-inf | pro | enc-aux |
| M32 | 18 | pro | pro-aux | enc | pro-aux |
| M33 | 18 | pro | X5 | pro | X5 |
| M34 | 18 | enc | X5 | pro | enc-aux |
| M35 | 20 | pro | X5 | enc | enc-aux |
| M36 | 18 | enc | pro-aux | enc | pro-part |
| M37 | 20 | enc | X7 | enc | X5 |
| M38 | 16 | enc | enc-inf | enc | pro-part |
| M39 | 18 | pro | pro-aux | pro | enc-aux |
| M40 | 19 | enc | enc-aux | pro | enc-aux |
| M41 | 18 | X7 | X7 | X7 | enc-aux |
| M42 | 20 | X7 | X5 | pro | enc-aux |
| M43 | 21 | pro | pro-aux | X7 | pro-aux |
| M44 | 17 | pro | enc-aux | pro | enc-aux |
| M45 | 22 | pro | enc-aux | pro | pro-part |
| M46 | 17 | pro | enc-aux | enc | pro-aux |
| M47 | 24 | enc | enc-inf | enc | pro-part |
| M48 | 18 | enc | enc-inf | enc | enc-aux |
| M49 | 19 | pro | pro-aux | pro | pro-aux |
| M50 | 19 | pro | X5 | pro | pro-aux |

Anexos 10 – TCLP: Resultados da tarefa de colocação - NÍVEL SUPERIOR

| PRÓCLISE | | | | | |
|-------------------------|-------|--------------|---------|--------|----------|
| Grupo e n.º da pergunta | | B-3 | B-3 | B-3 | B-3 |
| Proclisadores | | que | que | quando | se |
| N.º do inquirido | Idade | | | | |
| S51 | 29 | pro | pro-aux | pro | pro-aux |
| S52 | 24 | pro | pro-aux | pro | pro-aux |
| S53 | 46 | pro | pro-aux | pro | pro-aux |
| S54 | 22 | enc | X5 | pro | pro-aux |
| S55 | 28 | Cl sem verbo | pro-aux | enc | pro-aux |
| S56 | 29 | pro | pro-aux | pro | pro-aux |
| S57 | 29 | pro | enc-aux | X7 | enc-aux |
| S58 | 21 | pro | enc-inf | X7 | pro-part |
| S59 | 34 | pro | pro-aux | enc | pro-aux |
| S60 | 22 | pro | pro-aux | X7 | pro-aux |
| S61 | 42 | pro | pro-aux | pro | pro-aux |
| S62 | 26 | pro | pro-aux | pro | pro-aux |
| S63 | 45 | pro | enc-aux | pro | pro-aux |
| S64 | 25 | pro | enc-aux | enc | pro-part |
| S65 | 38 | pro | enc-aux | pro | enc-aux |
| S66 | 40 | pro | X5 | X7 | pro-part |
| S67 | 48 | pro | pro-aux | X7 | pro-aux |
| S68 | 47 | pro | enc-aux | pro | pro-aux |
| S69 | 27 | pro | enc-aux | pro | pro-part |
| S70 | 40 | pro | X5 | pro | enc-aux |
| S71 | 28 | pro | enc-inf | pro | pro-aux |
| S72 | 36 | pro | pro-aux | pro | pro-aux |
| S73 | 39 | pro | pro-aux | pro | pro-part |
| S74 | 21 | pro | pro-aux | enc | pro-part |
| S75 | 28 | pro | enc-aux | pro | pro-aux |

Anexos 10 – TCLP: Resultados da tarefa de colocação - NÍVEL BÁSICO

| ÊNCLISE | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---------|------|--|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-----------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|---------------------|-------|-------|--------|--------|
| Padrão | | ao infinitivo ou ao auxiliar (e-inf)/(e-aux) | | | | | | | Ao infinitivo (e-inf) | | | | | | | ao auxiliar (e-aux) | | | | |
| Grup/pe | rg | C-1 | C-2 | C-3 | C-4 | C-5 | C-7 | C-8 | C-9 | C-6 | C-11 | C-12 | C-15 | C-16 | C-17 | C-19 | C-20 | C-10 | C-13 | C-14 |
| N.º Inq | Idad | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| B1 | 18 | e-inf | p-inf | e-aux | p-inf | p-inf | e-inf | e-aux | X5 | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | p-inf | e-inf | e-ger | p-part | p-part |
| B2 | 20 | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-inf | e-aux | e-inf | e-aux | e-aux | p-inf | e-aux | p-ger | e-aux | e-aux |
| B3 | 18 | p-inf | e-inf | e-aux | p-inf | p-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | p-aux | p-aux | e-inf | e-aux | p-inf | e-inf | e-inf | e-ger | p-aux | e-aux |
| B4 | 17 | e-aux | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | p-aux | e-aux | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | p-aux | e-aux | X5 | X5 |
| B5 | 18 | e-inf | 2resp | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-ger | e-aux | e-aux |
| B6 | 23 | p-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | e-aux | X5 | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-ger | X5 | e-aux |
| B7 | 17 | e-aux | e-inf | e-aux | p-inf | p-inf | p-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-aux | p-inf | e-inf | e-ger | p-part | p-aux |
| B8 | 19 | 2resp | 2resp | e-aux | 2resp | e-aux | e-inf | e-aux | p-aux | p-inf | 2resp | p-aux | e-inf | e-aux | p-inf | e-aux | p-inf | e-aux | e-aux | p-aux |
| B9 | 18 | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | p-aux | p-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-ger | X5 | X5 |
| B10 | 18 | e-inf | e-inf | p-inf | p-inf | e-inf | p-inf | e-aux | p-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | p-inf | p-aux | p-inf | p-ger | e-aux | e-aux |
| B11 | 18 | e-aux | e-aux | p-aux | e-aux | e-aux | p-aux | e-inf | e-inf | p-inf | p-inf | p-aux | e-inf | p-aux | e-inf | p-inf | e-aux | e-ger | p-aux | e-aux |
| B12 | 19 | p-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | X5 | e-inf | X5 | e-aux | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | X5 | e-aux | X5 | X5 |
| B13 | 19 | p-aux | e-aux | e-aux | p-aux | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-ger | e-aux | e-aux |
| B14 | 18 | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | p-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | p-part | e-aux |
| B15 | 18 | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | 2resp | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-ger | p-aux | e-aux |
| B16 | 19 | e-inf | e-inf | e-aux | p-inf | e-inf | e-aux | p-inf | e-aux | p-inf | - | e-inf | p-inf | e-inf | p-inf | e-aux | p-inf | p-ger | p-part | e-aux |
| B17 | 18 | e-aux | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | p-aux | e-inf | e-inf | p-aux | e-inf | e-aux | e-inf | p-ger | p-part | p-aux |
| B18 | 18 | e-aux | p-aux | e-aux | e-inf | p-inf | e-aux | p-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-aux | e-aux | p-aux |
| B19 | 18 | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | p-inf | e-inf | p-aux | e-aux | e-aux | p-inf | e-aux | p-inf | e-aux | e-aux | e-aux | X5 | e-ger | e-aux | X5 |
| B20 | 20 | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-aux | p-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-aux | e-inf | p-inf | e-inf | e-ger | p-aux | p-aux |
| B21 | 20 | e-aux | e-aux | p-inf | e-inf | p-inf | p-inf | e-aux | e-inf | p-inf | e-inf | e-aux | e-inf | p-inf | p-inf | e-aux | e-inf | e-ger | p-part | p-aux |
| B22 | 19 | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | p-inf | e-inf | e-inf | e-aux | p-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-aux | p-aux |
| B23 | 21 | p-inf | e-aux | e-aux | p-inf | e-inf | e-aux | p-inf | p-inf | p-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | e-inf | p-inf | p-inf | e-ger | P-part | p-part |
| B24 | 18 | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | p-ger | p-part | p-aux |
| B25 | 17 | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | p-aux | e-aux | p-aux | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-aux | e-ger | p-aux | p-aux |

Anexos 10 – TCLP: Resultados da tarefa de colocação - NÍVEL MÉDIO

| ÊNCLISE | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---------|------|--|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-----------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|---------------------|-------|-------|--------|--------|
| Padrão | | ao infinitivo ou ao auxiliar (e-inf)/(e-aux) | | | | | | | Ao infinitivo (e-inf) | | | | | | | ao auxiliar (e-aux) | | | | |
| Grup/pe | rg | C-1 | C-2 | C-3 | C-4 | C-5 | C-7 | C-8 | C-9 | C-6 | C-11 | C-12 | C-15 | C-16 | C-17 | C-19 | C-20 | C-10 | C-13 | C-14 |
| N.º Inq | Idad | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| M26 | 22 | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-inf | e-aux | e-aux | p-inf | e-inf | X5 | e-aux | X5 | e-ger | X5 | X5 |
| M27 | 20 | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-ger | e-aux | p-part |
| M28 | 22 | e-aux | p-inf | e-aux | e-inf | p-inf | e-aux | e-aux | e-inf | p-inf | p-inf | e-aux | p-inf | e-aux | p-aux | p-inf | p-inf | e-ger | e-part | p-part |
| M29 | 22 | X5 | X5 | X5 | X5 | e-aux | X5 | X5 | e-inf | e-inf | - | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-aux | X5 | p-aux |
| M30 | 20 | e-inf | e-inf | e-aux | X5 | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | p-ger | e-aux | e-aux |
| M31 | 21 | e-aux | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux |
| M32 | 18 | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-aux | e-inf | e-aux | e-inf | p-inf | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux |
| M33 | 18 | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | p-inf | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | p-inf | e-aux | e-inf | e-aux | p-aux | e-aux | e-inf | e-aux | e-aux | e-aux |
| M34 | 18 | e-aux | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-aux | p-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-ger | e-aux | p-aux |
| M35 | 20 | p-inf | p-inf | e-inf | p-inf | p-inf | p-inf | e-aux | p-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | p-inf | p-inf | e-aux | p-ger | e-aux | e-aux |
| M36 | 18 | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | X5 | X5 | e-aux | e-inf | e-aux | X5 | X5 |
| M37 | 20 | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | X5 | e-aux | e-aux | e-ger | X5 | e-aux |
| M38 | 16 | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-ger | e-aux | e-aux |
| M39 | 18 | e-aux | e-aux | e-aux | e-inf | p-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-aux | e-aux | e-aux |
| M40 | 19 | e-aux | p-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | X5 | e-inf | e-inf | p-inf | e-aux | e-inf | p-inf | p-inf | e-inf | e-inf | p-ger | p-part | p-part |
| M41 | 18 | p-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | p-part |
| M42 | 20 | e-aux | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | p-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | p-inf | e-ger | p-part | e-aux |
| M43 | 21 | p-inf | p-inf | e-aux | p-inf | p-inf | p-inf | e-aux | e-inf | p-inf | p-inf | e-aux | e-inf | e-inf | p-inf | e-aux | p-inf | p-ger | e-aux | p-aux |
| M44 | 17 | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | p-aux | p-aux | p-aux | e-inf | e-inf | p-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | p-ger | p-aux | p-aux |
| M45 | 22 | e-aux | P-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | p-aux | e-aux | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-aux | e-inf | e-aux | e-aux | e-ger | e-aux | e-aux |
| M46 | 17 | e-aux | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | p-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | p-ger | e-aux | e-aux |
| M47 | 24 | e-inf | e-aux | e-inf | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-aux | p-ger | e-aux | e-aux |
| M48 | 18 | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | p-inf | e-inf | p-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-ger | p-part | e-aux |
| M49 | 19 | e-aux | e-aux | e-aux | p-aux | e-inf | p-aux | p-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-ger | p-aux | e-aux |
| M50 | 19 | e-aux | p-inf | X5 | X5 | p-inf | e-inf | X5 | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | e-inf | e-inf | X5 | e-inf | X5 | e-ger | X5 | X5 |

Anexos 10 – TCLP: Resultados da tarefa de colocação - NÍVEL SUPERIOR

| ÊNCLISE | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|----------------|-------------|---|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------------------------|------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|----------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Padrão | | ao infinitivo ou ao auxiliar (e-inf)/(e-aux) | | | | | | | Ao infinitivo (e-inf) | | | | | | | ao auxiliar (e-aux) | | | | |
| Grup/pe | rg | C-1 | C-2 | C-3 | C-4 | C-5 | C-7 | C-8 | C-9 | C-6 | C-11 | C-12 | C-15 | C-16 | C-17 | C-19 | C-20 | C-10 | C-13 | C-14 |
| N.º Inq | Idad | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| S51 | 29 | e-aux | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-ger | e-aux | e-aux |
| S52 | 24 | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-ger | e-aux | e-aux |
| S53 | 46 | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | X5 | p-ger | p-part | e-aux |
| S54 | 22 | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | p-inf | p-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | X5 | e-ger | X5 | e-aux |
| S55 | 28 | p-inf | p-inf | e-inf | p-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | p-inf | e-aux | e-aux | p-inf | e-aux | e-ger | p-aux | e-aux |
| S56 | 29 | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | p-inf | e-aux | e-aux | e-aux | p-aux | p-aux | e-aux | p-inf | p-inf | p-inf | p-inf | p-inf | p-ger | p-aux | e-aux |
| S57 | 29 | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-aux | e-inf | p-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | X5 | e-ger | X5 | X5 |
| S58 | 21 | e-inf | p-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-aux |
| S59 | 34 | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-ger | X5 | X5 |
| S60 | 22 | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | p-aux | X5 |
| S61 | 42 | p-aux | p-aux | e-aux | e-aux | p-inf | e-inf | e-inf | e-aux | p-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | e-ger | e-aux | e-aux |
| S62 | 26 | e-inf | e-inf | X5 | X5 | e-inf | X5 | X5 | X5 | p-inf | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | X5 | e-aux | X5 | X5 |
| S63 | 45 | e-aux | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | p-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | p-inf | e-aux | p-part | e-aux |
| S64 | 25 | p-inf | e-inf | p-inf | e-inf | p-inf | p-inf | p-aux | e-inf | p-inf | e-inf | e-aux | e-inf | p-inf | p-inf | e-aux | e-inf | p-ger | e-aux | p-part |
| S65 | 38 | e-aux | e-inf | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | e-aux | p-inf | e-aux | e-aux | p-ger | e-aux | e-aux |
| S66 | 40 | p-inf | p-inf | p-inf | e-inf | e-inf | p-inf | p-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | p-inf | p-inf | e-inf | p-inf | e-ger | p-part | p-part |
| S67 | 48 | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-aux | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-ger | p-aux | e-aux |
| S68 | 47 | - | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | p-inf | e-inf | e-inf | X5 | e-ger | X5 | p-part |
| S69 | 27 | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-aux | p-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | p-ger | e-aux | e-aux |
| S70 | 40 | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | X5 | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | X5 | e-ger | p-aux | p-part |
| S71 | 28 | e-inf | e-inf | e-inf | 2resp | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-ger | e-aux | e-aux |
| S72 | 36 | 2resp | 2resp | 2resp | 2resp | 2resp | e-aux | e-aux | X5 | p-inf | e-inf | p-aux | e-inf | X5 | X5 | e-aux | e-inf | e-ger | p-aux | X5 |
| S73 | 39 | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-inf | e-inf | p-inf | p-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | e-inf | p-ger | e-part | p-part |
| S74 | 21 | e-aux | X5 | e-aux | e-aux | e-inf | e-aux | e-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-aux | e-inf | e-aux | e-inf | p-inf | e-inf | e-aux | e-aux | e-aux |
| S75 | 28 | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux | p-aux | e-aux | e-inf | e-inf | e-inf | p-inf | e-aux | e-aux | e-aux | e-aux |